

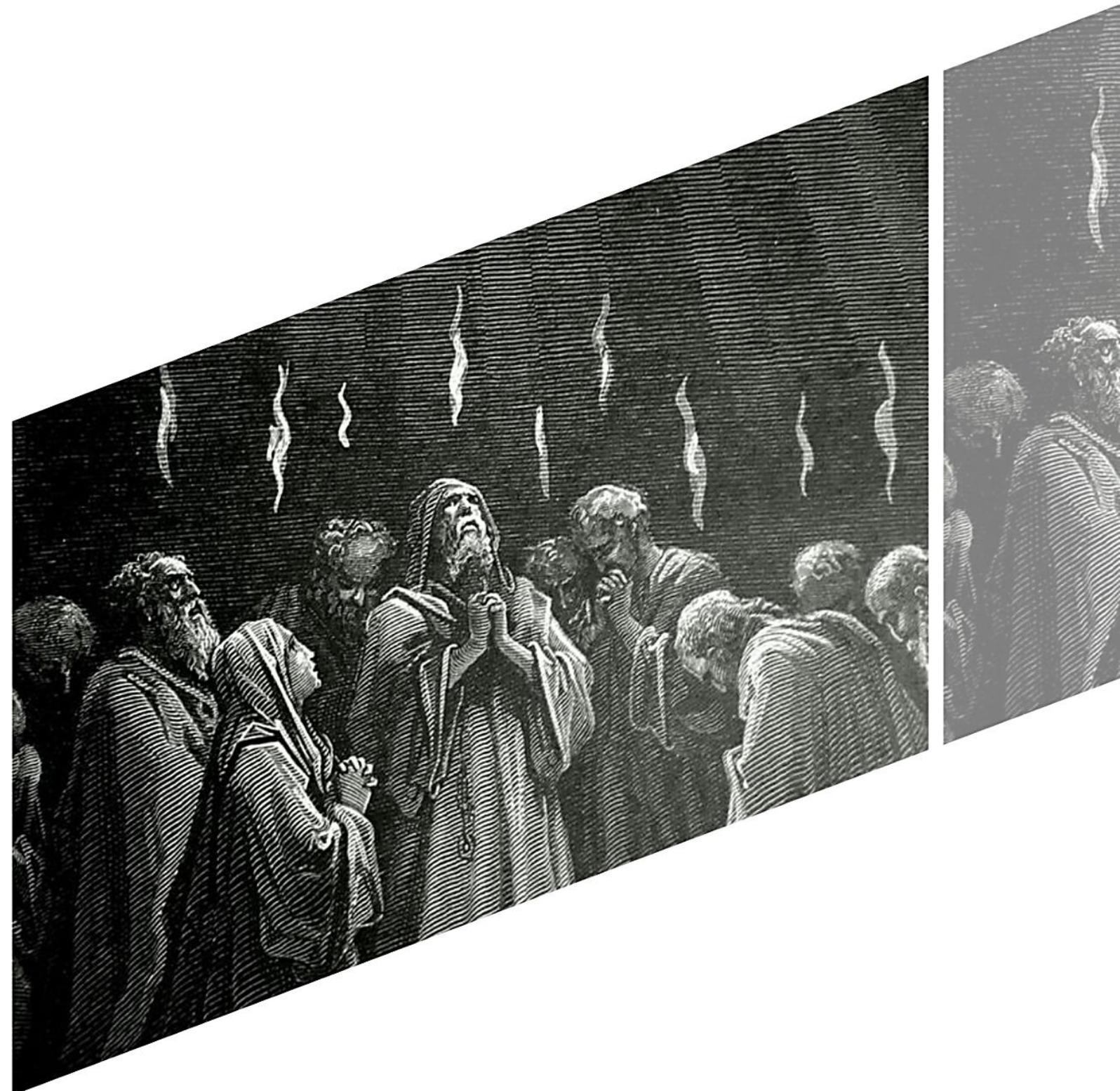
VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB)

Rua Florianópolis, QD 11 - LT 06 - Vila Paraiso, Fama - GO, 74553-520
Telefone: (62) 3211-3077 / www.fasseb.com

Presidentes

Bp. Oídes José do Carmo; Pr. Abinair Vargas Vieira

Instituição Mantenedora

Organização Cultural Educacional Filantrópica (OCEF)

Presidente

Pr. Abinair Vargas Vieira

Diretor Administrativo

Pr. Laudemir Ferreira Nunes

Revista Vox Faifae

Editoria Geral

Prof. Me. Fábio de Sousa Neto, FASSEB, Brasil
Profa. Dra. Lázara Divina Coelho, FASSEB/SPBC, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro, UEG, Brasil
Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Brasil
Prof. Dr. Eurípedes Pereira de Brito, FASSEB, Brasil
Prof. Me. Fábio de Sousa Neto, FASSEB, Brasil
Prof. Dr. Israel Serique dos Santos, UNICAMP, Brasil
Prof. Dr. Jeová Rodrigues dos Santos, FASSEB, Brasil
Prof. Me. José Roberto Alves Loiola, FE, Brasil
Prof. Dr. Helmut Renders, EST/Universidade Metodista, Brasil
Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa, Unicesumar e Mackenzie, Brasil
Prof. Me. Marcos Campos Botelho, FANAP, Brasil
Prof. Dr. Michel Augusto Barbosa da Silva Ferreira, FTRB, Brasil
Prof. Dr. Ricardo Almeida de Paula, UCB, Brasil
Prof. Me. Rogeh Alves Bueno, FASSEB, Brasil
Prof. Dr. Vinícius Oliveira Seabra Guimarães, FAP, Brasil
Prof. Dr. Wellington Cardoso de Oliveira, IFG, Brasil.

Editoria científica

Profa. Ma. Diessyka Fernanda Monteiro, FASSEB, Brasil

Gestor de sistema eletrônico do OJS e Bibliotecário

Bibliotecário Dannilo Ribeiro Garces Bueno, FASSEB, Brasil

Apoio

Secretaria de Apoio Acadêmico da FASSEB

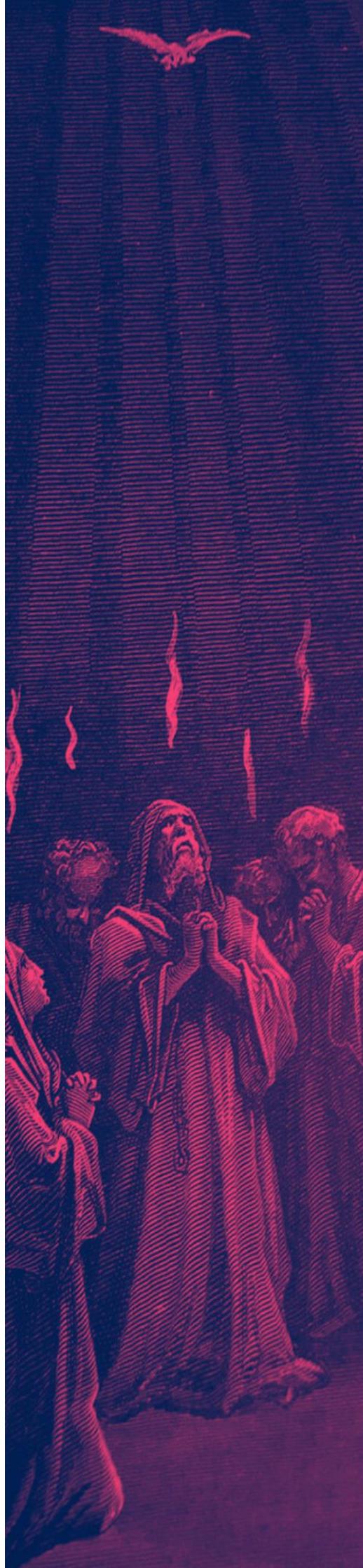
Diagramação

Fábio de Sousa Neto

Capa

Faith: the Magazine of the Catholic diocese of Lansing. Jun 1, 2022| By Patricia Mish

ISSN: 2176-8986



SUMÁRIO

EDITORIAL..... 3

A NATUREZA DOS MODISMOS NA IGREJA 6

Alailson Sivirino Dias

**DA CRIAÇÃO AO MOVIMENTO PENTECOSTAL E ÀS
ASSEMBLEIAS DE DEUS: A MISSÃO ININTERRUPTA DO
ESPÍRITO SANTO..... 20**

Alessandra Grangeiro

Fábio de Sousa Neto

**A PENTECOSTALIDADE DA IGREJA: ENTRE O
CESSACIONISMO E AFIRMAÇÃO DE CONTINUIDADE
DOS DONS ESPIRITUAIS..... 40**

Fábio de Sousa Neto

**O PAPEL DA IGREJA EVANGÉLICA NA PROMOÇÃO DA
SAÚDE MENTAL..... 59**

Gilmar Tavares Reis

**AS DIFERENTES FORMAS DE LITERATURA SAGRADA:
UMA ABORDAGEM SOBRE A BÍBLIA 74**

Fábio de Sousa Neto

Arnold Starley Ramos de Lima

EDITORIAL

A revista Vox Faifae – Revista teológica da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), conta com uma competente equipe editorial, um conselho robusto e colaboradores comprometidos, entre eles, os pareceristas atentos aos rigorosos critérios de publicação. Nota-se o desejo sempre presente de aperfeiçoamento, de promoção da escrita acadêmica relevante, de valorização dos autores e leitores deste veículo.

O resultado de tudo isso é que nas linhas a seguir o leitor terá acesso a artigos muito bem elaborados, versando sobre temas diversos, convidando os vários campos disciplinares ao diálogo sempre respeitoso e agregador. Sendo assim, algumas características mais acentuadas dos artigos aqui reunidos é a interdisciplinaridade, a liberdade de pensamento e o desejo de contribuir com a tarefa teológica contemporânea. Por isso mesmo, registra-se, com deferência os créditos dos autores e suas responsabilidades autorais. Evidentemente, entre os critérios de publicação adotados pela revista situa-se a confessionalidade, uma vez que deseja contribuir para a valorização do pensamento carismático-pentecostal. De todo o modo, esta revista aprecia uma abertura a grande tradição cristã, às riquezas dos depósitos da fé que deseja acima de tudo servir e colaborar.

Dito isso, abrindo essa edição tem-se a questionadora proposta de Alaílson Sivirino Dias conduzindo um diagnóstico sobre “A natureza dos modismos na igreja”. O autor oferece uma alternativa para tais modismos destacando a importância da fidelidade às Escrituras, do discernimento espiritual e do ensino sólido para que a igreja se mantenha firme em sua missão de glorificar a Deus e proclamar o Evangelho.

Na sequência, abordando o tema “Da criação ao movimento pentecostal e às Assembleias de Deus: a missão ininterrupta do Espírito Santo”, Alessandra Grangeiro e Fábio de Sousa examinam a continuidade da atuação do Espírito Santo desde a criação até os grandes avivamentos modernos, com destaque para o movimento da Rua Azusa e a fundação das Assembleias de Deus.

Com o tema “A pentecostalidade da igreja: entre o cessacionismo e afirmação de continuidade dos dons espirituais”, Fábio de Sousa investigou os

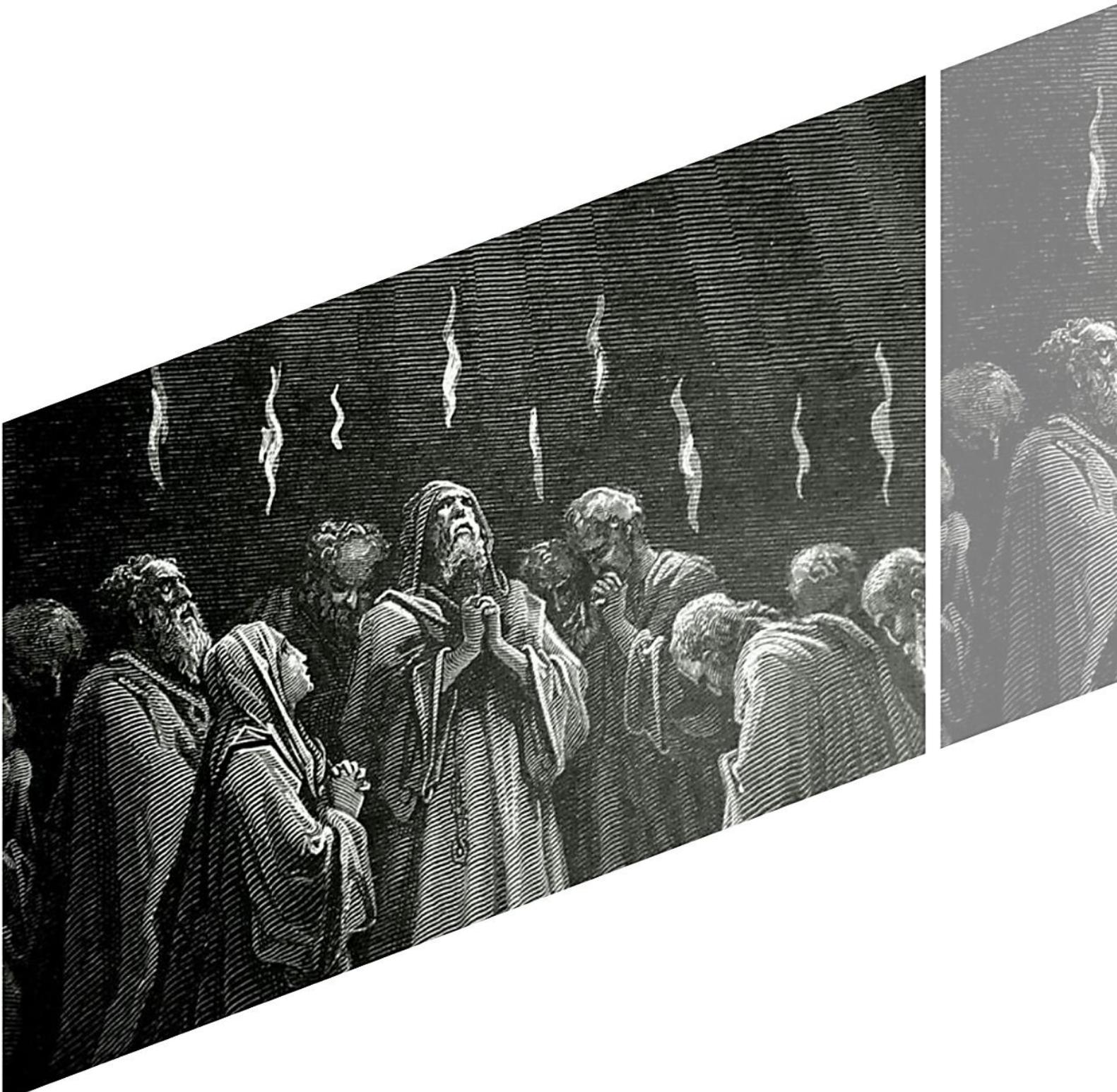
fundamentos bíblicos e teológicos da perspectiva continuacionista, destacando suas implicações para a igreja contemporânea. Na sequência, Gilmar Tavares discorreu sobre “O papel da igreja evangélica na promoção da saúde mental”, defendendo a tese de que a igreja também se configura como comunidade terapêutica e poimênica, sobretudo, oferecendo suporte no cuidado à saúde mental. Por fim, Fábio de Sousa e Arnolld Starlley discorreram sobre os significados da Palavra de Deus em relação a Jesus Cristo e à literatura sagrada, além de investigar os suportes materiais que preservaram esses textos ao longo do tempo.

Com os votos de uma boa leitura,

Me. Fábio de Sousa Neto
Dra. Lázara Divina Coelho
Editores

VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



A NATUREZA DOS MODISMOS NA IGREJA

Alailson Sivirino Dias¹

RESUMO

O presente estudo investiga a influência dos modismos na Igreja, com foco nas práticas e doutrinas temporárias que surgem em resposta às demandas culturais e emocionais, mas que, muitas vezes, se afastam dos ensinamentos bíblicos. A pesquisa visa analisar os impactos desses modismos, como o enfraquecimento da profundidade teológica, a perda da centralidade de Cristo e a diluição da mensagem do Evangelho. Através da reflexão sobre as orientações de teólogos antigos e contemporâneos, a pesquisa propõe que a Igreja deve permanecer firme na fidelidade às Escrituras, resistindo à tentação de adaptar sua mensagem para se acomodar a cultura. Ao contrário da busca pela relevância cultural a qualquer custo, a Igreja deve focar na edificação espiritual sólida e na proclamação inalterada do Evangelho. A fidelidade à doutrina bíblica e ao evangelho de Cristo deve ser o alicerce fundamental para a Igreja enfrentar os desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Modismos. Igreja. Doutrina bíblica. Relevância cultural.

ABSTRACT

This study investigates the influence of fads on the Church, focusing on temporary practices and doctrines that arise in response to cultural and emotional demands, but which often deviate from biblical teachings. The research aims to analyze the impacts of these fads, such as the weakening of theological depth, the loss of the centrality of Christ, and the dilution of the Gospel message. Through reflection on the guidelines of ancient and contemporary theologians, the research proposes that the Church must remain firm in fidelity to the Scriptures, resisting the temptation to adapt its message to accommodate culture. Contrary to the search for cultural relevance at any cost, the Church must focus on solid spiritual edification and the unchanging proclamation of the Gospel. Fidelity to biblical doctrine and the gospel of Christ must be the fundamental foundation for the Church to face contemporary challenges.

Keywords: Fads. Church. Biblical doctrine. Cultural relevance.

¹ Teólogo, mestre e doutorando em Ciências da Religião, professor universitário e pastor vocacionado.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A crescente popularização dos modismos na Igreja tem sido uma questão central nas discussões sobre a saúde teológica e espiritual das comunidades cristãs. O objeto de pesquisa deste estudo são os modismos presentes na Igreja, com foco nas práticas e doutrinas que surgem em resposta às demandas culturais e emocionais da sociedade, mas que frequentemente se distanciam da verdadeira essência do Evangelho.

A justificativa para este estudo reside na constatação de que esses modismos, embora muitas vezes atraentes e eficazes em atrair um público expressivo, têm comprometido a profundidade da adoração e a fidelidade doutrinária, impactando negativamente a edificação espiritual dos fiéis e a verdadeira missão da Igreja.

O objetivo principal é analisar as implicações desses modismos, contrastando-os com os ensinamentos bíblicos e com as orientações de pensadores e teólogos renomados, como Spurgeon, Lewis, Stott e A.W. Tozer. A pesquisa também propõe investigar como a Igreja pode responder a essas tendências, mantendo-se firme na verdade das Escrituras. Para tanto, o problema central que se coloca é: de que maneira os modismos têm alterado a prática e a mensagem da Igreja e como ela pode resistir a esses desvios sem comprometer sua missão fundamental?

Sendo assim, a hipótese provisória deste estudo sugere que, ao adotar práticas inovadoras e doutrinas superficiais, a Igreja pode estar negligenciando o conteúdo transformador e imutável do Evangelho, desviando-se da centralidade de Cristo e dos princípios bíblicos. A busca de certa coerência interna neste trabalho conduziu a escolha de uma orientação teórica que se baseia nas Escrituras Sagradas, no pensamento de grandes nomes da Igreja e nas reflexões de teólogos contemporâneos.

O elemento comum é o alerta contra a busca por relevância a qualquer custo e defesa da necessidade de preservar a integridade doutrinária, reconhecendo os efeitos da queda sobre a totalidade do ser humano, incluindo o intelecto, as emoções, a vontade e a espiritualidade.

1. A NATUREZA DOS MODISMOS NA IGREJA

A palavra “modismo” tem sua definição como certas tendências ou práticas temporárias que frequentemente surgem e se afloram em uma resposta a demandas culturais ou emocionais. Na igreja, no entanto esses modismos podem declinar para técnicas de adoração “inovadoras”, que no afã de trazer algo agradável ao público, perde a essência da genuinidade bíblica, e de incluir doutrinas e teologias que divergem das escrituras.

Embora possam atrair multidões e gerar entusiasmo, sua superficialidade e desconexão com as Escrituras frequentemente comprometem a verdadeira edificação espiritual. Este termo tem um sentido objetivo de desvio doutrinário por não ser fundamentado na bíblia, ter levantes históricos controversos e apresentação teológica inconsistente para a vida da igreja. A prática modista descortinou propósitos de conveniência e táticas proselitistas entre os seus principais atores de proclamação.

Movimentos que se desenvolvem em ramificações e espalham suas invenções e inovações que quase sempre são caracterizadas por exageros e tentativas da representação física e palpável do sagrado; os tradicionais sustentam uma posição restritiva a tais manifestações, exatamente por preservarem seu padrão litúrgico e doutrinário inalterados, e que tal firmamento em dogmas da tradição por si mesmo se constitui como oposição aos modismos.

Desta forma tornou-se notório o crescimento agigantado de igrejas com ênfases “modernas”, que se utilizam de mecanismos carismáticos, e muitas das vezes de apetrechos persuasivos, emprestados de técnicas da psicologia, em seus fundamentos de pregação. Muitos consideram o crescimento numérico como a aprovação deste tipo de trabalho, no entanto, tratando-se de evangelho, a máxima não se completa em encher igrejas de pessoas, e sim de encher as pessoas de Cristo.

Um exemplo clássico foi o movimento do “Evangelho da Prosperidade”, que ganhou força no século XX, prometendo bênçãos materiais em troca de fé e ofertas financeiras. Embora atraente para muitos, essa doutrina foi amplamente criticada por desviar o foco da centralidade de Cristo e da santificação espiritual.

Na Bíblia, encontramos alertas claros contra práticas que desviam da verdade. Pedro, em sua segunda epístola, advertiu contra “heresias de perdição” (2Pe 2.1-2), enfatizando a necessidade de fidelidade à doutrina apostólica. Paulo,

por sua vez, encorajou os cristãos a não serem levados por “ventos de doutrina” (Ef 4.14), destacando a importância do crescimento em maturidade espiritual.

Neste contexto Charles Spurgeon, também conhecido como o "Príncipe dos Pregadores", nos advertiu sobre os perigos de um evangelho diluído, ou raleado. Ele afirma em seu livro que “não cabe à igreja inventar novidades, mas preservar o Evangelho tal como foi entregue”. Para Spurgeon, esses modismos frequentemente desviam a atenção da centralidade de Cristo, que é o ponto principal de nossas pregações, e por fim promovendo distrações que não edificam, não apontam o céu e nem levam ao arrependimento.

Para o escritor C.S. Lewis (1898 – 1963), em seu livro *O Cristianismo Puro e Simples* destacou o valor da doutrina sólida, comparando-a a uma âncora em tempos de tempestade. Ele afirma que a busca por relevância muitas vezes nos conduz ao esquecimento do essencial (LEWIS, 2005). A influência cultural, segundo Lewis, deve ser subordinada à verdade eterna das Escrituras, e não centralizar as vontades terrenas, como prosperidade, curas, e outras experiências. Por outro lado, o conhecido pensador anglicano John Stott (1921 – 2011) deixou esse ponto ainda mais dramático quando ao registrar que:

A principal razão para toda traição ao verdadeiro Jesus é que nós ouvimos com exagerada deferência a moda contemporânea, ao invés de escutarmos a Palavra de Deus. A busca por relevância torna-se tão impetuosa que nós sentimos que temos que capitular diante dela, independente do custo. Estamos acostumados a esse tipo de pressão no mundo dos negócios, onde quem determina o produto da firma são os especialistas em marketing, ao descobrirem o que irá vender, o que o público irá comprar. Às vezes parece que o mercado impõe suas regras também à igreja. Com toda prestatividade, nós cedemos ao espírito moderno, tornando-nos escravos da última moda, e até mesmo idólatras, dispostos a sacrificar a verdade no altar da modernidade. Então a busca por relevância acaba se degenerando, transformando-se em uma obsessão por popularidade (STOTT, 2005, p. 11).

Ainda sobre esse prisma, o autor Max Lucado (1955 –), por sua vez, no livro *Simplesmente como Jesus*, enfatizou a importância de manter o foco na transformação espiritual genuína, em vez de aderir a tendências passageiras. Ele escreveu que a igreja não é chamada a entreter, mas a transformar. Essa frase carrega um peso grande, porque ao compararmos, podemos analisar que em muitos púlpitos, o foco tem sido principalmente as coisas terrenas, conquistas e

holofotes antropocêntricos. Já nos tempos de Spurgeon essas tendências já eram realidade, por isso mesmo, avaliou o pregador batista com seriedade:

Existe um mal entre os que professam pertencer aos arraiais de Cristo, um mal tão grosseiro em sua imprudência, que a maioria dos que possuem pouca visão espiritual dificilmente deixará de perceber. Durante as últimas décadas, esse mal tem se desenvolvido em proporções anormais. Tem agido como o fermento, até que toda a massa fique levedada. O diabo raramente criou algo mais perspicaz do que sugerir à igreja que sua missão consiste em prover entretenimento para as pessoas, tendo em vista ganhá-las para Cristo. A igreja abandonou a pregação ousada, como a dos puritanos; em seguida, ela gradualmente amenizou seu testemunho; depois, passou a aceitar e justificar as frivolidades que estavam em voga no mundo, e no passo seguinte, começou a tolerá-las em suas fronteiras; agora, a igreja as adotou sob o pretexto de ganhar as multidões (SPURGEON, 2000, s/p).

2. A RESPOSTA BÍBLICA AOS MODISMOS

Os bereianos são frequentemente citados como modelo de discernimento espiritual. De acordo com Atos 17.10-11, eles examinavam diariamente as Escrituras para verificar se o ensino que recebiam era fiel à Palavra de Deus. Esse princípio deve orientar as igrejas em relação à adoção de novas práticas e doutrinas.

O apóstolo Paulo também enfatizou a importância de evitar ser levado por ventos de doutrina (Efésios 4.14), encorajando os cristãos a crescerem em maturidade espiritual e firmeza na verdade. Esse crescimento é essencial para que a igreja permaneça fiel à sua missão de proclamar o Evangelho e edificar os santos. Não é sem razão que Radmacher, Aulen e House (2010) ao discorrerem sobre a passagem da carta aos Efésios destacaram que: “líderes instruídos são responsáveis pelo aperfeiçoamento dos santos; estes, estando bem preparados, fazem a obra do ministério e, conseqüentemente, o corpo de Cristo é edificado” (RADMACHER; AULEN; HOUSE, 2010, p. 509).

Ao longo de nossa história, a igreja tem sido influenciada por diversas tendências culturais. Durante a Idade Média, por exemplo, existiram práticas supersticiosas, como a venda de indulgências, o culto às relíquias que ganharam espaço na Igreja Católica Romana (ICAR). A Reforma Protestante, no século XVI, surgiu como uma resposta a esses desvios, propondo o resgate da autoridade das Escrituras e reafirmando o Evangelho da graça.

Esse resgate e valorização das Escrituras como respostas aos modismos de seu tempo, pode ser verificado na escrita de vários reformadores, a exemplo de Jacó Arminio (1560 – 1609). O professor holandês da Universidade de Leiden destacou que:

[...] a Igreja sempre teve Moisés e os profetas, os evangelistas e os apóstolos, isto é, as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento; e essas Escrituras, de forma plena e clara, compreendem o que é necessário para a salvação. Sobre eles a Igreja irá colocar as bases de sua fé e sobre eles repousará como em uma base inabalável, principalmente porque, por mais que possamos apreciar as Confissões e os Catecismos, cada decisão sobre questões de fé e religião deve obter a sua resolução final nas Escrituras (ARMÍNIO, 2015, p. 306).

Não há dúvidas de que os movimentos reformadores do século XVI carregavam boa dose de críticas às tendências daquele contexto, algo que incluía não só questões estritamente doutrinárias e teológicas, mas também os influxos dos humanismos. Isso se nota nas reflexões do reformador de segunda geração João Calvino ao observar que:

[...] de todos os escritos humanos, não há nenhum que, por mais que esteja ornado de requintes de engenho e arte, tenha o poder que a Escritura tem de comover-nos. Admito que a leitura de Demóstenes ou Cícero, de Platão ou Aristóteles, ou de qualquer outro da classe deles, nos atrai maravilhosamente, nos deleita e nos comove ao ponto de nos arrebatam. Mas, quando deles nos transferimos para a leitura das Escrituras Sagradas, queiramos ou não, elas nos despertam tão vivamente, penetram de tal modo o nosso coração e de tal maneira se fixam em nossa medula, que toda a força dos retóricos e dos filósofos se evapora, em comparação com a eficácia das Escrituras no sentimento que nos infundem. Daí se infere que é fácil perceber que as Escrituras Sagradas têm certa propriedade divina pela qual nos inspira. De longe essa qualidade supera todas as virtudes da criatividade humana (CALVINO, 2002, p. 73).

Nota-se, no excerto acima, que Calvino se importava com a *ortodoxia*, a doutrina correta, algo que justificava sua ênfase nas Escrituras. Notadamente, essa mesma ênfase também era responsável por provocar as emoções corretas, ou seja, a *ortopatía*, aquilo que na linguagem do avivalista Jonathan Edwards, adquiriu o significado de “afeições religiosas”, sobretudo, “do amor e da alegria” (EDWARDS, 2018, p. 19).

As evidências históricas, no entanto, indicam que no século XIX irrompeu um movimento que trouxe um renovado fervor espiritual, mas também

experimentou excessos como os encontros marcados por emoções descontroladas e manifestações questionáveis. Além disso, foram adotadas práticas estranhas às Escrituras, objetos fetichizados com conotações litúrgicas, atribuindo a tais objetos o poder de cura, libertação e transformação.

Segundo os proponentes desse tipo de fetichismo, algo que se traduz como “adoração de tudo quanto impressiona a imaginação e a que se atribui poder” (SILVA; SILVA, 2009, p. 332), observa-se certa transferência de poder a lenços, água ungida, entre outros adereços. Não é sem razão que vozes como a de Charles Spurgeon advertiram sobre a necessidade de equilibrar emoção e verdade bíblica.

Nesse ponto é preciso destacar os efeitos *noéticos* da queda. O termo é derivado da palavra grega *nous* (*νοῦς*) que significa mente, razão, intelecto. Dessa forma diferentemente daquela avaliação positiva da razão e de sua pretensa autonomia e capacidades, uma boa teologia bíblica da queda admite o fato incontestável, demonstrado no nível da experiência, que até mesmo a capacidades cognitivas, mentais e racionais foram afetadas pelo pecado. O homem todo, sua mente, corpo, emoções e vontade, sofreu os impactos negativos da queda. Por certo, a obra de Cristo aplicada ao homem, contempla sua totalidade, e isso inclui as emoções.

Entretanto, nos tempos modernos, observa-se a ascensão de movimentos como o “culto contemporâneo”, que introduziu inovações musicais e litúrgicas. Embora tenha contribuído para a aproximação de novos públicos, também geraram críticas sobre a superficialidade e a perda de reverência no culto. Por exemplo, igrejas que adotaram estéticas excessivamente parecidas com shows seculares foram acusadas de diluírem a mensagem do Evangelho.

Aliás, a sociedade do entretenimento atraiu a igreja de tal modo que até mesmo cerimônias com “alto nível sacramental” como o casamento, tem sido engolida pelo espírito da época. Tornou-se recorrente nessas cerimônias, entradas espetaculares, com direito a show pirotécnico, danças sensuais e outras extravagâncias. A seriedade, responsabilidade, senso de dever e sentido de profundidade advindo das representações cristãs sobre o matrimônio como instituição divina, tem dado lugar ao puro entretenimento.

Além disso, casos como o das igrejas “*seeker-friendly*” mostram como a busca por atrair grandes audiências pode levar a compromissos perigosos.

Autores como John Stott (1921 – 2011) alertaram que moldar a mensagem para agradar a cultura pode sacrificar a essência do Evangelho. Em situações extremas, há relatos de igrejas que substituíram a pregação bíblica por discursos motivacionais ou práticas de entretenimento.

Outro exemplo é a proliferação do “evangelho da prosperidade”, que ganhou força no século XX e permanece influente. Essa doutrina distorce passagens bíblicas para afirmar que Deus garante riquezas materiais e saúde perfeita a quem tiver fé suficiente, desviando o foco do verdadeiro Evangelho, que enfatiza a redenção e a vida eterna em Cristo.

2.1 O caminho da firmeza doutrinária

Diante desses desafios, como a igreja deve responder? O exemplo dos bereianos oferece um norte: examinar tudo à luz das Escrituras. Em vez de adotar práticas ou doutrinas pela popularidade, a igreja deve perguntar: "Isso glorifica a Deus? Isso é fiel à Palavra?".

Líderes espirituais também devem investir no discipulado sólido, promovendo o crescimento espiritual dos membros. Paulo, ao escrever a Timóteo, ordenou que pregasse a Palavra "a tempo e fora de tempo" (2 Timóteo 4.2), sabendo que haveria tempos em que as pessoas buscariam ensinamentos que agradassem aos ouvidos.

Por fim, é importante lembrar que, embora a igreja deva se adaptar em termos de métodos para comunicar o Evangelho, nunca deve comprometer sua mensagem. O Evangelho de Cristo é imutável e continua sendo a única esperança para um mundo perdido. Novamente as palavras de Armínio devem ser lembradas, uma vez que, conforme entendia o reformador de Leiden: “cada decisão sobre questões de fé e religião deve obter a sua resolução final nas Escrituras” (ARMÍNIO, 2015, p. 306).

3. IMPACTOS NEGATIVOS DOS MODISMOS

Os modismos enfraquecem a igreja de diversas maneiras. Ao priorizar tendências que apelam às emoções e experiências sensoriais, frequentemente há negligência à profundidade teológica e à formação espiritual duradoura. Evidentemente não se nega aqui aquilo que James K. Smith denominou de *homo liturgicus*, ou seja, não defendemos uma antropologia reducionista que pensa o

ser humano apenas como *homo rationale*, *homo faber*, *homo economicus* ou até mesmo como o *homo religiosus* de Victor Frankl (1905 – 1997) ou de Mircea Eliade (1907 – 1986).

Como ponderou Smith (2018), somos seres no mundo, mergulhados nele, de modo que toda experiência importa, uma vez que nosso ser no mundo é marcado pelo desejo, por uma orientação afetiva, pré-cognitiva, algo que nos empurra ou atrai. Assim:

Dizer que o ser humano é, no fundo, alguém que ama é enfatizar que somos o tipo de animal para quem as coisas têm importância de acordo com maneiras que geralmente não articulamos e não podemos articular. Há uma espécie de impulso (ou atração, dependendo da metáfora) que nos empurra (ou nos puxa) para que hajamos de determinadas maneiras, para que desenvolvamos certos relacionamentos, busquemos determinados bens, façamos sacrifícios e desfrutemos de certas coisas. E no fim das contas, se nos perguntassem por que fazemos tais coisas, acabaríamos por bater nos limites da articulação, embora “saibamos” por que o fazemos: é por causa daquilo que amamos. (SMITH, 2018, p. 52).

De todo o modo, práticas controversas, desvios litúrgicos podem muito bem sinalizar o que ponderou Smith (2018), algo para além de uma abordagem cognitivista, ou seja, são desvios do desejo, do amor, algo de inquietude identificado por Agostinho em sua conhecida oração: “porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, 2004, p. 37).

De fato, essas inquietudes podem gerar divisões internas entre os membros, ameaçando a unidade da igreja. Evidentemente, outro perigo é o desvio doutrinário, onde teologias não bíblicas afastam a mensagem central do Evangelho e colocam em risco a salvação de muitos. Um exemplo notável do perigo das *heterodoxias* ou heresias teve lugar na antiga igreja, levando o *hagiógrafo* a contundente advertência:

Amados, não deem crédito a qualquer espírito, mas provem os espíritos para ver se procedem de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído mundo afora. Nisto vocês reconhecem o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus (ARA – 1 Jo 4:1-2).

Nota-se à luz da história da igreja e da teologia histórica que tais ameaças são recorrentes. Ainda na igreja antiga pós-apostólica Atanásio (296 – 373 d.C.),

bispo de Alexandria teve que encarar o grande desafio de condenar o arianismo tendo em vista o perigo que representou, algo que na avaliação acertada do pai da ortodoxia nicena, colocava em risco a própria salvação, uma vez que se Cristo não fosse Deus encarnado, nenhum homem poderia ser salvo. Desse modo, admite-se aqui que o conteúdo importa, o ensino correto é fundamental, lembrando, entretanto, que ortodoxia sem amor é algo vazio, deficiente, e que pode apontar para atitudes legalistas e anticristãs.

Todavia, para evitar os perigos dos modismos, a igreja deve buscar ser fiel à Palavra de Deus, reconhecendo-a como autoridade suprema em todas as questões de fé e prática. Foi exatamente isso que fez Atanásio, por isso também ficou conhecido como o “pai do cânone. Além disso, discernimento espiritual também é essencial, sendo cultivado por meio da oração e do estudo bíblico. Sendo assim, é indispensável investir em ensinamento sólido, garantindo que pastores e líderes promovam uma compreensão abrangente do Evangelho.

O autor A.W. Tozer (1985) em seu livro *A Busca por Deus*, afirmou que a igreja que perde sua fome pela santidade e pela Palavra torna-se irrelevante. Sua ênfase na adoração verdadeira e na busca pelo Espírito Santo é um chamado contra as distrações modernas. Assim, é crucial que a igreja mantenha o foco em sua missão de glorificar a Deus e proclamar o Evangelho genuíno. Por isso mesmo, o autor considerou sua própria época levantando o seguinte prognóstico:

Cada época tem suas próprias características. Nesse exato instante encontramos-nos em um período de grande complexidade religiosa. A simplicidade existente em Cristo raramente se acha entre nós. Em lugar disso, veem-se apenas programas, métodos, organizações e um mundo de atividades animadas, que ocupam tempo e atenção, mas que jamais podem satisfazer à fome da alma. A superficialidade de nossas experiências íntimas, a forma vazia de nossa adoração, e aquela servil imitação do mundo, que caracterizam nossos métodos promocionais, tudo testifica que nós, em nossos dias, conhecemos a Deus apenas imperfeitamente, e que raramente experimentamos a sua paz (TOZER, 1985, p. 17).

Como afirmou o apóstolo Pedro, devemos permanecer firmes na verdade, resistindo aos falsos ensinamentos e perseverando na esperança da salvação em Cristo (2Pe 1.12-15). Ao seguir esse caminho de fidelidade, a igreja será edificada sobre fundamentos sólidos, pronta para enfrentar os desafios de cada geração. De todo o modo, apesar de nós, das limitações do povo de Jesus, avancemos

com confiança, pois “aquele que começou a boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus” (ARA – Fl 1:6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que os modismos na Igreja, embora possam parecer uma resposta válida às demandas culturais, geram uma série de impactos negativos, desde o enfraquecimento da profundidade teológica até a diluição da mensagem do Evangelho.

A busca por atrair grandes públicos e promover experiências sensoriais e emocionais tem gerado divisões e comprometido a unidade da Igreja, ao mesmo tempo em que se observa um desvio progressivo da fidelidade às Escrituras. Ao analisar as advertências de líderes cristãos do passado e do presente, ficou evidente que a verdadeira missão da Igreja não é entreter ou agradar aos desejos culturais contemporâneos, mas sim proclamar o Evangelho genuíno e edificar os fiéis com uma doutrina sólida e inabalável.

A resposta bíblica aos modismos, como exemplificado pelos bereianos e pelas orientações do apóstolo Paulo, é clara: a Igreja deve examinar todas as práticas e doutrinas à luz das Escrituras, buscar o crescimento espiritual por meio de um discipulado robusto e resistir às tendências que comprometem a mensagem do Evangelho.

Por fim, constata-se que a fidelidade a Cristo e à Sua Palavra deve ser a base sólida sobre a qual a Igreja se edifica, pronta para enfrentar os desafios culturais e as pressões externas, sem renunciar a sua missão de glorificar a Deus e proclamar a salvação em Cristo.

Os modismos na igreja refletem uma tendência preocupante de priorizar o apelo emocional e cultural em detrimento da profundidade teológica e da fidelidade bíblica. Embora seja importante que a igreja busque comunicar o Evangelho de maneira contextualizada, isso nunca deve ocorrer ao custo de diluir a mensagem imutável de Cristo.

Além disso, James K. A. Smith, em suas reflexões sobre o *homo liturgicus*, nos lembra que os seres humanos são fundamentalmente moldados pelo desejo e pela prática habitual. Ele destaca que nossa adoração não é meramente racional, mas também afetiva e corporal, sendo guiada por aquilo que amamos e

aspiramos. Nesse sentido, Smith alerta que práticas litúrgicas malformadas podem orientar nossos afetos de maneira inadequada, afastando-nos da verdadeira adoração a Deus. Quando a igreja adota modismos que reduzem o culto a mero entretenimento ou experiência emocional, ela corre o risco de formar indivíduos que buscam satisfação em estímulos superficiais, e não em Cristo.

Dessa forma, os líderes e comunidades cristãs têm o desafio de construir práticas de adoração que moldem os fiéis de acordo com a Palavra de Deus, formando hábitos espirituais que cultivem um amor profundo e genuíno pelo Criador. Isso requer discernimento, coragem para resistir às pressões culturais e compromisso com a fidelidade doutrinária.

Portanto, a igreja deve permanecer vigilante, sempre retornando às Escrituras como sua autoridade máxima, como ressaltado por pensadores como Armínio, Calvino e Stott. Somente assim será possível resistir aos desvios trazidos pelos modismos, preservando a integridade da fé cristã e cumprindo sua missão de glorificar a Deus e edificar os santos. O verdadeiro Evangelho não precisa de inovações para ser relevante; ele é eternamente poderoso e suficiente para transformar vidas em qualquer contexto cultural ou histórico.

Por fim é preciso registrar que devido à complexidade do tema, o estudo exige maior atenção. Evidentemente essas linhas são apenas introdutórias apontando para a possibilidade de desdobramento da reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ARMÍNIO, Jacó. **As obras de Armínio**. v.1. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, 1993.

CALVINO, João. **As institutas**: edição especial para estudo e pesquisa. v.1. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

EDWARDS, Jonathan. **Afeições religiosas**. Trad. Marcos Vasconcelos e Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LEWIS, C.S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LUCADO, Max. **Simplemente como Jesus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

RADMACHER, Earl. ALLEN, Ronald B. HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais:** a Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SMITH, James K. A. **Desejando o reino:** culto, cosmovisão e formação cultural. Trad. A.G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SPURGEON, Charles H. **Alimentando as ovelhas ou divertindo os bodes?.** São Paulo: Fiel, 2000. (recurso eletrônico). Disponível em: <https://encurtador.com.br/lpJTB>. Acesso em 31 de dez. de 2024.

SPURGEON, Charles. **All of Grace.** Londres: Passmore & Alabaster, 1886.

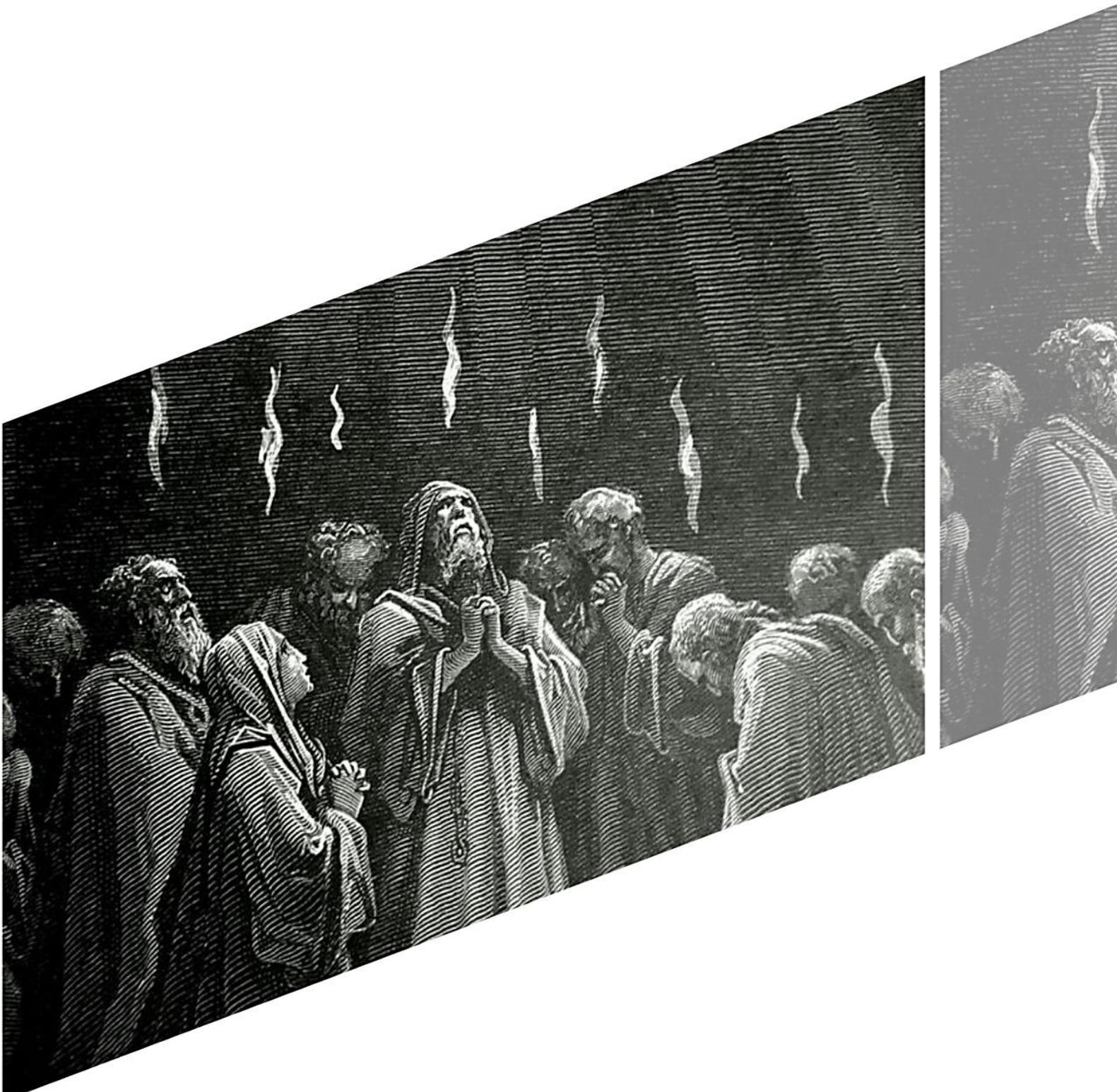
STOTT, John. **Cristianismo Equilibrado.** São Paulo: ABU Editora, 2008.

STOTT, John. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo.** Trad. Silêda Silva Steuernagel. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2005.

TOZER, A.W. **A Busca por Deus.** 4.ed. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1985.

VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



DA CRIAÇÃO AO MOVIMENTO PENTECOSTAL E ÀS ASSEMBLEIAS DE DEUS: A MISSÃO ININTERRUPTA DO ESPÍRITO SANTO

Alessandra Grangeiro¹
Fábio de Sousa Neto²

RESUMO

Este artigo, baseado na obra de Eddie Hyatt 2000 Anos de Cristianismo Carismático, explora a continuidade histórica e teológica da atuação do Espírito Santo, desde a criação até os avivamentos modernos, como o movimento da Rua Azusa e a fundação das Assembleias de Deus no Brasil. A pesquisa destaca marcos fundamentais do cristianismo, incluindo o Pentecostes, os primeiros séculos e os avivamentos dos séculos XVIII e XIX, evidenciando o papel do Espírito na construção da identidade pentecostal. Dialogando com autores como Gedeon Alencar e Fábio de Sousa Neto, o estudo refuta o cessacionismo, reafirmando a atuação contínua do Espírito na Igreja e sua contribuição para a missão global e o testemunho cristão. Além de consolidar a tradição histórica das Assembleias de Deus, o artigo destaca o impacto transformador do pentecostalismo no cenário mundial.

Palavras-chaves: Espírito Santo. Pentecostalismo. Avivamentos. Missão Global.

ABSTRACT

This article, based on Eddie Hyatt's work 2000 Years of Charismatic Christianity, explores the historical and theological continuity of the Holy Spirit's work, from creation to modern revivals, such as the Azusa Street movement and the founding of the Assemblies of God in Brazil. The research highlights fundamental milestones in Christianity, including Pentecost, the first centuries, and the revivals of the 18th and 19th centuries, highlighting the role of the Spirit in the construction of Pentecostal identity. In dialogue with authors such as Gedeon Alencar and Fábio de Sousa Neto, the study refutes cessationism, reaffirming the continuous work of the Spirit in the Church and its contribution to global mission and Christian witness. In addition to consolidating the historical tradition of the Assemblies of God, the article highlights the transformative impact of Pentecostalism on the world stage.

Keywords: Holy Spirit. Pentecostalism. Revivals. Global Mission.

¹ Docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e diretora acadêmica da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). Graduada em Letras e Teologia, e atualmente cursando Psicologia pela FASSEB. É mestre e doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. ORCID: 0000-0001-7297-3467. Perfil no Research Gate Contato: alessandraccosta@gmail.com.

² Mestre em História (PUC-GO). Pós-graduado em Teologia Sistemática (FASSEB), licenciado em História (PUC-GO). Atua como professor universitário e na educação básica. Escritor conteudista e pastor vocacionado. ORCID: 0000-0002-2417-393X. Contato: prof.fabio@fasseb.com.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história do cristianismo é marcada pela atuação contínua do Espírito Santo, cuja presença permeia desde o ato da criação até os grandes avivamentos modernos. Conforme registrado em Atos 2, o Pentecostes inaugura a Igreja como uma comunidade carismática, impulsionada pelo poder do Espírito. No entanto, a atuação do Espírito Santo não se restringiu ao evento de Pentecostes. Ela percorreu séculos, atravessando períodos como a Era Patrística, a Idade Média e a Reforma Protestante, até culminar nos avivamentos que deram origem ao movimento pentecostal moderno.

O presente artigo tem como objetivo examinar a atuação contínua do Espírito Santo desde a criação até o grande avivamento da Rua Azusa, destacando a continuidade teológica e histórica nas Assembleias de Deus. Ao explorar essa trajetória, busca-se compreender como a pentecostalidade, entendida como a manifestação da essência carismática da Igreja, integra-se à identidade e à missão das Assembleias de Deus. Para isso, utiliza-se uma abordagem histórico-teológica, fundamentada em pesquisa bibliográfica com obras de referência, como o *Dicionário do Movimento Pentecostal*, de Isael Araújo, e *2000 Anos de Cristianismo Carismático*, de Eddie Hyatt.

A pergunta que orienta esta investigação é a seguinte: de que forma as Assembleias de Deus incorporam a tradição histórica e teológica da atuação contínua do Espírito Santo desde a criação? Parte-se da hipótese de que as Assembleias de Deus são herdeiras dessa tradição, preservando e difundindo a pentecostalidade como característica intrínseca da Igreja de Cristo. Essa continuidade, sustentada por uma sólida base histórica e teológica, reflete-se tanto na prática carismática quanto na teologia que define o movimento.

A estrutura do artigo está dividida em quatro seções principais. A primeira seção explora a atuação do Espírito Santo na criação e na história bíblica, desde os relatos de Gênesis até os do Novo Testamento. Em seguida, a segunda seção analisa as manifestações carismáticas na história da Igreja, com foco na Era Patrística, na Idade Média e na Reforma Protestante. A terceira seção discute o movimento pentecostal moderno, com ênfase no avivamento da Rua Azusa como marco global. Finalmente, a última seção aborda a tradição histórica e teológica

das Assembleias de Deus, refletindo sobre como o movimento integra a continuidade da atuação do Espírito Santo em sua identidade.

Conclui-se que as Assembleias de Deus possuem uma tradição profundamente enraizada na história e teologia cristãs, posicionando-se como continuadoras da missão do Espírito Santo. Essa trajetória reafirma o papel central da pentecostalidade na vivência cristã, promovendo uma fé vibrante e autêntica que se conecta tanto à narrativa bíblica quanto às demandas contemporâneas da Igreja.

1. O ESPÍRITO SANTO NA CRIAÇÃO E NA HISTÓRIA BÍBLICA

1.1 O Espírito Santo no Antigo Testamento

A narrativa bíblica apresenta o Espírito Santo como agente de criação, renovação e manutenção da vida, desde o relato inicial de Gênesis 1:2, onde o “Espírito de Deus pairava sobre as águas”, até os atos transformadores na história do povo de Deus. No Antigo Testamento, o termo hebraico *ruach* (רוּחַ), que significa vento, fôlego ou espírito, encapsula o poder divino em ação tanto no cosmos quanto na vida humana (Jó 33:4; Salmo 104:30). Essa visão destaca o Espírito Santo como fonte e sustentador da vida, evidenciando uma conexão íntima entre o Criador e sua criação.

Ao longo das Escrituras, o Espírito Santo opera em três dimensões principais: criação, capacitação e renovação. Ele é o Espírito criador que trouxe ordem ao caos no Gênesis e o capacitador divino que inspira e equipa líderes como Bezalel na construção do tabernáculo (Êxodo 31:2-3) e profetas como Isaías, que anuncia: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim” (Isaías 61:1). Nos Salmos e na literatura sapiencial, o Espírito é celebrado como fonte de sabedoria e renovação espiritual, indicando uma atuação contínua na vida do povo de Deus.

1.1 O Espírito Santo no Novo Testamento

No Novo Testamento, a atuação do Espírito Santo ganha centralidade na missão redentora de Cristo e no nascimento da Igreja. Ele é o agente por trás da

encarnação, conduz o ministério de Jesus e desce sobre os apóstolos no Pentecostes, inaugurando a Igreja como uma comunidade carismática (Atos 2). O Pentecostes não apenas marca o início da propagação global do evangelho, mas reafirma a continuidade do Espírito na missão divina: "Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas" (Atos 1:8).

Essa trajetória bíblica é essencial para compreender o papel do Espírito Santo na formação e consolidação do movimento pentecostal. Desde a criação até o Pentecostes, a atuação do Espírito reflete sua missão de capacitar o povo de Deus a viver em comunhão com o Criador e a cumprir o chamado de ser luz para as nações. Essa mesma dinâmica inspirará, séculos depois, movimentos como o da Rua Azusa e a fundação das Assembleias de Deus, reafirmando que o Espírito permanece ativo na renovação e expansão da Igreja.

2. DA PERSEGUIÇÃO À EXPANSÃO: O ESPÍRITO SANTO NA HISTÓRIA DA IGREJA

2.1 Na antiguidade

A promessa de Jesus em Atos 1:8, cumprida no Pentecostes, estabelece o Espírito Santo como o agente que sustenta e conduz a Igreja em sua missão até os confins da terra. Essa atuação contínua transcende o período apostólico e se manifesta em momentos-chave da história, mesmo em tempos de perseguição e de institucionalização. A continuidade do Espírito pode ser observada em diversos períodos históricos, como na Era Patrística, na Idade Média e nos movimentos pré-pentecostais, que prepararam o terreno para o pentecostalismo moderno e, conseqüentemente, para o surgimento das Assembleias de Deus. Esse fio condutor reafirma o objetivo geral deste artigo: demonstrar como a ação histórica do Espírito Santo encontra sua continuidade na missão e identidade das Assembleias de Deus.

Os primeiros séculos da Igreja, marcados por perseguições externas e debates internos, ofereceram um terreno fértil para a atuação do Espírito Santo. Durante esse período, figuras importantes da patrística testemunharam e defenderam a continuidade dos dons espirituais como parte da identidade cristã.

Esses líderes não apenas reconheceram as manifestações carismáticas, mas as interpretaram como evidências da presença viva de Deus na Igreja.

Irineu de Lyon (130-202 d.C.), discípulo de Policarpo e herdeiro da tradição apostólica, foi um dos principais defensores da continuidade carismática. Em sua obra *Contra as Heresias*, Irineu argumentava que os dons espirituais, como curas e profecias, eram sinais do verdadeiro cristianismo. Para ele, essas manifestações eram tanto uma confirmação da missão da Igreja quanto um testemunho da autenticidade da fé cristã.

Tertuliano (160-220 d.C.), conhecido por seu apoio ao movimento montanista, reforçou a importância das manifestações carismáticas como parte essencial da vida cristã. Em obras como *De Anima*, Tertuliano defendia que o Espírito Santo continuava a operar por meio de profecias e revelações, proporcionando direção e poder espiritual à Igreja. Embora o montanismo tenha enfrentado resistência e sido rotulado como herético, sua ênfase no Espírito Santo e na experiência carismática contribuiu para manter viva a expectativa por um cristianismo dinâmico e cheio do Espírito.

Outros líderes, como Justino Mártir (100-165 d.C.) e Cipriano de Cartago (200-258 d.C.), também registraram a presença contínua do Espírito em suas comunidades. Justino, em suas obras apologéticas, mencionava que os dons carismáticos, como curas e expulsão de demônios, eram evidentes entre os cristãos de sua época, enquanto Cipriano destacava fenômenos como visões e profecias como demonstrações da ação do Espírito.

O movimento montanista, liderado por Montano da Frígia e suas seguidoras Priscila e Maximila, representa um ponto significativo nesse contexto. Embora controverso, o montanismo defendia uma espiritualidade marcada por profecias contínuas, visões e uma vida ascética, que buscava retornar à fervorosidade do cristianismo apostólico. Apesar de ser rejeitado pela Igreja institucional, que temia sua ênfase em revelações diretas e autonomia profética, o movimento destacou a importância da experiência carismática como uma expressão legítima da fé cristã.

Orígenes (185-254 d.C.), por sua vez, reconhecia a operação do Espírito na Igreja por meio de dons como a profecia, que considerava uma evidência da continuidade espiritual do cristianismo. Novaciano, em seu tratado *De Trinitate*, reafirmou a natureza divina do Espírito Santo e a relevância dos dons carismáticos

como expressão da presença de Deus. No contexto da igreja primitiva, Hyatt afirma que “esses testemunhos demonstram com clareza que os dons espirituais, inclusive o de falar em línguas, mantiveram-se comuns na igreja desde o Dia de Pentecostes até o começo do quarto século” (HYATT, 2018, p. 42).

Esse período patrístico, rico em manifestações e reflexões teológicas sobre o Espírito Santo, demonstra que os dons espirituais permaneceram como uma força viva na Igreja, resistindo às pressões externas e internas. Embora movimentos como o montanismo tenham sido marginalizados, a atuação do Espírito continuou a ser reconhecida e celebrada, mesmo em meio a tensões doutrinárias e institucionais.

Esses registros históricos não apenas reforçam a manifestação duradoura do Espírito Santo desde o Pentecostes, mas também preparam o terreno, no sentido de dar continuidade histórica, para a compreensão da dinâmica carismática que seria revitalizada em momentos de renovação e avivamento, culminando no movimento pentecostal moderno. Assim, a Era Patrística desempenha um papel crucial na articulação da narrativa pentecostal, conectando a promessa de Atos 1:8 ao surgimento de movimentos como o das Assembleias de Deus.

2.1 Na Idade Média

A Idade Média, frequentemente vista como um período de declínio espiritual devido à crescente institucionalização da Igreja, foi também um tempo em que o Espírito Santo continuou a operar de maneira profunda e transformadora. Conforme apontado por Eddie Hyatt em *2000 Anos de Cristianismo Carismático*, mesmo com a consolidação de uma hierarquia eclesiástica rígida e a busca por estabilidade política, a chama do Espírito permaneceu viva em movimentos de renovação espiritual e carismática, especialmente no monasticismo e em comunidades de dissidência como os Valdenses.

A conversão de Constantino e a consequente institucionalização do cristianismo trouxeram mudanças significativas à prática da fé. O cristianismo, antes perseguido, tornou-se religião oficial do Império Romano, recebendo recursos e poder político. Evidentemente a oficialidade do cristianismo como religião imperial só ocorreu posteriormente no período de Teodósio I. Essa

transição, no entanto, teve um custo espiritual: a Igreja começou a adotar rituais mais formais e a distanciar-se das práticas espontâneas e carismáticas que haviam caracterizado o cristianismo primitivo. A preocupação com a ordem e a estabilidade institucional levou a uma postura de cautela em relação às manifestações sobrenaturais do Espírito, que passaram a ser vistas como potencialmente disruptivas. Evidentemente essa perda das atividades carismáticas se fez sentir no contexto anterior ao século IV, prova disso foi o movimento montanista que atraiu até mesmo o grande Tertuliano de Cartago.

Nesse contexto, os mosteiros emergiram como centros de preservação da espiritualidade carismática. Monges como Antão do Deserto (251–356 d.C.) e Pacômio (292–348 d.C.) buscaram uma conexão profunda com Deus, cultivando práticas espirituais que incluíam visões, curas e experiências místicas. Conforme Hyatt observa, esses monges consideravam que o Espírito Santo ainda operava poderosamente em suas vidas e comunidades, especialmente em momentos de oração e disciplina espiritual. O monasticismo, particularmente em seus primeiros séculos, tornou-se um refúgio para aqueles que buscavam a presença ativa do Espírito em meio a um ambiente cada vez mais institucionalizado.

Antão do Deserto, considerado o pai do monasticismo cristão, dedicou sua vida à devoção no deserto, enfrentando combates espirituais intensos e relatando visões que, segundo ele, eram manifestações do Espírito Santo. Seu legado foi preservado por Atanásio de Alexandria (296–373 d.C.), que escreveu sua biografia, enfatizando as experiências carismáticas de Antão como exemplo de uma espiritualidade vibrante e inspiradora. Pacômio, por sua vez, fundou comunidades monásticas que combinavam a vida em comunhão com disciplinas espirituais rigorosas, criando um espaço onde a presença do Espírito poderia ser vivenciada de maneira tangível.

Além do monasticismo, ordens posteriores como os cistercienses, franciscanos e dominicanos renovaram o fervor espiritual na Europa medieval. Bernardo de Claraval, líder dos cistercienses, enfatizou a simplicidade e a oração fervorosa como meios de experimentar o poder transformador do Espírito Santo. Francisco de Assis, fundador dos franciscanos, tornou-se um ícone da espiritualidade carismática por meio de suas visões e da estigmatização, evidências de uma profunda conexão com Deus. Essas ordens escolheram viver

entre o povo, pregando e servindo, mantendo vivas as experiências carismáticas que muitas vezes haviam sido suprimidas pela institucionalização.

Movimentos dissidentes, como os Valdenses, também desempenharam um papel significativo na preservação do cristianismo carismático durante a Idade Média. Conhecidos por seguirem os ensinamentos e o modo de vida do comerciante francês Pedro Valdo (1140 – 1205 d.C.), os Valdenses enfatizavam a simplicidade e a fidelidade às Escrituras, rejeitando práticas institucionais que consideravam corruptas (GONZÁLEZ, 1986, p. 110). Apesar de perseguidos pela Igreja oficial, mantiveram doutrinas como a cura divina e práticas de evangelismo fervoroso, demonstrando o Espírito Santo como fio condutor da história cristã em sua comunidade. Conforme Hyatt destaca, esses movimentos representaram uma resistência à crescente formalização e um retorno à essência espiritual do cristianismo primitivo.

Por outro lado, a institucionalização da Igreja resultou em excessos e exageros que, muitas vezes, obscureceram a verdadeira obra do Espírito. Como apontado por historiadores como Jean Bolland, citado por Hyatt (2018), relatos de milagres e experiências místicas foram gradualmente misturados com lendas e práticas supersticiosas, o que levou ao declínio espiritual de muitas ordens monásticas por volta do século VI. Ainda assim, momentos de renovação, como o surgimento das novas ordens no final da Idade Média, reacenderam o fervor carismático e prepararam o terreno para os movimentos de avivamento que surgiriam posteriormente.

Conforme Hyatt (2018) reflete, a Idade Média não foi um período de ausência do Espírito Santo, mas de adaptação de sua obra em meio a estruturas institucionais e mudanças culturais. Apesar dos desafios, o Espírito continuou a operar, capacitando indivíduos e movimentos que mantiveram a chama do cristianismo carismático acesa. Nas palavras do autor:

Durante a Idade Média, os milagres eram relacionados exclusivamente ao estilo de vida monástico. Na igreja apostólica, os *charismata* estavam disponíveis para que todos pudessem se beneficiar. Porém, na igreja medieval, os dons miraculosos se tornaram propriedade única daqueles santos místicos que se retiravam do mundo e da sociedade (HYATT, 2018, p. 73).

Essa continuidade se tornou a base para os avivamentos subsequentes que culminariam no pentecostalismo moderno, reafirmando o papel essencial do Espírito Santo na história da Igreja. Os séculos de história cristã, marcados por períodos de avivamento e renovação, apontam para uma constante: o Espírito Santo como agente transformador. É nessa linha de continuidade que o movimento pentecostal moderno emerge, consolidando práticas e experiências que renovaram o cristianismo global.

2.2 Na Idade Moderna: renovação e precursores do movimento pentecostal

A Idade Moderna testemunhou profundas transformações religiosas que prepararam o terreno para o surgimento do pentecostalismo moderno. Movimentos reformistas, avivamentos espirituais e a redescoberta de experiências carismáticas evidenciaram a continuidade do agir do Espírito Santo. Nesse período, líderes visionários e comunidades fervorosas reacenderam o desejo por uma fé viva e dinâmica, fundamentada na experiência direta com Deus.

2.2.1 Lutero e a Reforma: redescobrimo a autoridade do Espírito Santo

Martinho Lutero desempenhou um papel central na Reforma Protestante, desafiando a autoridade da Igreja Católica ao afirmar que a salvação era pela graça mediante a fé (Efésios 2:8-9) e que a Bíblia era a única fonte de autoridade divina. Em sua obra *O Cativo Babilônico da Igreja*, Lutero reconheceu a ação direta do Espírito Santo, declarando que foi guiado por Ele em suas reflexões teológicas. Essa convicção pavimentou o caminho para movimentos posteriores que enfatizariam a regeneração e a santificação operadas pelo Espírito.

Apesar de sua oposição às práticas carismáticas não mediadas pelas Escrituras, Lutero não negava o papel do Espírito Santo na transformação dos crentes. Ele via o Espírito como essencial na interpretação bíblica e na capacitação para uma vida cristã autêntica. Seus contemporâneos, como Melancton, reconheciam seu impacto espiritual, referindo-se a ele como “Elias” e destacando sua conexão profética com o Espírito.

2.2.2 Os Anabatistas: radicalidade e dependência do Espírito

Os anabatistas, uma ala radical da Reforma, buscaram retornar à simplicidade e fervor do cristianismo primitivo. Rejeitaram o batismo infantil e

enfatazaram a experiência pessoal com o Espírito Santo como evidência de uma fé genuína. Inspirados por Atos 2:42-47, viviam em comunidades que praticavam oração fervorosa, partilha de bens e dons espirituais como curas e profecias.

George H. Williams, em *The Radical Reformation*, citado por Hyatt, descreve os anabatistas como pioneiros na busca por uma fé livre de mediações institucionais. Sua ênfase na liberdade do Espírito ressoava em 2 Coríntios 3:17: “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.” Embora perseguidos tanto por católicos quanto por reformados, sua dedicação ao Espírito como guia direto influenciou movimentos futuros.

2.2.3 Os Quakers e a “Luz Interior”

No século XVII, os quakers, liderados por George Fox, destacaram a presença contínua do Espírito Santo em todos os crentes, promovendo uma espiritualidade centrada na “luz interior”. Essa visão fundamentava-se em João 4:24: “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” Rejeitando rituais externos e hierarquias, os quakers buscavam discernir a direção do Espírito em encontros marcados por silêncio e inspiração direta.

Eddie Hyatt observa que os quakers experimentaram manifestações como visões e curas, indicando a continuidade do agir do Espírito. Segundo ele, “em uma geração, aqueles que se chamavam quakers se tornaram o movimento que mais cresceu na civilização ocidental (...) Esse movimento impressionante do século XVI de fato foi carismático” (HYATT, 2018, p. 124). Além disso, sua atuação social, como a luta contra a escravidão, refletia o impacto transformador do Espírito na sociedade, cumprindo Isaías 61:1.

2.2.4 O Avivamento Moraviano: oração e missões

No início do século XVIII, os moravianos, liderados por Nicolau von Zinzendorf, iniciaram um dos mais notáveis avivamentos espirituais da Idade Moderna. Em Herrnhut, em 1727, o Espírito Santo trouxe um avivamento que resultou em uma vigília de oração contínua que durou mais de um século. Com uma visão clara de missões, os moravianos enviaram missionários a lugares remotos, cumprindo Atos 1:8: “Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo.”

Hyatt (2018) destaca que a união e o fervor dos moravianos influenciaram movimentos como o metodismo e o pentecostalismo moderno. Sua dedicação à oração e evangelismo demonstrou o poder capacitador do Espírito para transformar indivíduos e comunidades.

2.2.5 *O Metodismo: santidade e fervor evangelístico*

John Wesley, fundador do metodismo, pregou sobre a justificação pela fé e a santificação pelo Espírito como pilares da vida cristã. Após sua conversão em 1738, Wesley enfatizou que o Espírito Santo capacita os crentes a viverem em santidade e impulsiona o fervor evangelístico. Hyatt (2018) afirma que:

A ideia de uma operação da graça após a regeneração não havia sido enfatizada desde o quarto século e, aliada à abertura para as experiências ao mesmo tempo pessoais e espirituais, ela se tornou um fator importante para estabelecer o estágio do movimento pentecostal/carismático do século XX. Por esse motivo, o historiador pentecostal Vinson Synan se referiu a Wesley como o “pai do Movimento Pentecostal” (HYATT, 2018, p. 137).

Pregações ao ar livre e encontros de oração foram marcados por manifestações espirituais, como lágrimas de arrependimento e curas.

George Whitefield, um dos maiores pregadores metodistas, atraiu multidões com mensagens de arrependimento e salvação. Suas pregações frequentemente resultavam em avivamentos, mostrando que o Espírito Santo continua a operar poderosamente na vida dos crentes.

2.2.6 *O Movimento Holiness e o Caminho para o Pentecostalismo*

No século XIX, o movimento *Holiness* preparou o terreno para o pentecostalismo, enfatizando a santificação e a consagração total a Deus. Phoebe Palmer, uma das líderes desse movimento, redefiniu a experiência de santificação como “batismo no Espírito Santo,” destacando sua conexão com o poder espiritual. Essa mudança semântica foi essencial para moldar o pensamento pentecostal. Segundo Hyatt (2018):

Por meio da ampla influência de Palmer, a terminologia pentecostal finalmente substituiu a wesleyana para descrever a segunda bênção. Em vez de *santificação*, agora se dizia *batismo do Espírito Santo* e, em vez de *purificação do pecado*, a bênção agora era a *concessão de poder* (HYATT, 2018, p. 161).

A. J. Gordon também contribuiu significativamente ao articular o batismo no Espírito Santo como uma experiência subsequente à conversão, acompanhado por dons espirituais como línguas e curas. Esses líderes foram fundamentais para o surgimento do pentecostalismo, que encontraria sua expressão mais marcante no avivamento da Rua Azusa.

3 A RUA AZUSA: O BERÇO DO PENTECOSTALISMO MODERNO

O Avivamento da Rua Azusa, ocorrido em 1906 em Los Angeles, marcou um dos momentos mais significativos da história do cristianismo moderno, dando origem ao movimento pentecostal global. Liderado por William J. Seymour, esse avivamento foi caracterizado por uma busca intensa pela presença do Espírito Santo, pela manifestação dos dons espirituais e por uma unidade que transcendeu barreiras raciais e sociais. A partir desse movimento, a mensagem pentecostal se espalhou pelo mundo, culminando no nascimento das Assembleias de Deus, que continuam a expandir o Reino de Deus até os dias atuais.

3.1 A Rua Azusa: o reavivamento do Espírito

William J. Seymour, uma figura central no movimento pentecostal, destacou-se por sua humildade, profunda espiritualidade e compromisso com a mensagem de Atos 2:4: o batismo no Espírito Santo acompanhado pela evidência de falar em línguas. Seymour enfrentou desafios significativos, incluindo as restrições raciais impostas pela segregação nos Estados Unidos. Contudo, sua perseverança na busca por Deus e sua vida de oração fervorosa o prepararam para liderar o que seria conhecido como o Avivamento da Rua Azusa.

Em abril de 1906, as reuniões lideradas por Seymour encontraram um novo lar em um galpão na Rua Azusa, nº 312, em Los Angeles. Esse local se tornaria o epicentro de um movimento que impactaria milhões de pessoas em todo o mundo. Os cultos na Rua Azusa eram marcados pela simplicidade e pela poderosa manifestação do Espírito Santo, incluindo profecias, curas, e o falar em línguas. O galpão logo se tornou um símbolo do avivamento, com pessoas de todas as raças e origens sociais se reunindo em busca de uma experiência transformadora com Deus.

Eddie Hyatt, em *2000 Anos de Cristianismo Carismático*, descreve o Avivamento da Rua Azusa como um momento de quebra de paradigmas, em que o Espírito Santo uniu crentes de diferentes contextos, desafiando preconceitos raciais e denominacionais. A partir desse humilde local, missionários foram enviados para diversas partes do mundo, levando consigo a mensagem pentecostal e as experiências vividas na Rua Azusa.

3.2 O impacto global e o nascimento das Assembleias de Deus

O movimento da Rua Azusa, com suas manifestações carismáticas e fervor missionário, transcendeu fronteiras, influenciando diretamente líderes que trouxeram essa mensagem ao Brasil. Daniel Berg e Gunnar Vingren exemplificaram essa continuidade, fundando as Assembleias de Deus e adaptando o *ethos* pentecostal às necessidades espirituais e culturais do país.

Em 1910, Daniel Berg e Gunnar Vingren, impactados por esse movimento, chegaram a Belém do Pará e fundaram, depois de uma separação da liderança da igreja Batista, as Assembleias de Deus. Essa denominação rapidamente se tornou o maior movimento evangélico do Brasil, espalhando a mensagem do batismo no Espírito Santo e das manifestações carismáticas por todo o país.

De acordo com Gedeon Alencar, o pentecostalismo das Assembleias de Deus, fundado em 1911 no Brasil, está profundamente enraizado no *ethos* missionário inaugurado na Rua Azusa. Em sua tese, *Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia (1911-2011)*, Alencar analisa como os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren trouxeram essa chama pentecostal ao Brasil, plantando as bases para o maior movimento evangélico do país.

Inspirados pelo movimento iniciado em Azusa, Berg e Vingren chegaram a Belém do Pará em 1910, vindos dos Estados Unidos, com a missão de expandir a mensagem do pentecostalismo. A partir de sua dissidência da Igreja Batista, fundaram a Missão de Fé Apostólica, mais tarde denominada Assembleia de Deus, refletindo a conexão com a tradição pentecostal emergente.

Alencar, em *Assembleias de Deus – Origem, Implantação e Militância (1911-1946)*, pontua que o crescimento inicial foi alimentado tanto pela experiência carismática quanto pela migração interna, especialmente durante o

ciclo da borracha, o que permitiu a rápida disseminação do movimento para regiões urbanas e rurais do Brasil.

No avivamento da Rua Azusa, elementos como glossolalia, profecia e curas foram centrais, características que se tornaram marcas das Assembleias de Deus. Segundo Sousa Neto (2021), em sua dissertação, o movimento pentecostal brasileiro apropriou-se dessas práticas como parte de sua identidade, ao mesmo tempo em que as adaptou às realidades culturais e sociais do país. Ele descreve as Assembleias de Deus como uma igreja que combinou o carisma espiritual com a expansão institucional, mantendo um *ethos* missionário que dialogava com a periferia urbana e rural.

Nesse sentido, pode-se apontar o impacto contemporâneo do Pentecostalismo no Brasil. Segundo o último Censo Demográfico (2010), os evangélicos representam cerca de 22% da população brasileira, sendo que 60% deste grupo se identifica com igrejas pentecostais, como as Assembleias de Deus. Estimativas mais recentes sugerem que os evangélicos já superam 30% da população, em grande parte devido ao crescimento do pentecostalismo.

No que diz respeito à atuação social, as Assembleias de Deus têm ampla presença em projetos sociais, como recuperação de dependentes químicos, assistência a famílias vulneráveis e promoção de educação básica em regiões carentes, além de sua atuação no Ensino Superior, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura - MEC, por meio de instituições como a Faculdade Assembleiana do Brasil - FASSEB.

No amplo espectro da cultura, o movimento pentecostal tem influenciado a música, literatura e mídia no Brasil. A literatura evangélica, incluindo obras de teólogos pentecostais, também cresceu, com editoras como a Betel e a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) liderando a publicação de conteúdo cristão no país. A influência e atuação dos pentecostais também se mostra na esfera política, especialmente por meio da Bancada Evangélica no Congresso Nacional, influenciando debates sobre ética, direitos sociais e liberdade religiosa.

A conexão entre a Rua Azusa e o nascimento das Assembleias de Deus é um testemunho da presença transformadora do Espírito que atravessa épocas e culturas. De Azusa para Belém, o pentecostalismo brasileiro não apenas importou práticas, mas também reinterpreto seu papel na transformação espiritual e social.

Este vínculo é amplamente explorado em trabalhos como o do bispo Abigail Carlos de Almeida, que narra os desafios e triunfos dos pioneiros em sua obra sobre a implantação do movimento pentecostal em Goiás.

A fundação das Assembleias de Deus representou a continuidade do avivamento iniciado na Rua Azusa, adaptando sua mensagem e prática ao contexto brasileiro. Desde sua chegada, os missionários pentecostais enfatizaram a santidade, a evangelização e a capacitação espiritual por meio do Espírito Santo, além de adotarem inicialmente o mesmo nome utilizado na pequena congregação multirracial em Los Angeles, ou seja, Missão de Fé Apostólica, que nos Estados Unidos havia recebido o nome *Apostolic Faith Mission*.

Em Goiás, o movimento se consolidou por meio, dentre vários outros significativos e também importantes, de ministérios como Campinas e Fama, liderados, atualmente, pelo bispo Oídes José do Carmo e pelo pastor Abinair Vargas Vieira, respectivamente, que desempenharam, e continuam desempenhando, papéis fundamentais na expansão do pentecostalismo na região.

A FASSEB (Faculdade Assembleiana do Brasil) é um exemplo contemporâneo dessa continuidade, nesse caso com foco na educação, conforme é também uma tradição desse movimento, funcionando como um centro de formação de líderes comprometidos com a pregação do Evangelho e com o ensino das doutrinas pentecostais. Assim como os pioneiros da Rua Azusa, a FASSEB mantém viva a chama do Espírito Santo, preparando novas gerações para o serviço no Reino de Deus.

O Avivamento da Rua Azusa e a fundação das Assembleias de Deus são evidências poderosas da ação contínua do Espírito Santo ao longo da história. Desde o Pentecostes até os dias atuais, o Espírito tem capacitado a Igreja para enfrentar desafios, superar barreiras e levar a mensagem de Cristo até os confins da terra.

Esse movimento global, que teve início em um galpão humilde, demonstra que o mesmo Espírito que desceu no dia de Pentecostes continua ativo, renovando vidas e transformando comunidades em todo o mundo, mas agora dentro de grandes templos e instituições de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Igreja é marcada pela atuação contínua e transformadora do Espírito Santo, desde o relato de Pentecostes em Atos 2 até os grandes movimentos de avivamento que moldaram o cristianismo ao longo dos séculos. Essa narrativa evidencia que o Espírito não apenas capacitou a Igreja Primitiva, mas também manteve viva a chama do evangelho em momentos cruciais da história, inspirando líderes, renovando comunidades e rompendo barreiras culturais, sociais e geográficas.

O Avivamento da Rua Azusa, liderado por William Seymour, destaca-se como um marco na história moderna da Igreja. Em um contexto de segregação racial e institucionalismo religioso, o Espírito Santo manifestou-se de forma poderosa, unindo pessoas de diferentes origens em uma busca comum por Deus. Esse movimento não apenas reacendeu a espiritualidade carismática, mas também lançou as bases para o pentecostalismo global, cuja mensagem alcançou o Brasil por meio de missionários como Daniel Berg e Gunnar Vingren, culminando na fundação das Assembleias de Deus.

As Assembleias de Deus, como herdeiras desse legado, tornaram-se instrumentos de Deus para a expansão do cristianismo no Brasil e no mundo. A ênfase no batismo no Espírito Santo, na evangelização e na formação de líderes demonstra a fidelidade do Espírito em capacitar sua Igreja para cumprir a missão descrita em Atos 1:8: "Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra."

Este artigo evidenciou que o Espírito Santo, desde a criação, tem agido como o principal agente de renovação e de transformação na história da Igreja. Da Criação ao Pentecostes, e deste aos avivamentos modernos como o da Rua Azusa, essa atuação moldou a espiritualidade cristã. Culminando na fundação das Assembleias de Deus no Brasil, vemos como a missão do Espírito Santo se mantém viva, adaptando-se às demandas de cada tempo e cultura, mas sempre guiando a Igreja no cumprimento de sua vocação. Essa história demonstra que, mesmo em tempos de adversidade, o Espírito Santo se manifesta com poder para transformar vidas, moldar comunidades e impulsionar a missão da Igreja. Hoje,

instituições como a FASSEB continuam a promover essa visão, formando líderes e reafirmando a relevância da mensagem pentecostal para as gerações futuras.

Além disso, o artigo oferece uma resposta ao cessacionismo, que argumenta que os dons espirituais cessaram com a era apostólica. Diferente dessa perspectiva, a teologia pentecostal reafirma que a continuidade dos *charismata* está enraizada na imutabilidade de Deus e na missão contínua da Igreja. Como apontado por (2017), Efésios 2:20, frequentemente usado pelos cessacionistas, não limita os dons à era apostólica, mas os insere na ação perene do Espírito Santo na Igreja.

Da mesma forma, Efésios 4:11-12 destaca que os dons ministeriais têm um propósito contínuo de edificação do corpo de Cristo. Essa visão é fortalecida pela compreensão de que a Igreja, em sua essência, é católica e transcende o tempo e espaço, permanecendo conectada ao período apostólico por meio da atuação constante do Espírito Santo.

Assim, o mesmo Espírito que operou no dia de Pentecostes continua ativo, renovando a Igreja e chamando-a a ser luz para as nações. Este é o testemunho que ecoa desde a criação até o grande avivamento da Rua Azusa: o Espírito Santo permanece fiel, guiando e fortalecendo a Igreja em sua missão até que Cristo volte.

O movimento pentecostal, herdeiro de uma rica história de renovação espiritual, continua a mostrar sua relevância no século XXI. Diante de desafios contemporâneos como o secularismo, as crises sociais e o pluralismo religioso, o pentecostalismo reafirma seu papel como uma força transformadora, oferecendo uma fé vibrante e prática que se conecta às necessidades das comunidades globais.

Ao preservar a centralidade do Espírito Santo como agente de renovação e capacitação, as Assembleias de Deus e outros movimentos pentecostais têm o potencial de inspirar novas gerações, mantendo-se como protagonistas na expansão do cristianismo e na promoção de justiça, reconciliação e esperança em um mundo em constante mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, história e tipologia (1911-2011)**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus – Origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

ALMEIDA, Abigail Carlos de. **Assembleias de Deus em Goiás: relatos de um pioneiro no coração do Brasil**. Goiânia: Editora Visão, 2015.

ARAÚJO, Israel de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até aos confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo. A era dos altos ideais**. v.4. Trad. Hansudo Fucus. São Paulo: Vida Nova, 1986.

HILDEBRANDT, Wilf. **Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã e Edições Loyola, 2008.

HYATT, Eddie. **2000 Anos de Cristianismo Carismático: uma história da continuidade dos avivamentos espirituais desde o Pentecostes até o presente**. Natal: Carisma Editora, 2018.

SOUSA NETO, Fábio de. “O Senhor vos tem dado a cidade”: demonstração da fé nos espaços públicos pela Assembleia de Deus. In: FERREIRA, Reginaldo Cruz (Org.). **Pentecostalismo e Sociedade: das origens aos movimentos, da sociedade religiosa mercantilista ao retorno à Palavra**. Goiânia: Editora Cruz, 2019. p. 11-52.

SOUSA NETO, Fábio de. **A Igreja Evangélica Assembleia de Deus: pode ser de Deus, mas, também é anapolina, goiana e brasileira**. Anápolis: Jornal Visão Anápolis, 2020.

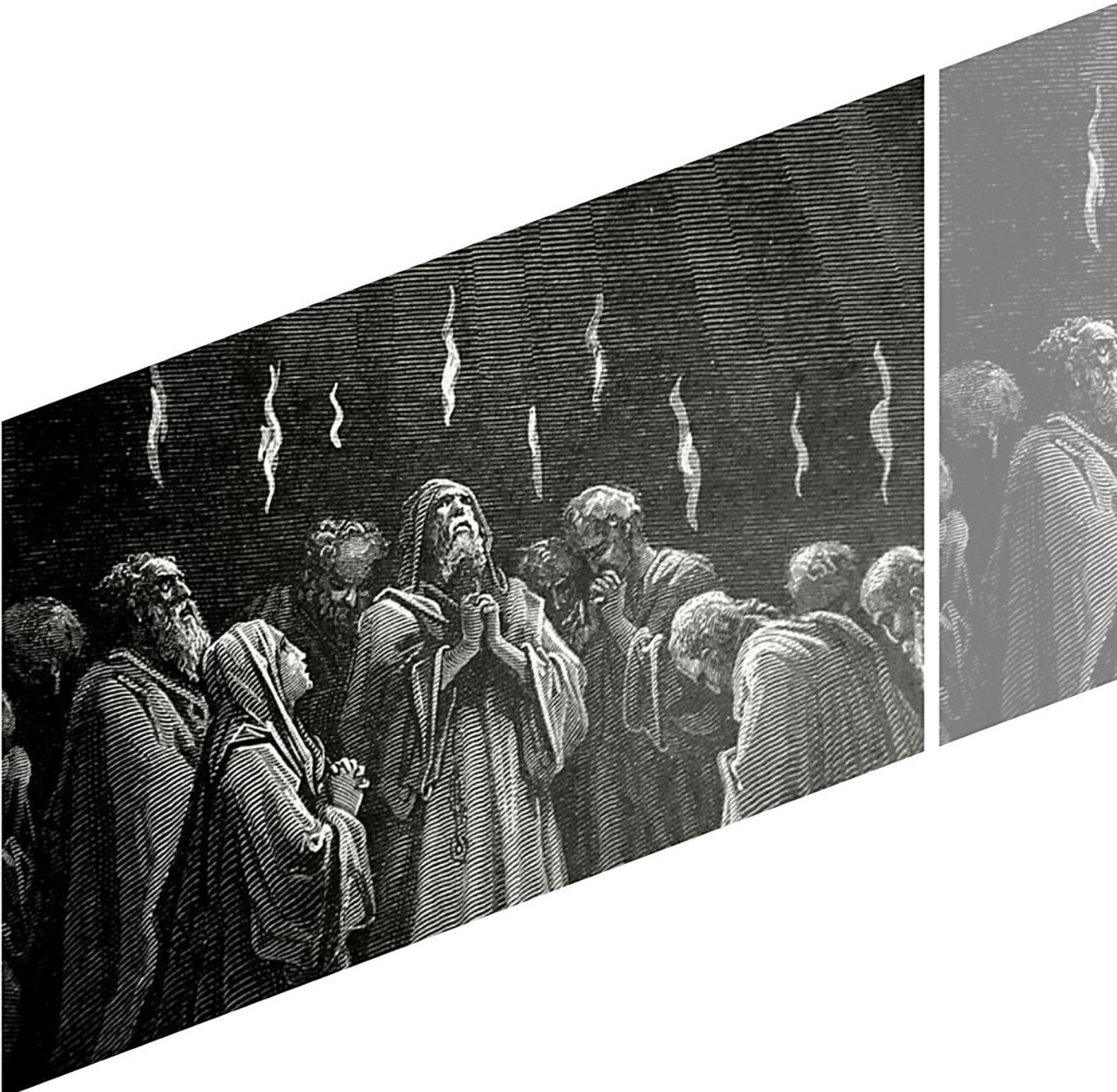
SOUSA NETO, Fábio de. **Representações sobre o campo religioso brasileiro: uma análise das Assembleias de Deus**. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021.

ANEXO ÚNICO: Linha do tempo: a evolução do movimento pentecostal até as Assembleias de Deus

ANO/PERÍODO	EVENTO
33 D.C.	Pentecostes: Descida do Espírito Santo sobre os apóstolos em Jerusalém, marcando o início da Igreja Cristã (Atos 2).
SÉCULOS II-IV	Manifestações carismáticas continuam na Igreja Primitiva, como relatado por Irineu, Tertuliano e outros líderes patrísticos.
SÉCULO IV	Consolidação do Cristianismo como religião oficial do Império Romano. O monasticismo preserva práticas carismáticas.
SÉCULOS XII-XV	Movimentos dissidentes, como os Valdenses, enfatizam simplicidade, dons espirituais e evangelismo fervoroso.
SÉCULO XVI	Reforma Protestante: Martinho Lutero e outros reformadores ressaltam a ação do Espírito Santo na fé e na interpretação das Escrituras.
SÉCULO XVIII	Avivamento Moraviano e o Metodismo de John Wesley reacendem o fervor espiritual e destacam o poder do Espírito na santificação e missão.
SÉCULO XIX	Movimento Holiness nos EUA enfatiza o "batismo no Espírito Santo" e prepara o terreno para o pentecostalismo moderno.
1901	Topeka, Kansas: Agnes Ozman fala em línguas após oração liderada por Charles Parham, considerado o início do pentecostalismo.
1906-1909	Avivamento da Rua Azusa, Los Angeles: Liderado por William Seymour, caracteriza-se por manifestações carismáticas e fervor missionário.
1910	Daniel Berg e Gunnar Vingren chegam ao Brasil, trazendo a mensagem pentecostal inspirada pelo movimento da Rua Azusa.
1911	Fundação das Assembleias de Deus no Brasil, em Belém do Pará, por Daniel Berg e Gunnar Vingren, consolidando o pentecostalismo no país.

VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



A PENTECOSTALIDADE DA IGREJA: ENTRE O CESSACIONISMO E AFIRMAÇÃO DE CONTINUIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

Fábio de Sousa Neto¹

RESUMO

O presente artigo investiga o tema da pentecostalidade da igreja, considerando, sobretudo, a relação com a *práxis* pentecostal, especificamente a tensão entre o cessacionismo e o continuísmo. O estudo parte da constatação de que o "novo cristianismo global" é amplamente reconhecido por um imaginário e práticas pentecostais ou carismáticas, que enfatizam a continuidade dos dons espirituais e a abertura para o miraculoso. Além disso, reconhece-se a influência do iluminismo sobre visões cessacionistas mantidas por alguns grupos cristãos, o que representa um desafio em meio ao pluralismo e relativismo contemporâneos. A pesquisa utiliza uma abordagem bibliográfica e qualitativa, analisando fontes teológicas e históricas cuja principal categoria de análise são os *charismata* (dons espirituais) e seus reflexos na *práxis* da igreja. A questão central interroga a relevância da afirmação da continuidade dos dons espirituais na atualidade, partindo da hipótese de que essa continuidade sustenta o cristianismo bíblico e apostólico.

Palavras-chave: Pentecostalidade. Dons espirituais. Cessacionismo. Charismata. *Práxis* pentecostal.

ABSTRACT

This article investigates the theme of the Pentecostality of the church, considering, above all, its relationship with Pentecostal praxis, specifically the tension between cessationism and continuationism. The study starts from the observation that the "new global Christianity" is widely recognized by a Pentecostal or charismatic imaginary and practices that emphasize the continuity of spiritual gifts and openness to the miraculous. In addition, the influence of the Enlightenment on cessationist views held by some Christian groups is recognized, which represents a challenge amid contemporary pluralism and relativism. The research uses a bibliographical and qualitative approach, analyzing theological and historical sources whose main category of analysis is the *charismata* (spiritual gifts) and their reflections on the *praxis* of the church. The central question questions the relevance of the affirmation of the continuity of spiritual gifts today, starting from the hypothesis that this continuity sustains biblical and apostolic Christianity.

Key-words: Pentecostality. Spiritual gifts. Cessationism. Charismata. Pentecostal praxis.

¹ Possui mestrado e licenciatura em História (PUC-GO). Pós-graduado em Teologia Sistemática (FASSEB). Atua como professor universitário e na educação básica. Escritor conteudista e pastor vocacionado. ORCID: 0000-0002-2417-393X. Contato: prof.fabio@fasseb.com.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Quando recebi o batismo, falei novas línguas, justamente como está escrito que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecostes, em Atos 2. É impossível descrever a alegria que encheu o meu coração. Eternamente o louvarei, pois Ele me batizou com o seu Espírito Santo e com fogo”.

(Adolph Gunnar Vingren)

O artigo propõe abordar o tema “A pentecostalidade da igreja: entre o cessacionismo e afirmação de continuidade dos dons espirituais”. A justificativa para tal empreendimento vem na constatação de que uma das maiores expressões do cristianismo contemporâneo, o denominado “novo cristianismo global” identificado por Hyatt (2018, p. 19) como “o segmento mais dinâmico e crescente da cristandade” é decididamente pentecostal e carismático. Tal designação implica no reconhecimento de que esse tipo de experiência cristã defende a continuidade dos dons espirituais, uma abertura radical para o miraculoso. Outra razão para se dedicar ao tema é a constatação de certa influência permanente do iluminismo sobre a visão cessacionista nutrida por alguns grupos ditos cristãos, além de outros desafios da contemporaneidade como o pluralismo e o relativismo religioso e cultural.

Dito isso, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica de abordagem qualitativa cuja metodologia consiste mais em uma técnica ou procedimento de pesquisa onde as fontes exploradas e tratadas tiveram como principal categoria de análise os termos, “dons espirituais” (*charismata*) sinais, maravilhas e expressões correlatas, considerando suas manifestações na bíblia, na história da igreja e em parte do discurso teológico. Quanto a orientação teórica, fundamenta-se, entre outros, nos trabalhos de Araújo (2015, 2016), Codling (2016), Hyatt (2016), Ruthven (2017), Smith (2020), Stronstad (2023), Sousa Neto (2021;2024), Keener (2011).

A interrogação que se faz aqui aponta o problema da pesquisa, qual seja: qual a relevância da afirmação de continuidade dos dons espirituais na atualidade? Para tentar responder tal pergunta-problema a hipótese provisória

pode ser apresentada da seguinte forma: a afirmação da continuidade dos dons espirituais possui várias implicações, entre elas a própria continuidade história do cristianismo bíblico e apostólico, algo que incide nas práticas dos cristãos, ou seja, na *práxis* da igreja. Com isso se quer afirmar a pentecostalidade da igreja sendo o movimento pentecostal a caixa de ressonância dessa característica.

Ao falar de pentecostalidade da igreja, poder-se-ia relacionar esse termo ao conceito de “Princípio Pentecostal” utilizado pelo pensador pentecostal peruano Bernardo Campos para falar de uma base fundacional comum, qual seja, “a experiência e o relato do Pentecostes originário de Atos 2, 4, 10 e 19” (CAMPOS, 2018, p. 17). Se bem que Campos, pelo menos em nossa leitura, caminha para um tipo de universalismo ao admitir que o Espírito Santo não só acompanha a igreja, sob espiritualidades distintas ou nos termos de certo pluralismo confessional, mas também sustenta o mundo, incluindo “as grandes religiões como o judaísmo, o islamismo e o cristianismo” (CAMPOS, 2018, p. 17).

Portanto, o objetivo básico desse artigo é explorar os fundamentos da afirmação de continuidade dos dons espirituais no contexto atual da Igreja, a partir da perspectiva teológica pentecostal, configurando uma resposta ao dito cessacionismo. Para isso, na construção do objeto de pesquisa, pelo menos três objetivos devem ser elencados, quais sejam: 1) apresentar a abordagem bíblica dos *charismata*; 2) introduzir o problema do cessacionismo e sua relação com a epistemologia classicista de base racionalista; 3) expor a defesa pentecostal/carismática da continuidade dos *charismata* e suas implicações para a igreja contemporânea. Como se observará na sequência, cada objetivo corresponde a um tópico do texto.

1. O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE OS *CHARISMATA*

Antes de qualquer análise de profundidade (mesmo que não seja o escopo desse artigo) é preciso reconhecer os pressupostos de qualquer cristão que considera a Bíblia como um livro inspirado por Deus, portanto, fonte de autoridade sobre a vida e à experiência da igreja. Esse pressuposto básico (embora o próprio reconhecimento de sua inspiração também seja um) é identificado na abertura que o leitor tem em relação aos milagres.

As Escrituras são formadas por um conjunto de narrativas, e outros gêneros textuais que admitem e advogam o miraculoso. Afinal, qualquer pessoa que

professa a fé cristã e seus principais dogmas admite que o Deus da Bíblia e da igreja é o Deus que se revela. Logo, o que se verifica de imediato é esse pressuposto de que há um Deus que se fez conhecido e continua intervindo no mundo, sustentando o cosmo, a igreja e conduzindo seu plano na história até a consumação.

Esse plano divino revelado nas Escrituras contou com inúmeras intervenções sobrenaturais, desde o espetáculo original da criação, dos muitos modos em que Deus se deu a conhecer por meio de teofanias e demonstração de seu poder tendo como objeto os patriarcas, profetas, reis, homens e mulheres comuns que a narrativa bíblica nos apresenta. Por fim, ao chegar o momento adequado (Gl 4.4), Deus mesmo se fez carne na Pessoa do Filho, o Verbo divino, a saber, Jesus Cristo (Jo 1.14). Sobre isso informa o autor aos Hebreus: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho [...]” (Hb 1.1).

Definitivamente a fé cristã que considera os livros sagrados dos antigos Hebreus, do povo de Israel e dos Judeus é uma religião de milagres. Não é sem razão que Koperski (2018) ao perguntar sobre o que Deus faz, para além da criação e da providência admite os milagres, entendendo que:

Do ponto de vista bíblico, a resposta parece clara. No Antigo Testamento, há atos de Deus que são contrários ao fluxo normal da natureza. Alguns são pequenos, como uma cabeça de machado que flutua (2Reis 6); outros são dramáticos, como as pragas contra o Egito (Êxodo 7—10). No Novo Testamento, há milagres realizados por Jesus, mas também há “sinais e maravilhas” provocados pelo poder de Deus trabalhando através de seus seguidores: Pedro curando o coxo (Atos 3) e os dons espirituais da cura e milagres mencionados por Paulo (1Coríntios 12), entre outros (KOPERSKI, 2018, p. 44).

O Antigo Testamento está repleto de narrativas milagrosas a multiplicação dos milagres a exemplo da abertura do Mar Vermelho (Êx 14. 21-29), do Jordão (Js 3.14-17), a preservação do povo de Israel durante a travessia pelo deserto, o que incluiu fornecimento sobrenatural de água (Êx 17. 5-6), carne (Nm 11.32) e pão (Êx 16. 12-35), curas (2 Rs 5.14), profecias (I Rs 14. 1-17), êxtase profético (Ez 1.1). Mais adiante, a narrativa sagrada apresenta ressurreições de mortos (1 Rs 17.22; 2 Rs 4.35), até uma corrida sobrenatural em estilo cinematográfico (1 Rs 19.8) que culminou em transladação (2 Rs 2. 1-12). O termo que aparece no

Antigo Testamento para designar diretamente as ações miraculosas de Deus é $\alpha\lambda\epsilon\upsilon$, leia-se *pâlá*, traduzido no livro de Josué (Js 3. 5) por “maravilhas”.

As Escrituras hebraicas também dão ênfase ao Espírito Santo (heb. רוח קדש – *ruach kodesh*) como aquele que origina as atividades carismáticas, ou seja, é a fonte dos *charismata*. Como registraram Sousa Neto e Grangeiro (2024):

[...] *ruach* (רוח) também reveste de forças, coragem e outras virtudes. Opera sobre os juízes de Israel e os profetas. Em relação aos primeiros, os habilita para a defesa do povo, para isso entrega virtudes especiais. Não é sem razão que certa teologia bíblica tem afirmado “que a intrepidez dos juízes para a guerra não é natural, mas exclusivamente um dom divino” (STRONSTAD, 2020, p. 95). Por causa disso, os juízes recebem a classificação de “profetas guerreiros carismáticos” identificados com o modelo de Josué (ibidem, p. 95).

Nesse caso, o método divino é o revestimento do Espírito que na linguagem bíblica diz sobre Otniel: “Veio sobre ele o Espírito do Senhor” (ARA – Jz 3.10), ou sobre Gideão: “Então o Espírito do SENHOR revestiu” (ARA – Jz 6.34), e ainda sobre Sansão, informa que *ruach* (רוח) “começou a incitá-lo” (ARA – Jz 13.25). Em relação ao profeta, *ruach* (רוח) comunica dotações carismáticas especiais, vocaciona e utiliza-o como seu porta-voz. Por isso a palavra hebraica para profeta, נביא “nabi”, traz em sua raiz o sentido de “proclamar ou anunciar”. Além disso, como registraram Radmacher, Allen e House (2010, p. 1180): “Outra possibilidade é a de que ela derive do vocábulo hebraico que significa borbulhar ou derramar”. Assim, concluíram os autores que a “profecia pode ser comparada a algo que “borbulha” do Espírito Santo no íntimo da pessoa que entrega a mensagem divina” (ibidem, p. 1180) (SOUSA NETO; GRANGEIRO, 2024, p. 14-15).

Como se nota com relativa facilidade, os escritos do Novo Testamento também estão eivados de sobrenaturalismo. Não é sem razão que os teólogos bíblicos observaram que “no evangelho de Marcos, as curas são especialmente notáveis” (ALEXANDER; ROSNER, 2009, p. 398). Nessa mesma direção segue o conhecido erudito pentecostal Craig Keener (1960 –). O autor chamou a atenção da comunidade teológica ao publicar em 2011 o livro “*Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts*” (*Milagres: A credibilidade dos relatos do Novo Testamento*).

Keener (2011) explorou um *corpus* documental extremamente vasto, documentos antigos e várias obras historiográficas, exercício que possibilitou a catalogação de impressionantes testemunhos de milagres ocorridos até mesmo na modernidade. Contudo, a intensão do autor não foi provar os milagres, mas desvelar aquilo que está por trás da visão anti-sobrenaturalista. Assim, o autor destacou que desde o advento do Iluminismo, a reflexão acadêmica tem sido

marcada por uma inclinação naturalista e cética em relação ao sobrenatural, percorrendo diversas disciplinas como a psicologia, a sociologia e a antropologia. Esse mesmo padrão se aplica à área dos estudos bíblicos. Esse ponto será abordado com maior cuidado logo abaixo.

Antes, porém, convém registrar que o termo transliterado *charismata*, do grego *χαρίσματα* como aparece na carta aos Coríntios (1 Co 12.9) traz o significado comum de dons, assim mesmo no plural e diz respeito aos dons espirituais que Deus concede ao crente. Aliás, o texto grego de autoria paulina recomenda com ênfase que todos os cristãos devem *ζηλοῦτε δὲ τὰ χαρίσματα τὰ μείζονα*, ou seja, desejar, perseguir, procurar os “dons” (*charismata*) mais importantes (1 Co 12.31). Evidentemente a audiência de Paulo era carismática como demonstram as várias passagens do Novo Testamento sobre curas, línguas, profecias e outras atividades carismáticas “extraordinárias”. Desde já, deve-se registrar que uma problematização dos dons extraordinários deve ser levantada no terceiro tópico.

Digno de nota é a obra lucana composta de um tratado em dois volumes, ou seja, Lucas-Atos. Sabe-se que o movimento pentecostal privilegia a historiografia judaico-helenística que, sem nenhuma dúvida, destaca tanto a Pessoa do Espírito Santo quanto as atividades carismáticas na vida e ministério de Jesus e sua continuidade na comunidade apostólica.

Além da natureza historiográfica do registro lucano, o movimento pentecostal entende que o conteúdo narrativo apresenta ensino que se assume como paradigmático para a vida da igreja. A articulação entre esses textos narrativos e aqueles propositivos de autoria paulina fornecem a base escriturística para a afirmação da continuidade dos *charismata* na vida da igreja.

Como é possível perceber, os pentecostais e carismáticos possuem uma leitura bíblica que em muitos aspectos os diferenciam de outros grupos, algo que tem levantado uma discussão sobre a possibilidade de uma hermenêutica pentecostal. É justamente por causa dessa acuidade hermenêutica que afirma a validade do cânone em sua totalidade, considerando tanto textos narrativos e propositivos, sobretudo o *corpus* lucano, seu conteúdo ao mesmo tempo historiográfico e teológico que se tem um modelo, um paradigma para a igreja contemporânea. Sendo assim, os pentecostais podem ser considerados cristão genuinamente bíblicos.

Por isso mesmo, nessa leitura os milagres e os dons que tiveram lugar na experiência da antiga igreja, muitos deles confirmados pelo *corpus* lucano são assumidos como válidos na experiência contemporânea de qualquer cristão, uma vez que não se encontra no texto canônico qualquer evidência de cessação dos *charismata*. Esse ponto será desenvolvido com maior cuidado no último tópico desse texto.

De todo o modo, uma classificação baseada nas Escrituras aponta para diferentes aspectos da dotação carismática ou seja: os dons de serviço (Rm12. 6-8), dons espirituais propriamente ditos (1Co 12. 8-10), e dons ministeriais (Ef 4.11). Todos os *charismata* encontram fundamentação nas Escrituras do Novo Testamento e serão devidamente apresentados no último tópico deste texto. Passemos agora a discorrer resumidamente sobre o cessacionismo, ou seja, ensino segundo o qual os *charismata* foram evidenciados apenas no período da igreja apostólica.

2. O CESSACIONISMO E SUA RELAÇÃO COM A EPISTEMOLOGIA CLASSICISTA DE BASE RACIONALISTA

Foi exposto acima, mesmo introdutoriamente que as evidências dos *charismata* são consistentes com o espírito das Escrituras uma vez que o Deus que se revelou o fez de modo miraculoso, inclusive, concedendo dons àquele com quem se relacionava. Como se observa com relativa facilidade, as atividades carismáticas do Espírito Santo ocuparam lugar especial nos registros do Antigo e Novo Testamentos. Logo, a pergunta que se faz agora é: mesmo constatando que a totalidade das Escrituras admitem os milagres, os *charismata*, por qual razão um grupo de cristãos insiste em negar a continuidade dos milagres, os dons bíblicos na atualidade? A esses se dá o nome de cessacionistas.

Por cessacionismo se quer designar a crença de que os dons espirituais não possuem ressonância no período pós-bíblico, ou seja, cessaram logo após a era apostólica. Como bem registrou Siqueira (2023, p. 83): “De acordo com a lógica cessacionista, os textos paulinos sobre os dons passam a exercer atualmente apenas o registro histórico de uma espiritualidade antiga e superada”.

Em obra recente organizada por um expoente da teologia pentecostal, César Moisés Carvalho, Sousa Neto (2021) procurou a partir da análise do discurso, desvelar a lógica cessacionista, denunciando o discurso teológico que

tem ao longo dos anos procurado subalternizar a teologia e a prática dos pentecostais. O autor enfatizou que determinados sujeitos operacionalizaram o poder-saber, uma racionalidade classicista (cartesianismo) como único objetivo de excluir ou marginalizar os pentecostais. Evidentemente o autor trouxe à luz algo que está assentado em um tipo de racionalidade cartesiana que julga ser superior à outras racionalidades, como tem sido o caso do desdém com que certos atores tratam a experiência pentecostal.

Um influente e conhecido cessacionista foi o teólogo calvinista Benjamim B. Warfield que publicou no início do século XX o título “*Counterfeit Miracles*”, ou seja, *Milagres falsificados*, onde defendeu a *cessação dos “charismata”*. Ruthven (2017) chamou a atenção para essa leitura que de nenhum modo é exclusiva de Warfield. Assim, embora Warfield seja considerado um teólogo ortodoxo, praticamente todos os pensadores de viés liberal (leia-se racionalistas) nutriram e ainda nutrem algum tipo de cessacionismo.

Foi assim que a partir de pressupostos filosóficos do iluminismo pensadores como Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), insistiam em afirmar que “tudo precisa ser julgado no tribunal da razão humana, o sobrenatural não interfere no mundo natural, milagres não acontecem” (SOUSA NETO, 2024, p. 21). A mesma lógica estava por trás da busca pelo Jesus histórico conduzida por Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), que mesmo admitindo que Jesus poderia ter feito algum milagre, recusava com base em seu racionalismo a doutrina da ressurreição corpórea de Jesus Cristo (SOUSA NETO, 2024, p. 32), mais que isso. Conforme interroga Sousa Neto (2024b):

[...] as vezes parece que o autor chancela a narrativa evangélica dos milagres realizados por Jesus, no entanto, transfere tudo para as impressões das testemunhas, assim, as curas “aos olhos de Seus contemporâneos eram miraculosas” (SCHWEITZER, 2003, p. 27). O autor transfere tudo para as impressões dos discípulos e seguidores de Jesus e na sequência, não hesita em afirmar que “Outros milagres, no entanto, não têm base em fatos” (ibidem, p. 27), ou seja, seria apenas uma estratégia literária que manipulava a o enredo a fim de relacionar os milagres de Jesus às narrativas miraculosas do Antigo Testamento, como se fossem repetidas, “mas numa escala maior” (ibidem, p. 27). (SOUSA NETO, 2024, p. 33).

Outro autor, Albert Schweitzer (1875-1965), que embora tenha denunciado os pressupostos racionalistas de seus antecessores, chegou à conclusão de que

os milagres não passavam de imaginação dos escritores bíblicos, ou seja, dos evangelistas.

Um argumento supostamente bíblico utilizado na defesa do cessacionismo é que com o fechamento do cânone, não haveria mais necessidade de alguma atividade carismática na igreja. Assim, tudo o que a igreja precisa estaria disponível nos livros canônicos das Escrituras. O texto base para tal defesa geralmente é esse:

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado (1Co 13. 8-10).

A expressão “quando porém vier o que é perfeito” é interpretada por alguns proponentes do cessacionismo como o cânone do Novo Testamento, algo que dispensaria as atividades carismáticas na igreja. A análise exegética do texto terá lugar no último tópico onde a defesa da continuidade dos *charismata* será apresentada. No entanto, além desse argumento, outro ainda é apresentado pelos cessacionistas, qual seja, de que os milagres no período apostólico tinham uma natureza legitimadora, autenticadora tanto da messianidade e divindade de Jesus quanto da própria igreja e da mensagem por ela transmitida, ou seja do evangelho. Nessa concepção, os *charismata* seriam expressões da extraordinariedade da experiência cristã frente aos desafios enfrentados em determinados contextos.

Por exemplo, em um contexto pagão ou idolatra, os milagres seriam sinais autenticadores da verdade do evangelho. Além disso, é aquilo que atraía a atenção para a mensagem cristã. Logo, com o avanço da igreja e popularização da mensagem do evangelho, principalmente em uma sociedade com grande participação cristã, os milagres seriam desnecessários.

3. A DEFESA PENTECOSTAL DA CONTINUIDADE DOS *CHARISMATA* E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁXIS CRISTÃ CONTEMPORÂNEA

O teólogo peruano Bernardo Campos (1955 – 2024), conhecido como um nome proeminente dentro dos pentecostalismos, ao utilizar o conceito guarda-chuva “Princípio Pentecostalidade”, acabou por possibilitar certo borramento das fronteiras encontradas dentro da grande tradição cristã e até mesmo em outras experiências religiosas, como o judaísmo e o islamismo. Sua tentativa de

apresentar uma pneumatologia superlativa e uma proposta ecumênica atualizada, pelo menos em nossa leitura, pode provocar certa indistinção relativa às experiências religiosas claramente diversas e até mesmo em antagonismo.

Tanto o historiador quanto o teólogo, precisam estar atentos às diferenças, ou àquilo que se tem defendido como rupturas, mas também as permanências ou continuidades. Por essa razão se faz necessário, não apenas apontar as permanências, como no caso da pentecostalidade da igreja, sua catolicidade (que comporta evidentemente a pluralidade) e apostolicidade, mas também as descontinuidades. No caso dos sistemas religiosos, à luz da própria Escritura, se faz necessário distinguir as diferenças. A questão é simples: se todos os caminhos conduzem a Deus, qual o lugar da obra de Cristo, da encarnação, expiação e ressurreição na história? Nesse sentido o Evangelho é singular e aponta para a exclusividade de Jesus Cristo.

Essa necessidade de diferenciação se fez necessário até mesmo no seio da igreja nascente, na comunidade apostólica e na igreja antiga, pós-apostólica. O fator determinante sem dúvida alguma foi a luta contra os gnosticismos em suas várias faces. Não é sem razão que o *hagiógrafo* foi incisivo nas seguintes declarações:

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora.

Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo.

Filhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.

Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve.

Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro (ARA – 1 Jo 4. 1-6).

O excerto epistolar acima reflete claramente a necessidade de diferenciação e para o fator distintivo da fé cristã. É bom lembrar que essa também foi uma resposta incisiva dos pais da antiga igreja, a exemplo de Atanásio de Alexandria (328 – 372 d. C.) e outros pais nicenos em relação ao arianismo. Neste tópico, a abordagem contemplará tanto continuidades quanto rupturas. A questão

da diferenciação pensa-se estar clara, sem, contudo, desprezar o respeito e a possibilidade do diálogo inter-religioso.

Começamos em demarcar a historicidade do movimento pentecostal, sem esquecer o conceito teológico de igreja, sobretudo em relação à sua catolicidade e pentecostalidade. Nesse sentido, concorda-se aqui com Campos (2018), uma vez que a igreja “é uma, santa, apostólica, universal e pentecostal” (CAMPOS, 2018, p. 17). Sabe-se que movimento pentecostal tem historicidade. Geralmente é localizado na virada do século XIX para o século XX.

Contudo, como bem observou Dayton (2020), aquilo que denomina como “tradição pentecostal” foi resultado de um processo que aglutinou quatro temas sob o quadrilátero que identifica o *ethos* e o pensamento pentecostal. Na verdade, são quatro temas cristológicos que apresentam Cristo como o salvador, o batizador com o Espírito Santo, o curador e o Rei que retornará (DAYTON, 2020, p. 287).

Conforme Dayton (2020), esses temas foram gestados ainda no século XIX recebendo contribuições do avivalismo conversionista e do movimento de santidade e o desenvolvimento de uma inclinação pré-milenista. O autor ainda percebeu que os temas cristológicos reunidos posteriormente no *ethos* pentecostal de algum modo permearam o evangelicalismo popular e o movimento fundamentalista, assim:

Alguém pode argumentar, sem dúvida, que toda a rede das instituições e movimentos populares que combatiam em defesa de uma “vida cristã superior” constituiu na virada do século um “barril de pólvora” protopentecostal à espera de uma centelha que o explodisse (DAYTON, 2020, p. 289).

Como demonstrado pelo autor, a linguagem teológica do movimento pentecostal, a ênfase na experiência cristã de santificação e relacionamento com Deus, o desdobramento subsequente visto na abertura para os *charismata*, especialmente para a cura divina e a crença no iminente retorno do Rei já se observava no final do século XIX no movimento de santidade. Assim, quando o movimento pentecostal eclodiu, promoveu pouca diferenciação em relação aos quatro temas cristológicos já amadurecido no final do século XIX. A única alteração foi a substituição da santificação plena ou de “Cristo como santificador” por Cristo o batizador, ou seja, o batismo com ou no Espírito Santo evidenciado

pelas línguas como bem defendia Charles Fox Parham (1873 – 1929) e outros pentecostais de primeira geração.

Mas, por qual razão os pentecostais insistem em afirmar e viver entre “sinais e maravilhas” evocando tal experiência em contextos contemporâneos e contínuos? Talvez à interrogação não tenha apenas uma resposta, contudo, pelo menos uma é crucial: porque os pentecostais leem o Novo Testamento de forma direta, simples, sem saltos culturais ou históricos, além de se identificarem de modo orgânico e linear com as narrativas do Novo Testamento, sobretudo aquelas de autoria lucana. Assim, para o crente pentecostal comum, como bem disse Menzies (2021, p. 22): “as histórias em Atos são minhas histórias – histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a minha vida e experiência”.

É exatamente por causa dessa leitura bíblica confiante na mensagem dos profetas e apóstolos que os pentecostais afirmam que as experiências carismáticas são possíveis, desejáveis e contínuas na experiência histórica da igreja. Sendo assim, na esteira de Ruthven (2017), “os dons espirituais não credenciam o Evangelho, nem substituem o Evangelho; em vez disso, os carismas expressam o Evangelho”. Em outras palavras, na perspectiva pentecostal, os *charismata* não se opõem às Escrituras, e para lembrar o título de Siqueira e Terra (2020) não há nenhuma tensão entre autoridade bíblica e experiência no Espírito.

Como se pode perceber com relativa facilidade, o pentecostal não endossa uma racionalidade classicista, ou seja, cartesiana, sobretudo ao explorar as Sagradas Escrituras. Trata-se de outro tipo de “racionalidade”, que embora não negue a razão, não aposta todas as fichas em algum tipo de método capaz de garantir a objetividade interpretativa, isso seria consentir com o cartesianismo.

Essa também é a conclusão de ninguém menos que uma das grandes referências da teologia exegética, Gordon Donald Fee (1934 – 2022) ao abordar o tema da espiritualidade paulina e mais especificamente o “orar em línguas” na primeira carta aos Coríntios. Para o autor, a experiência de orar em línguas, envolve algo que não passa pela mente, pela compreensão racional, pela inteligibilidade humana. Assim, Fee (2023) destaca que embora na presente era muitos rejeitem tal experiência, isso só se justifica por causa do paradigma racionalista, apontando que “nem Paulo nem a igreja primitiva eram influenciados pela mentalidade racionalista” que supervaloriza os “processos do pensamento”, ou apenas aquilo “que passa pelo córtex cerebral” (FEE, 2023, p. 70).

Logo, para retomar os autores citados acima, em termos comparativos, em relação a leitura e interpretação da Bíblia, como bem observou Pommerening (2020) é preciso considerar as seguintes distinções:

No sentido tradicional, a Bíblia é a Palavra de Deus que precisa ser interpretada pelos óculos da razão e de métodos rigidamente aprovados e aceitos. No sentido pentecostal, a Bíblia é a Palavra de Deus potencializada pela presença viva de seu autor, o Espírito Santo. Essa compreensão da Bíblia enquanto Palavra de Deus faz o pentecostal se enquadrar menos nos modelos tradicionais ou mesmo ainda na teologia liberal, pois esta nega a inspiração bíblica e não admite a presença do seu autor divino no ato interpretativo (POMMERENING, 2020, in: SIQUEIRA; TERRA, 2023, p. 14).

Esse modo de encarar o texto das Escrituras faz com que o leitor se identifique com as narrativas bíblicas se vendo na mesma trama, ligado por um fio narrativo contínuo que toca suas experiências no presente. Por isso a afirmação de Menzies (2020) de que aquela história de Atos é sua própria história, dinâmica, viva e assistida de perto pelo Espírito Santo. Sendo assim, o leitor pentecostal não vê descontinuidade da igreja, caducidade do cânone neotestamentário ou mesmo qualquer intenção divina em relação à retração das atividades carismáticas no seio da igreja. Na verdade, os pentecostais modernos não estão isolados na história, fazem parte daquele “protesto perene” de que nos informa Cairns (1995, p. 83) “suscitado dentro da Igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus”. Aqui, tem-se uma relação clara de continuidade.

Evidentemente essa leitura pentecostal possui implicações práticas. A experiência do cristão pentecostal aponta exatamente para a dependência do Espírito Santo, para às Escrituras, na verdade essa experiência se fundamenta nos escritos do Novo Testamento e na totalidade da Palavra de Deus. Os milagres, os sinais e os dons atravessam a soma do cânone, ganhando maior expressão no contexto do cumprimento profético escatológico que segue em linha de continuidade até à consumação. É dessa forma que lê o texto ora citado onde alguns justificam o cessacionismo, qual seja:

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. (1Co 13. 8-10).

Assim, enquanto autores cessacionistas veem no texto a transitoriedade dos *charismata* cuja caducidade seria estabelecida pela finalização do cânone, os pentecostais parecem ser mais fiéis à perícope textual insistindo que se desvela uma fruição escatológica até à consumação onde a visão opaca, refletida como em um espelho será substituída pela clareza de uma visão “face a face” (1Co 13. 12). Até mesmo o controverso Champlin em sua análise exegética vai nessa direção entendendo que a passagem paulina em questão:

[...] é um poderoso argumento em favor da possibilidade da continuação dos dons miraculosos (e não miraculosos), continuação essa que prosseguirá até à «parousia» ou segunda vinda de Jesus Cristo. Isso vai de encontro aos argumentos distorcidos de alguns, que pretendem eliminar os dons miraculosos, como se os mesmos, houvessem desaparecido quase imediatamente depois da era apostólica, os quais supõem encontrar base bíblica para essa opinião no fato que o oitavo versículo deste capítulo diz que esses dons eventualmente «cessarão». É verdade que os dons espirituais cessarão; mas o tempo é definitivamente determinado no presente versículo, isto é, no fim da presente era da graça, quando da segunda vinda de Cristo. Porém, enquanto não vier o que é perfeito, teremos necessidade dos dons espirituais «imperfeitos» visto que eles são muito, muito superiores a qualquer coisa meramente humana. Não existe aqui, obviamente, nenhuma referência ao «cânon» das Escrituras do Novo Testamento, como a «perfeição» que esperamos. Esta interpretação é uma invenção do século XX para obter um texto de prova para ensinar que os dons, necessariamente, deveriam ter acabado ao fim da era apostólica (CHAMPLIN, 2005, p. 209).

Don Codling (2016) foi outro autor que além de endossar a interpretação acima, de que a expressão “o que é perfeito” diz respeito ao retorno de Cristo, registrou que embora João Calvino e Charles Hodge tenham defendido a tese cessacionista, interessantemente interpretavam a expressão “o que é perfeito” como a vinda de Cristo (CODLING, 2016, p. 99).

Outro texto utilizado pelos cessacionistas é a afirmação paulina de que o povo de Jesus o corpo de crentes compostos de judeus e gentios são “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2.20). Os hermeneutas cessacionistas insistem em atribuir o seguinte significado ao texto: a passagem diz respeito aos dons fundacionais, ou seja, foram *charismata* verificados entre os apóstolos, profetas e na Pessoa de Jesus Cristo, algo descontinuado com a morte desses atores fundacionais. Sobre tal interpretação respondeu Ruthven (2020):

Deveríamos então, naquela mesma lógica, insistir que a morte do prefeito de uma cidade requer a extinção do cargo, título ou função de prefeito? Pelo contrário, seu papel “fundacional” como prefeito estabelece o padrão e implica a continuação do papel depois dele. (RUTHVEN, 2020, p. 10).

Na esteira dessas discussões, apresenta-se a tese da continuidade até mesmo dos dons ministeriais, incluindo o apostolado. Evidentemente que a tese da continuidade apostólica não estabelece um princípio de igualdade entre os apóstolos originais de Cristo e os corajosos ministros que ainda hoje são chamados para desbravarem o mundo, mesmo assim, admite-se que o dom apostólico ainda é uma possibilidade.

Era assim que o pioneiro do movimento pentecostal sueco e grande financiador da missão pentecostal no Brasil, Levi Pethus (1884 – 1974) via a questão ao introduzir as memórias do missionário fundador das Assembleias de Deus no Brasil, Adolf Gunnar Vingren (1879 – 1933). O líder sueco observou que encontrou “no Novo Testamento, indícios de um ministério apostólico continuado” (PETHRUS, 2018, p. 12) e por fim, localizou Vingren dentro de tal ministério.

De todo o modo, para além da discussão acima, a afirmação de continuidade dos *charismata* possui implicações práticas, a saber, no culto, na oração, na evangelização e no modo como se vive em um mundo encantado, ou pelo menos atravessado pelo Espírito. Assim, as práticas pentecostais demonstram claramente um direcionamento cristológico, pneumatólogico e escatológico exemplificado no quadrilátero pentecostal: Jesus o salvador, o curador, o batizador com o Espírito Santo e o rei que breve voltará.

Entre os pentecostais registra-se, inclusive, uma visão não dualista do corpo uma vez que sem nenhum constrangimento admitem que aquilo que profetizou Isaías no capítulo 53 de seu livro, adquire uma dimensão para além da soteriologia. Jesus é o salvador do homem todo, o curador do corpo. Os dons de cura são possíveis agora, mais que nunca, pois, Jesus Cristo inaugurou um novo tempo exercendo um ministério de cura que segue em continuidade. Uma fluência garantida por ele mesmo à igreja (Jo 14.13), uma antecipação da consumação onde finalmente não haverá mais dor (Ap 21.4).

É nessa relação que os dons de cura apontam para o *eschaton*, para a reafirmação que a igreja do Senhor vive “entre o já e o ainda não”. Assim, embora as controvérsias envolvendo o pensamento de Paul Tillich, é possível endossar

algo que o autor diz acertadamente, que: “[...] o eschaton se toma uma questão de experiência presente sem perder sua dimensão futura” (TILLICH, 2005, p. 823).

De todo o modo, na profecia de Isaías, o messias é o curador (Is 53. 4-5). Sendo assim, além da dimensão soteriológica, o messias esperado e reconhecido pela igreja em Jesus também ordenou que curas fossem realizadas pelos discípulos (Mt 10 1-7), algo que segue em continuidade mesmo após a morte e ressurreição de Jesus como aponta o final longo de Marcos ao afirmar que:

Estes sinais não de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados (Mc 16. 17-18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou explorar de forma introdutória o tema "A pentecostalidade da igreja: entre o cessacionismo e afirmação de continuidade dos dons espirituais". Para tanto, foi apresentado o seguinte problema: qual a relevância da afirmação de continuidade dos dons espirituais na atualidade? A hipótese sustentada vem na afirmação de que a continuidade dos dons espirituais possui várias implicações, entre elas, à própria continuidade história do cristianismo bíblico e apostólico, algo que incide nas práticas dos cristãos, ou seja, na *práxis* da igreja. Com isso se quer afirmar a pentecostalidade da igreja sendo o movimento pentecostal a caixa de ressonância dessa característica genuinamente cristã.

O ponto de partida foi a exposição do ponto de vista bíblico sobre os *charismata*, constatando de forma óbvia que o sobrenaturalismo (que admite a importância do natural e se volta para ele, como é o caso do objeto da revelação que é o ser humano) é o paradigma da revelação. A atuação do Espírito Santo e a concessão de dons não são algo estranho ao espírito das Escrituras. Na sequência foi realizada uma breve reflexão sobre o cessacionismo, ideia segundo a qual os dons espirituais, os milagres, cessaram no período pós-bíblico, ou seja, não possuem nenhuma ressonância nos contextos posteriores à era apostólica. O tópico também apresentou alguns dos principais argumentos cessacionistas.

Por fim, a discussão girou em torno da defesa pentecostal dos *charismata* e seus efeitos práticos sobre a vida da igreja. O tópico foi também o lugar onde se procurou desvelar os pressupostos do cessacionismo, sua suposta fundamentação bíblica. Nesse momento, a consulta às Escrituras e as contribuições de Codling (2016), Dayton (2020), Fee (2023) Menzies (2021), Siqueira e Terra (2020) Sousa Neto (2021;2024) e Ruthven (2017) forneceram a base teórica que conduziu a reflexão.

Quanto aos limites da pesquisa, temos ciência de que a tarefa realizada não possui uma proposta definitiva, engessada, pelo contrário, espera-se desdobrar o tema em trabalhos futuros, tendo em vista que há muito a ser explorado, inquietações e questões parcialmente resolvidas que merecem melhor tratamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, T. Desmond. ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Trad. William Lane. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ARAÚJO, Isael de. **História do movimento pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ARAÚJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, 1993.

CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. vol 4. São Paulo: Hagnos, 2014.

CAMPOS, Bernardo. **O princípio da pentecostalidade**: hermenêutica, história e teologia. Trad. David Mesquiat de Oliveira. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

CODLING, Don. **Sola Escripura e os dons de revelação**: como lidar com a atual manifestação do dom de profecia?. Natal: Editora Carisma, 2016.

FEE, Gordon. **Escutando o Espírito no texto**. Trad. Céfora Carvalho. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Trad. Itamir Neves et al. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HYATT, Eddie. **2000 Anos de Cristianismo Carismático**: um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal. Natal: Carisma, 2018.

KEENER, Craig S. **Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts**. *Grand Rapids*: Baker Academics, 2011.

KOPERSKI, Jeffrey. Ação divina (hipótese da governança engajada). In: COPAN, Paul et al (Orgs). **Dicionário de cristianismo e ciência**: obra de referência definitiva para a interseção entre fé cristã e ciência contemporânea. Trad. Paulo Sartor Jr. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

LLOYD-JONES, D. Martin. **O batismo e os dons do Espírito**: poder e renovação segundo as Escrituras. Trad. João Costa. Natal: Carisma, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015

PETHRUS, Levi. Introdução. In: VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

RUTHVEN, Jon Mark: **Sobre a cessação dos charismata**: a polêmica cessacionista dos milagres pós-bíblicos. Natal: Editora Carisma, 2017.

SMITH, James K. A. **Pensando em línguas**: contribuição pentecostal para a filosofia cristã. Trad. Maurício Bezerra. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil/Renova, 2020.

SOUSA NETO, Fábio de. GRANGEIRO, Alessandra. **A doutrina do Espírito Santo e os movimentos espirituais contemporâneos**. Goiânia: FASSEB, 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/JxRAh>.

SOUSA NETO, Fábio de. **História da igreja II**: história da igreja reformada, contemporânea e do movimento pentecostal. Goiânia: Fasseb, 2021.

SOUSA NETO, Fábio de. **Representações sobre o campo religioso brasileiro**: uma análise das Assembleias de Deus. 2021. 180f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4644>.

STRONSTAD, Roger. **A teologia carismática de Lucas**: trajetórias do Antigo Testamento à Lucas-Atos. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

STRONSTAD, Roger. **Hermenêutica pentecostal**: Espírito, Escritura e Teologia. Natal: Carisma, 2023.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009.

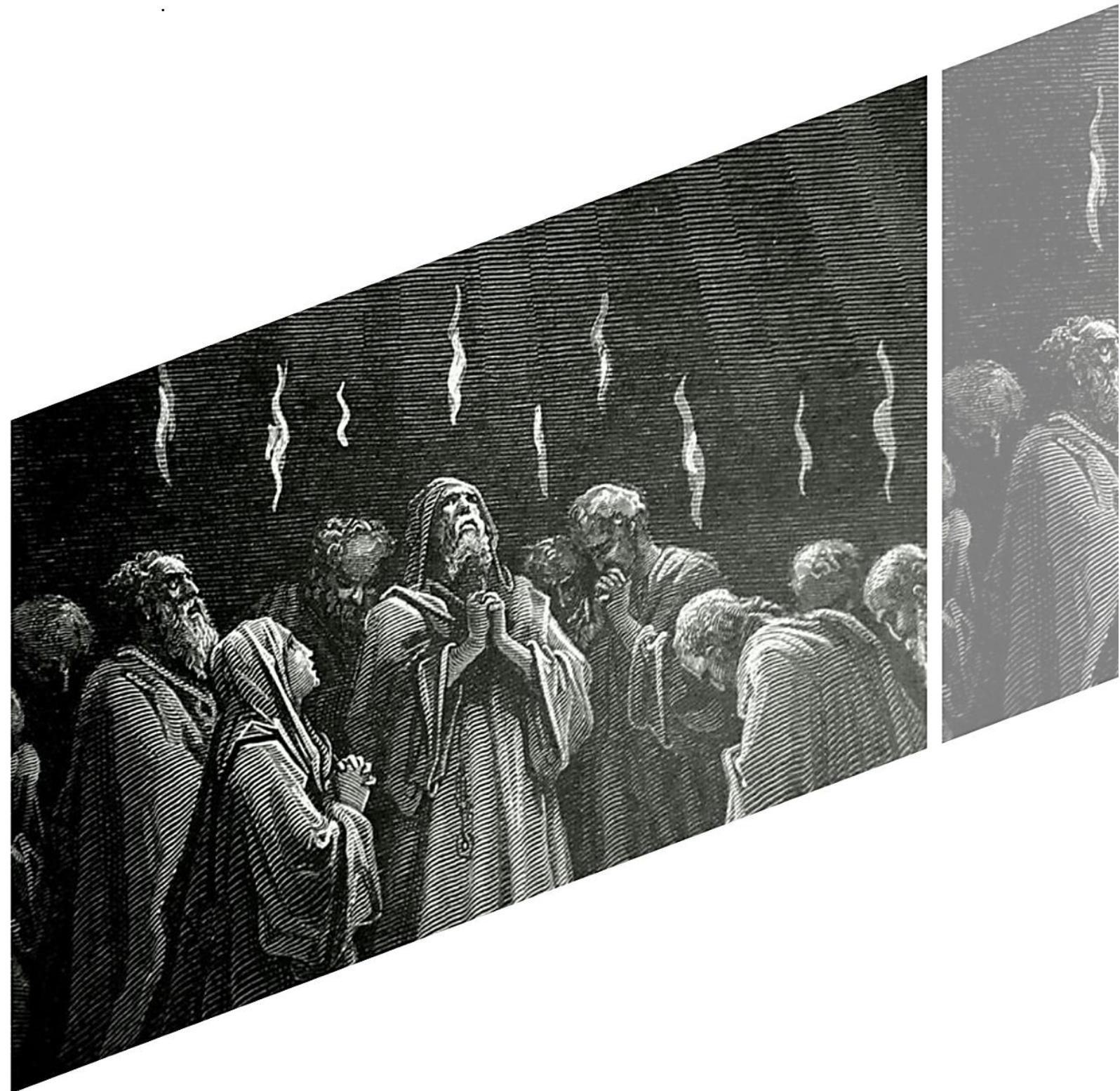
TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Trad. Getúlio Bertelli e Geraldo Komdörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Trad. Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

YORK, John. **Missões na Era do Espírito Santo**: como a fé pentecostal pode ajudar a igreja a completar a evangelização do mundo. Trad. Maurício Zagari. Rio de Janeiro: CPAD, 2002

VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



O PAPEL DA IGREJA EVANGÉLICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Gilmar Tavares Reis¹

RESUMO

Este estudo destaca o papel da Igreja Evangélica na promoção da saúde mental, enfatizando como a espiritualidade pode complementar práticas convencionais de cuidado. Abordando a função terapêutica da Igreja, o histórico das comunidades terapêuticas e os desafios éticos do cuidado, a pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica, revela que a Igreja contribui para a resiliência e o bem-estar de seus membros. Contudo, ressalta-se a importância de respeitar a autonomia individual e evitar práticas coercitivas. Conclui-se que a integração ética entre espiritualidade e cuidado psicológico é essencial para o atendimento nos termos de um cuidado integral e eficaz.

Palavras-chave: Saúde Mental, Espiritualidade, Igreja Evangélica, Comunidades Terapêuticas, Cuidado Integral.

ABSTRACT

This study highlights the role of the Evangelical Church in promoting mental health, emphasizing how spirituality can complement conventional care practices. Addressing the therapeutic function of the Church, the history of therapeutic communities, and the ethical challenges of care, the research, based on a literature review, reveals that the Church contributes to the resilience and well-being of its members. However, the importance of respecting individual autonomy and avoiding coercive practices is emphasized. It is concluded that the ethical integration between spirituality and psychological care is essential for care in terms of comprehensive and effective care.

Keywords: Mental Health. Spirituality. Evangelical Church. Therapeutic Communities. Comprehensive Care.

¹ Serve na AD Madureira em Anápolis GO. Mestrando em Ciências da Religião (PUC/GO). Aluno especial no Mestrado de Educação PUC/GO. Bolsista CAPES/FAPEG. Atua como professor na FASSEB/Brasil. Diretor do Instituto Bíblico Madureira em Anápolis (IBMA). Psicopedagogo (ESTÁCIO/GO). Contato: pastorgilmartavares@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A relação entre saúde mental e espiritualidade é um campo de crescente relevância, especialmente no contexto de comunidades religiosas cristãs. Este estudo explora como a Igreja, particularmente as Igrejas Evangélicas, pode atuar como uma aliada na promoção do bem-estar mental de seus membros, funcionando tanto como um espaço terapêutico quanto como uma fonte de suporte social e espiritual.

A Igreja tem se destacado por seu potencial de oferecer não apenas acolhimento espiritual, mas também uma rede de apoio que complementa os cuidados convencionais em saúde mental, proporcionando um ambiente onde fé e cuidados emocionais se encontram. Com o aumento dos desafios relacionados à saúde mental, a integração entre práticas espirituais e estratégias de suporte psicossocial vem se mostrando uma alternativa relevante para muitos indivíduos.

Ao abordar o histórico das comunidades terapêuticas e os desafios éticos envolvidos, este estudo visa ampliar o entendimento sobre o papel da religião no cuidado integral. Em acréscimo, a pesquisa busca destacar os benefícios e as complexidades de integrar a espiritualidade na promoção da saúde mental, propondo uma perspectiva inclusiva que respeite tanto a autonomia dos indivíduos quanto suas necessidades espirituais.

Dessa forma, a análise contribui para uma compreensão das oportunidades e dos desafios presentes nesse campo.

1. HISTÓRICO DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS E O PAPEL DAS IGREJAS

As comunidades terapêuticas psiquiátricas surgiram como alternativas ao modelo psiquiátrico convencional, promovendo um ambiente de acolhimento e liberdade que se distanciava das práticas de confinamento e alienação. Em sua origem, eram iniciativas comprometidas com a promoção da autonomia dos indivíduos, visando não apenas o cuidado, mas também a inclusão e o reconhecimento de direitos.

Essas comunidades representavam uma oposição ao modelo hegemônico, atuando como “[...] dispositivos de mudança e resistência aos modelos

hegemônicos [...]” e oferecendo uma perspectiva de apoio não restritiva (Batista, 2020, p. 16).

Porém, ao longo dos anos, elas foram impactadas por diversas transformações, principalmente no Brasil, onde a inclusão de discursos religiosos e o fortalecimento de valores moralistas modificaram a dinâmica dessas instituições.

Com a introdução de práticas religiosas e uma lógica moral disciplinar, as comunidades terapêuticas começaram a incorporar elementos de assistencialismo e filantropia, pautando-se em normas que enfatizam a disciplina e o controle dos indivíduos. Esse processo trouxe implicações significativas para a autonomia dos usuários, especialmente para aqueles em tratamento contra o uso problemático de substâncias psicoativas (SPAS).

Batista (2020, p. 16) observa que “[...] essas instituições transformam-se em espaços que articulam o assistencialismo, filantropia, cristianismo e proibicionismo a uma lógica moral e de disciplina. Assim, tornando-se instituições de fechamento e controle dos corpos dissidentes”. Essa mudança aponta para uma realidade em que, ao invés de se expandirem como espaços de inclusão, muitas dessas comunidades passaram a reproduzir práticas de confinamento, reforçando um paradigma moralista e proibicionista.

Vale ressaltar ainda, ao longo das últimas décadas, nota-se uma crescente substituição do paradigma psicossocial, que enfatizava o cuidado com base em estratégias de reintegração e apoio social, por uma moral religiosa que, frequentemente, desconsidera as particularidades de cada indivíduo.

Esse redirecionamento levanta questionamentos éticos, uma vez que, em vez de acolher os usuários como sujeitos de direitos, algumas comunidades acabam por marginalizá-los e segregar suas necessidades. Bastos e Alberti (2021, p. 293) afirmam que “[...] o incremento da moral religiosa associada ao paradigma proibicionista em detrimento do paradigma psicossocial” acaba trazendo de volta práticas de exclusão, comparáveis àquelas aplicadas historicamente aos “loucos” nos antigos manicômios.

Essa inversão de paradigmas exige uma revisão crítica das práticas adotadas em instituições que deveriam promover saúde mental e reintegração social. No entanto, apesar das críticas, é possível reconhecer que a integração

de práticas religiosas nessas comunidades pode também ter um efeito positivo, quando conduzida com equilíbrio e respeito.

A espiritualidade e a religiosidade, quando integradas ao tratamento de modo inclusivo e ético, podem oferecer um valioso suporte emocional. Ferreira (2011, p. 749) destaca que, “[...] para o profissional de saúde intervir a fim de promover o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos na busca da sua saúde ou na melhoria da qualidade de suas vidas, é essencial identificar e fortalecer as redes de apoio estabelecidas com a Igreja”. Esse apoio religioso, aliado a uma prática profissional bem orientada, pode colaborar para a promoção de uma experiência terapêutica mais humanizada, que respeite tanto as necessidades psicológicas quanto os valores espirituais dos indivíduos.

A participação da Igreja, portanto, deve ser vista de maneira crítica e equilibrada, garantindo que seu papel contribua para a reintegração e não para a marginalização dos sujeitos em cuidado.

2. DESAFIOS ÉTICOS E O PARADIGMA PSICOSSOCIAL VS. MORAL RELIGIOSA

O envolvimento de instituições religiosas, no contexto de saúde mental, suscita uma série de desafios éticos e dilemas relacionados ao paradigma de cuidado adotado. A tensão entre o paradigma psicossocial, que enfatiza a reintegração e o apoio social, e uma abordagem de moral religiosa, orientada pelo proibicionismo e pela disciplina, é notável no cenário brasileiro. De um lado, a Igreja oferece um espaço de acolhimento espiritual e emocional para pessoas com transtornos mentais; e de outro, a influência religiosa pode, em alguns casos, impor limites ao desenvolvimento pleno de estratégias psicossociais que visam a autonomia e o bem-estar integral do indivíduo.

A abordagem psicossocial, amplamente defendida em políticas de saúde mental, valoriza o acolhimento sem julgamento e a busca pela dignidade dos usuários. Nesse sentido, a religiosidade pode oferecer uma base de suporte emocional importante. Como observam Porto e Reis (2013, p. 391), “[...] a religiosidade tem demonstrado potencial impacto na saúde física e mental, pois assume papel essencial na vida das pessoas, pois as auxilia no enfrentamento das adversidades da vida”.

A Igreja pode, então, atuar como rede de apoio, facilitando uma experiência de cuidado menos isolada para os fiéis. Contudo, a adoção de uma perspectiva religiosa deve ser acompanhada de cautela para que o cuidado não se transforme em disciplina coercitiva, especialmente em contextos de saúde mental.

Ao longo dos anos, observou-se uma crescente substituição do modelo psicossocial por uma moral religiosa dentro de algumas instituições. Esse movimento, como destacam Faria e Seidl (2005, p. 387), “[...] pode gerar tanto impactos positivos quanto negativos, dependendo de como os indivíduos lidam com crenças e práticas religiosas no processo de enfrentamento.” Isso implica que, enquanto muitos encontram alívio no apoio espiritual e no pertencimento a uma comunidade de fé, outros podem sentir-se pressionados a conformar-se a uma moral religiosa que não considera suas necessidades individuais ou suas dificuldades psicológicas de forma adequada.

Nesse contexto, o cuidado ético demanda que a religião respeite as especificidades dos indivíduos, permitindo que o apoio espiritual seja complementar ao tratamento psicológico, e não uma imposição que vise moldar comportamentos. Em complemento, a percepção de que a religiosidade pode ajudar a elevar a qualidade de vida dos indivíduos levanta questionamentos sobre até que ponto as práticas religiosas podem substituir, ou complementar, o suporte psicossocial. Conforme De Gerone Guilherme (2016, p. 143) aponta, “[...] ainda há pouca produção acadêmica que articule a religiosidade/espiritualidade no cuidado em saúde, especialmente nas áreas da Teologia e Ciência da Religião”.

Esse dado ressalta a importância de ampliar os estudos sobre como práticas religiosas e psicossociais podem coexistir de forma a potencializar os efeitos terapêuticos para os indivíduos que buscam apoio em comunidades religiosas.

Portanto, é fundamental que a atuação da Igreja no campo da saúde mental ocorra dentro de um parâmetro ético que assegure o respeito à liberdade e à individualidade do sujeito. Em vez de uma abordagem de controle ou disciplina, a Igreja pode contribuir como um espaço terapêutico que respeita as particularidades de cada pessoa, integrando-se às práticas psicossociais de modo a promover a saúde mental sem comprometer os direitos e a autonomia dos indivíduos.

3. A IGREJA COMO COMUNIDADE TERAPÊUTICA E POIMÊNICA

A Igreja tem se configurado como uma comunidade terapêutica e poimênica, desempenhando um papel de acolhimento e apoio espiritual para aqueles que enfrentam transtornos mentais e emocionais.

Em vez de atuar apenas como um espaço de culto, a Igreja pode se tornar um ambiente seguro para a partilha de dores e desafios, onde a vivência espiritual e o apoio da comunidade fortalecem a saúde mental dos fiéis.

Estudos mostram que a presença e o suporte social oferecidos pela Igreja são fatores que contribuem para o enfrentamento das adversidades, especialmente quando relacionados a transtornos mentais. Como apontado por Reinaldo e Santos (2016, p. 165), “[...] as pessoas com transtornos mentais entrevistadas identificaram que a vivência religiosa/espiritualidade traz um alento para a vida quando associada ao apoio da rede social que se estabelece nas agências religiosas frequentadas por esses indivíduos.”

Ao atuar como uma comunidade terapêutica, a Igreja também promove um modelo de cuidado integral que valoriza não apenas o bem-estar espiritual, mas também o físico e o emocional.

Essa abordagem amplia a compreensão da saúde, vendo-a como uma construção que engloba múltiplos aspectos da vida humana, e não apenas a ausência de doença. Segundo Herz e Heimann (2022, p. 58), a depressão é uma condição prevalente que “[...] acarretando muitas consequências na vida do indivíduo depressivo e daqueles que estão ao seu redor, uma vez que ela os incapacita de agirem e interagirem”. Em situações como essa, a Igreja pode desempenhar um papel preventivo e restaurador ao acolher essas pessoas, evitando que se sintam isoladas ou marginalizadas.

De forma adicional, a Igreja se diferencia por seu potencial de utilizar da fé e práticas religiosas que ressoam com os fiéis, contribuindo para a criação de um ambiente de acolhimento e identificação.

A prática poimênica, que remonta à imagem de Cristo como o Bom Pastor, busca cuidar das “ovelhas” de forma individualizada, prestando atenção a suas necessidades específicas. Henning-Geronasso e Moré (2015, p. 723) observam que, ao lidar com pacientes religiosos, é possível “[...] fazer alusão a trechos bíblicos buscando fundamentar argumentações do profissional com palavras e

simbologias conhecidas e aceitas por quem está sendo atendido”. Esse tipo de intervenção traz conforto emocional e facilita o diálogo entre fé e saúde mental, reforçando a capacidade de a Igreja atuar como uma verdadeira comunidade terapêutica.

Entretanto, é importante notar que essa função terapêutica da Igreja não exclui a necessidade de intervenções profissionais em casos de transtornos mentais severos. A Igreja, ao reconhecer seu papel poimênico, deve também saber quando encaminhar os indivíduos para cuidados especializados.

A interação entre o apoio espiritual e a intervenção clínica oferece um suporte mais completo ao indivíduo, promovendo um espaço onde a fé e a ciência podem coexistir e se complementar.

Portanto, a Igreja como comunidade terapêutica e poimênica deve valorizar tanto o acolhimento espiritual, quanto a promoção de uma rede de apoio social e emocional. Sua função vai além da simples transmissão de doutrinas, abraçando uma responsabilidade de cuidado integral que inclui não apenas a alma, mas também o corpo e a mente de seus membros.

Ao atuar dessa forma, a Igreja se posiciona como um refúgio de paz e apoio para aqueles que enfrentam as complexidades dos transtornos mentais, contribuindo de maneira efetiva para a promoção de uma saúde mental mais equilibrada e harmoniosa.

4. A RELIGIÃO COMO FONTE DE SUPORTE SOCIAL E SIGNIFICADO

A religião ocupa um papel central como fonte de suporte social e de significado na vida de muitas pessoas, especialmente em momentos de adversidade emocional ou mental. Esse papel se reflete na contribuição que as igrejas e outras instituições religiosas oferecem ao bem-estar e à saúde mental de seus fiéis, funcionando como redes de apoio que fortalecem o enfrentamento de dificuldades.

A vivência da fé religiosa não apenas proporciona conforto e orientação espiritual, mas também influencia práticas de vida que contribuem para o bem-estar, como a redução do estresse e a promoção de comportamentos saudáveis. Murakami e Campos (2012, p. 365) destacam que “[...] a religião também influencia positivamente sobre o estado de saúde, porque ensinam e cobram de

seus fiéis, comportamentos de proteção, e de condução à saúde.” Esse papel educativo da religião reforça um senso de proteção e autocuidado entre os praticantes.

Além de promover comportamentos de saúde, a religião oferece um sentido de pertença e conexão com uma comunidade, o que é essencial para a saúde mental. Em um mundo cada vez mais individualista, a igreja continua sendo um espaço de socialização onde os indivíduos podem partilhar suas experiências e encontrar apoio mútuo.

A pesquisa de Dalgarrondo (2006, p. 178) enfatiza a importância de reconhecer a religião em seu contexto social e histórico, observando que, ao tratar a religiosidade de forma “homogênea e universal”, corre-se o risco de perder “[...] o que há de mais original e próprio dessa dimensão da experiência humana: o seu caráter social, histórico, essencialmente simbólico.”

Esse aspecto ressalta que a fé é mais do que uma prática isolada; ela é um fenômeno coletivo que ajuda a moldar a identidade e o propósito dos indivíduos, oferecendo um sentido de continuidade e de pertencimento a algo maior que eles mesmos. A religiosidade também oferece um sentido de propósito e ressignificação das experiências difíceis, transformando o sofrimento em uma possibilidade de crescimento e aprendizado.

Estudos mostram que a espiritualidade pode proporcionar uma nova perspectiva para aqueles que enfrentam condições de saúde desafiadoras, como doenças crônicas, ao oferecer um espaço onde suas dificuldades são acolhidas com empatia e onde encontram forças para lidar com seus problemas.

Monteiro (2020, p. 137) e colaboradores observaram que, “[...] tanto as pesquisas realizadas no âmbito hospitalar, quanto o estudo realizado com pacientes com doença crônica, apontaram resultados bastante positivos em relação aos aspectos religiosos e espirituais.” Essa ressignificação traz não apenas consolo, mas uma forma prática de enfrentar a realidade com mais otimismo e esperança.

Embora haja críticos que considerem a religião um elemento de controle social ou que questionem sua eficácia no apoio à saúde mental, é inegável que a comunidade religiosa oferece um suporte inestimável para muitos.

A experiência de fazer parte de uma comunidade que partilha valores e objetivos similares pode ajudar na redução do isolamento social e no fortalecimento das redes de apoio, essenciais para o bem-estar emocional. Os efeitos da religiosidade na saúde mental vão além do que pode ser medido de forma quantitativa, pois incluem dimensões subjetivas e simbólicas que proporcionam um alicerce moral e emocional aos indivíduos.

Dessa forma, a religião se destaca como uma fonte valiosa de apoio, especialmente em tempos de crise, e seu papel no contexto da saúde mental é relevante para aqueles que buscam uma abordagem integrada entre fé e bem-estar.

Portanto, a função da religião como suporte social e fonte de significado transcende a esfera espiritual e impacta diretamente a saúde e o bem-estar dos seus adeptos. Ao promover valores de autocuidado e comportamentos saudáveis, proporcionar um ambiente de apoio coletivo e permitir a ressignificação de experiências adversas, a religião se firma como uma aliada na construção de uma vida mental e emocional mais estável e resiliente.

5. INTEGRAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

A integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental é um tema que desperta interesse e debates, tanto no meio acadêmico, quanto entre profissionais da saúde e líderes religiosos.

Compreender a espiritualidade como uma dimensão que contribui para a saúde integral dos indivíduos é fundamental para desenvolver práticas de cuidado que respeitem a identidade, crenças e valores pessoais.

A espiritualidade, ao ser integrada no cuidado mental, oferece um apoio emocional que pode complementar as intervenções clínicas, gerando efeitos positivos no tratamento de transtornos mentais, como a redução da ansiedade e do estresse.

Essa perspectiva não implica substituir os métodos científicos, mas sim somar uma abordagem que reconheça o indivíduo em sua totalidade, incluindo sua fé e espiritualidade como parte essencial de seu bem-estar.

É importante ressaltar que a integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental requer sensibilidade e discernimento, especialmente para evitar

imposições ou interpretações inadequadas que poderiam comprometer a ética do tratamento. Como observa Da Nóbrega Alves (2010, p. 2108), “[...] as investigações sobre religião e saúde possuem implicações éticas e práticas que devem ser abordadas pelo público leigo, pelos profissionais de saúde, pela comunidade de pesquisa e pelo clero.” Essa afirmação aponta para a necessidade de diálogos que incluam tanto a ética profissional quanto a compreensão das práticas religiosas, criando um ambiente no qual a espiritualidade possa ser considerada de forma apropriada e cuidadosa.

Estudos indicam que o apoio espiritual pode desempenhar um papel importante no processo de enfrentamento de dificuldades e no fortalecimento das redes de suporte social. A prática espiritual proporciona um sentido de propósito e de pertencimento que são essenciais no tratamento de muitos transtornos mentais.

Na visão de Ribeiro e Minayo (2014, p. 1787), o valor da adesão religiosa e da espiritualidade tem sido comprovado ao longo dos anos, embora “[...] pesquisas tenham encontrado resultados contraditórios em relação à eficácia da adesão religiosa entre jovens envolvidos com a delinquência.”

Essa observação demonstra que, embora os efeitos da espiritualidade possam variar, sua presença é significativa para muitos indivíduos, podendo ser uma ferramenta poderosa no fortalecimento da resiliência e no desenvolvimento de uma visão mais positiva sobre o futuro. Além de contribuir para a superação de desafios emocionais, a espiritualidade também auxilia na construção de vínculos familiares e comunitários.

No contexto familiar, a espiritualidade pode influenciar positivamente na forma como os membros da família se organizam para cuidar daqueles que enfrentam dificuldades mentais.

Carvalho, Nantes e Costa (2020, p. 50268) ressaltam que “[...] a forma como a família compreende o cuidado está diretamente relacionada com a maneira que ela se organiza para colocar em prática estratégias de cuidado, tais quais a organização da medicação e os afazeres domésticos.” Nesse sentido, a espiritualidade reforça a coesão familiar, que, por sua vez, fortalece as bases para um cuidado efetivo e integral.

Apesar dos benefícios potenciais, há desafios para integrar a espiritualidade no contexto clínico de maneira eficaz e ética. Profissionais de

saúde, particularmente os que atuam em saúde mental, precisam estar preparados para lidar com as questões espirituais de seus pacientes sem imporem julgamentos ou influências religiosas.

É essencial que esses profissionais cristãos possuam habilidades para identificar e respeitar a fé de cada indivíduo, utilizando-a como uma aliada no processo terapêutico, para o verdadeiro Caminho. Essa abordagem inclusiva contribui para um cuidado mais humanizado, onde o indivíduo é tratado em sua totalidade e onde sua espiritualidade é vista como uma fonte de força e resiliência.

Portanto, a integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental representa uma abordagem promissora e que deve ser explorada com responsabilidade e discernimento. Ao reconhecer o valor do apoio espiritual, o cuidado em saúde mental torna-se mais abrangente e acolhedor, promovendo um ambiente de cura que respeita o indivíduo em todas as suas dimensões.

Essa integração não apenas complementa o tratamento médico, mas também valoriza o papel da espiritualidade como um componente fundamental para o bem-estar emocional e mental, abrindo caminhos para um atendimento mais humano e respeitoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja, enquanto comunidade de fé e espaço terapêutico, desempenha um papel fundamental na promoção da saúde mental e no apoio emocional de seus membros. A evolução das comunidades terapêuticas, aliada à presença ativa das igrejas, revela o potencial transformador de uma abordagem que alia espiritualidade e cuidado integral. As comunidades religiosas têm a oportunidade de superar os modelos convencionais de tratamento, promovendo ambientes de acolhimento e inclusão que respeitam tanto a individualidade dos indivíduos quanto suas necessidades espirituais.

A história das comunidades terapêuticas mostra que elas surgiram como uma alternativa aos modelos psiquiátricos convencionais, com o objetivo de promover a reintegração social e a autonomia dos indivíduos. A introdução de práticas religiosas nesses espaços transformou a maneira como a saúde mental é abordada, oferecendo apoio espiritual e moral que complementa os cuidados convencionais.

No entanto, é fundamental que a prática religiosa nesses contextos seja conduzida com ética e respeito, evitando que valores moralistas comprometam o princípio de liberdade e autonomia dos indivíduos. Com uma abordagem equilibrada, cristã, a Igreja pode contribuir significativamente para que as comunidades terapêuticas promovam não apenas a cura física e mental, mas também o bem-estar espiritual.

Os desafios éticos na integração do paradigma psicossocial com a moral religiosa evidenciam a necessidade de uma atuação sensível e ética. Embora a religião ofereça suporte emocional importante para muitos, é essencial que esse apoio não se transforme em controle ou disciplina coercitiva, o que poderia afastar o indivíduo de sua jornada de autodescoberta e cura.

Ao respeitar as particularidades e as escolhas de cada pessoa, a Igreja pode atuar como um espaço terapêutico inclusivo, onde a espiritualidade complementa o cuidado profissional e psicossocial, promovendo um ambiente que valoriza tanto a liberdade quanto a saúde mental dos indivíduos.

Ao funcionar como uma comunidade terapêutica e poimênica, a Igreja proporciona uma rede de apoio social que fortalece a saúde emocional de seus membros. Esse papel vai além da prática religiosa convencional, criando um espaço seguro onde os fiéis podem compartilhar suas dores e desafios sem receio de julgamento.

A vivência espiritual dentro de uma comunidade acolhedora contribui para a construção de laços que promovem a saúde integral, reforçando a importância de um cuidado que abrange o corpo, a alma e o espírito. Dessa forma, a Igreja torna-se um refúgio para aqueles que enfrentam transtornos mentais, promovendo uma abordagem que entende o ser humano em sua totalidade.

A religião, enquanto fonte de suporte social e significado, desempenha um papel essencial no bem-estar de muitos indivíduos, oferecendo não apenas orientação espiritual, mas também uma rede de suporte que fortalece o enfrentamento de adversidades. A experiência religiosa, ao proporcionar um sentido de pertencimento e propósito, auxilia os indivíduos a ressignificarem suas experiências difíceis, transformando o sofrimento em um momento de crescimento pessoal e espiritual. Essa conexão social e emocional que a religião

promove-se traduz em uma maior resiliência e em um enfrentamento mais saudável das adversidades da vida.

A integração da espiritualidade no cuidado em saúde mental representa um avanço promissor, que abre caminho para uma prática de saúde mais humana e completa. A espiritualidade, quando incorporada com discernimento e ética, enriquece o processo terapêutico, proporcionando um apoio emocional que fortalece a saúde mental dos pacientes.

Essa abordagem não busca substituir os métodos tradicionais de tratamento, mas, sim, somar uma dimensão que compreende o ser humano em toda a sua complexidade, incluindo suas crenças e valores espirituais. Ao adotar essa visão integral, a Igreja Cristã contribui para um ambiente de cura e acolhimento, onde a espiritualidade atua como um fator positivo e resiliente na vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Adriana Dias de Assumpção; ALBERTI, Sonia. **Do paradigma psicossocial à moral religiosa: questões éticas em saúde mental.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 01, p. 285-295, 2021.

BATISTA, Pedro Victor Modesto. **Comunidade terapêutica na política pública de saúde mental: tensões e divergências.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, p. e1679108345-e1679108345, 2020.

CARVALHO, Rafaela Cássia Neves; NANTES, Rosângela Fernandes Pinheiro; COSTA, Márcio Luís. **Estratégia familiar de cuidado em saúde mental.** *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 7, p. 50256-50271, 2020.

DA NÓBREGA ALVES, Rômulo Romeu et al. **Influência da religiosidade na saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 2105-2112, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. **Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião.** *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 28, p. 177-178, 2006.

DE GERONE GUILHERME, Lucas Tetzalff. **A religiosidade/espiritualidade na prática do cuidado entre profissionais da saúde.** *Interacoes*, v. 11, n. 20, p. 129-151, 2016.

FARIA, Juliana Bernardes de; SEIDL, Eliane Maria Fleury. **Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura.** *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 18, p. 381-389, 2005.

FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira et al. **Promoção da saúde no cenário religioso:**

possibilidades para o cuidado de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 32, p. 744-750, 2011.

HENNING-GERONASSO, Martha Caroline; MORE, Carmen Leontina Ojeda Ocampo.

Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 3, p. 711-725, 2015.

HERZ, Matheus Ohnesorge; HEIMANN, Thomas. **A igreja cristã como comunidade poimênica e terapêutica no cuidado a pessoas acometidas pela depressão.** *Igreja Luterana Revista de Teologia do Seminário Concórdia*, v. 83, n. 2, p. 25-64, 2022.

MONTEIRO, Daiane Daitx et al. **Espiritualidade/religiosidade e saúde mental no Brasil: uma revisão.** *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, v. 40, n. 98, p. 129-139, 2020.

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 65, p. 361-367, 2012.

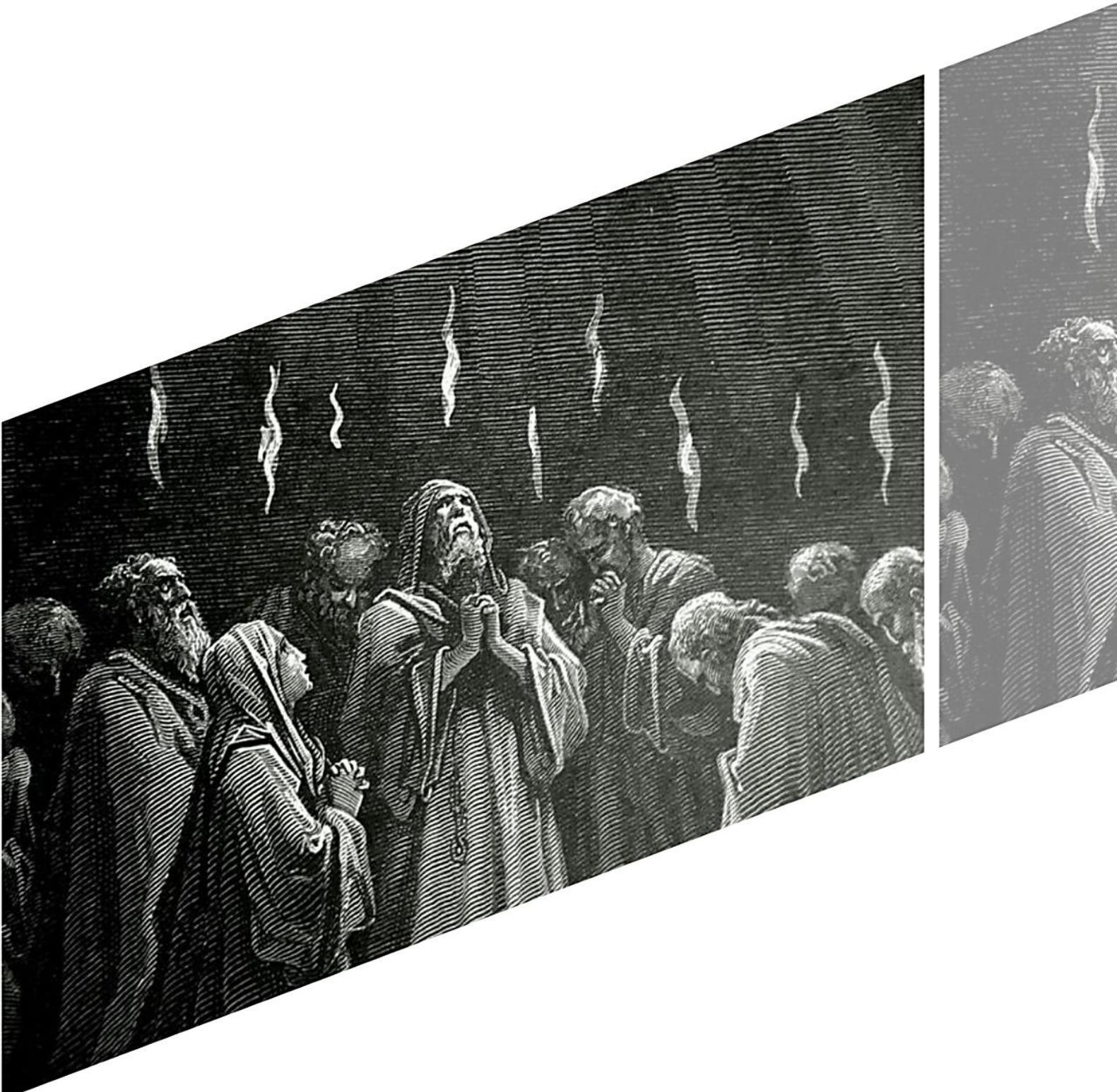
PORTO, Priscilla Nunes; REIS, Helca Franciulli Teixeira. **Religiosidade e saúde mental: um estudo de revisão integrativa.** *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 37, n. 2, p. 375-375, 2013.

REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; SANTOS, Raquel Lana Fernandes dos. **Religião e transtornos mentais na perspectiva de profissionais de saúde, pacientes psiquiátricos e seus familiares.** *Saúde em Debate*, v. 40, n. 110, p. 162-171, 2016.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade:** revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 06, p. 1773-1789, 2014.

VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



AS DIFERENTES FORMAS DE LITERATURA SAGRADA: UMA ABORDAGEM SOBRE A BÍBLIA

Fábio de Sousa Neto¹
Arnolld Starlley Ramos de Lima²

RESUMO

Este artigo examina a singularidade da Bíblia como literatura sagrada, destacando seu papel como comunicação divina e sua relevância cultural, histórica e teológica. Analisa a relação entre o Filho encarnado, a literatura sagrada e o processo de escrita, abordando como a palavra de Deus influenciou a história e a espiritualidade das civilizações. Com base em autores como Grudem, Moody e Cheung, a pesquisa propõe que a literatura sagrada representa a revelação divina, fortalece a fé comunitária e reflete significados teológicos nos materiais de escrita. Os objetivos incluem explorar a palavra de Deus em relação ao Filho e à literatura sagrada, além de investigar os suportes que preservaram esses textos.

Palavras-chave: Bíblia. Literatura Sagrada. Materiais de escrita. Comunicação Divina.

ABSTRACT

This article examines the uniqueness of the Bible as sacred literature, highlighting its role as divine communication and its cultural, historical, and theological relevance. It analyzes the relationship between the incarnate Son, sacred literature, and the writing process, addressing how the word of God has influenced the history and spirituality of civilizations. Drawing on authors such as Grudem, Moody, and Cheung, the research proposes that sacred literature represents divine revelation, strengthens community faith, and reflects theological meanings in written materials. The objectives include exploring the word of God in relation to the Son and sacred literature, as well as investigating the supports that preserved these texts.

Keywords: Bible. Sacred Literature. Writing materials. Divine Communication.

¹

²Acadêmico do curso de Pós-graduação lato sensu em Teologia Sistemática da FASSEB.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura sagrada, em especial a Bíblia, se configura não apenas como um texto religioso, mas também como uma obra literária de inestimável valor histórico, cultural e teológico. Este trabalho busca explorar a concepção da palavra de Deus entre a figura do Filho, a literatura sagrada e o processo de escrita, refletindo sobre como essa comunicação divina se manifestou ao longo da história. A importância de investigar as diferentes formas de revelação da palavra de Deus se justifica pela relevância cultural e espiritual da Bíblia, que influenciou não apenas a história do cristianismo, mas também moldou diversas civilizações ao longo dos séculos.

O problema de pesquisa que emerge desta análise é como a comunicação da palavra de Deus, seja por meio da encarnação de Cristo, seja através dos escritos sagrados sob diferentes suportes de escrita impactaram a preservação e a compreensão da literatura sagrada ao longo do tempo contribuindo para a formação da identidade espiritual e cultural dos povos? A hipótese provisória vem na afirmação de que a literatura sagrada além de corresponder a revelação divina, também desempenha um papel fundamental na edificação e formação da fé das comunidades ao longo do tempo. Além disso, a escolha dos materiais utilizados na escrita da Bíblia reflete não apenas aspectos práticos, mas também significados teológicos e culturais que moldaram a experiência religiosa dos povos.

A base teórica deste trabalho está ancorada em autores que discutem a natureza da revelação divina, a função da literatura sagrada e a relação entre a palavra de Deus e sua materialização escrita, entre outros, Grudem (1999), Moody (2016) e Cheung (2003). Os objetivos deste estudo incluem: 1) explorar os significados de Palavra de Deus e sua relação com o Filho encarnado de Deus, a literatura sagrada, a escrita e a comunicação pessoal; 2) discorrer sobre os suportes da literatura sagrada, os materiais utilizados em sua confecção.

1. CONCEITUANDO A PALAVRA DE DEUS: ENTRE O FILHO, A LITERATURA SAGRADA E A ESCRITA

Na visão predominante entre os cristãos evangélicos, a Bíblia Sagrada é considerada um manual de fé; tal perspectiva também se aplica, em certa medida,

a outras tradições cristãs e ao judaísmo. Acredita-se que a Bíblia seja uma das formas pelas quais Deus se revelou à humanidade, sendo, assim, definida como a revelação escrita de Deus ao ser humano.

Um termo amplamente associado à Bíblia é "Palavra de Deus". Esta expressão, frequentemente atribuída exclusivamente à Bíblia, apresenta características singulares que a diferenciam. No entanto, as Escrituras também utilizam outras nomenclaturas para referir-se à "Palavra de Deus", ampliando e especificando seu significado.

É importante lembrar que "Bíblia" deriva do termo grego *βιβλίον* (biblíon), que remete a pergaminho, papiro ou livro, e que a expressão grega *τὰ βιβλία τὰ ἅγια* (*ta biblia ta hágia*), ou seja, "livros sagrados", define a Bíblia como uma coletânea de escritos considerados sagrados e inspirados por Deus, dotando-a de caráter autoritativo.

Diversos teólogos, filósofos e estudiosos defendem a autoridade, a relevância e a supremacia da Bíblia. Como afirma Henry (1998, p. 34): "A Bíblia é autoritária porque é divinamente autorizada; conforme suas palavras: "Toda Escritura é inspirada por Deus" (2 Tm 3.16, ARA). Esta passagem indica que tanto o Antigo quanto o Novo Testamento são inspirados por Deus".

Quando se observa as questões doutrinárias sobre a palavra de Deus, logo se chega à conclusão de que a literatura sagrada apresenta várias formas em que a palavra de Deus foi revelada ao longo da história e a relevância da literatura sagrada já vem se estendendo por séculos. Diz-se que a palavra de Deus é apresentada sob várias formas, assim, tem-se: os decretos divinos, a comunicação pessoal na pessoa do profeta e através da pessoa divina do Filho encarnado, Jesus Cristo. Tais afirmações são enfatizadas por muitos teólogos.

A palavra de Deus na pessoa de Jesus Cristo é uma ideia afirmada por teólogos que dizem: "a Bíblia se refere ao Filho de Deus como "a Palavra de Deus." Em Apocalipse 19:13, João vê o Senhor ressuscitado Jesus no céu e diz, e seu nome é a Palavra de Deus (GRUDEM, p.59,2009)". Esse texto traz ênfase sobre o personagem principal do Cristianismo como a literatura na forma encarnada.

Contudo, a ênfase é abordar sobre a literatura sagrada em forma escrita e seu contexto e aspectos históricos, tanto como obra escrita, através da sua

estrutura e gramática, quanto um livro sagrado, pois ela como literatura se é um livro autoritário e sobre sua autoridade e sua importância afirma Henry:

Levar a Bíblia em consideração é, portanto, decisivo para o curso da cultura ocidental e, com o decorrer do tempo, para a civilização humana em geral. A revelação divina inteligível a base da crença na autoridade soberana do Deus Criador e Redentor sobre toda vida humana, jaz na confiabilidade do que a Escritura diz acerca de Deus e seus propósitos (HENRY, 1998, p. 34).

Portanto a bíblia enquanto literatura sagrada é um livro digno de muita análise e estudo, pois ela carrega consigo uma variedade culturas e marcas, se ao mesmo tempo uma mensagem relevante, pois é a obra literária mais importante ao longo da história, a Bíblia é um livro encantador até mesmo para quem a analisa criticamente.

A literatura sagrada em forma escrita: a Bíblia

Ao mesmo tempo em que encontramos a palavra de Deus em forma de um homem: Jesus Cristo, em forma de decretos divinos, encontra-se também na forma de comunicação escrita, ou seja, na materialização da inscrição gráfica sob o suporte de escrita cujo produto é a literatura sagrada. Evidentemente essa produção foi resultante de um processo longo, demorado e cuidadoso.

O primeiro grande exemplo desse processo está registrado no próprio texto sagrado onde se diz: “Quando o Senhor terminou de falar com Moisés no monte Sinai, deu-lhe as duas tábuas da aliança, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (Êx 31:18). O que cabe destaque aqui é o registro que identifica o primeiro material utilizado quando da escrita do texto sagrado, ou seja, uma pedra. No decorrer da história outros materiais foram utilizados, apontando para a seriedade que os judeus conduziam o processo de escrita da Torá.

Ou seja, receberam o texto como está registrado no versículo citado, mas ao mesmo tempo se é dito o que Moisés fez com essa revelação escrita posteriormente após a revelação e sobre isso sem hesitar informa Weber: “O objeto material são os textos bíblicos que envolvem as placas de pedra que

receberam uma inscrição divina. Pertencem ao contexto histórico-geográfico e cultural do antigo Israel e, com isso, do antigo Oriente Próximo”⁸

Fica evidente que o processo de comunicação e o processo de escrita era levado muito a sério no meio dos judeus, e nesse caso ainda que fosse uma pedra, procuravam ser fiéis ao conteúdo e ao processo da escrita, e a existência da Torá⁹ até nos dias de hoje é uma prova de tal prática.

Porém existem muitas fragilidades na ideia e interrogações sobre esse processo de comunicação oral e depois o escrito, e cabe destaque que vários questionamentos que constantemente são levantados sobre como seria a autenticidade e a capacidade desse processo de comunicação oral nos textos da bíblia sagrada, todavia, relevantes obras literárias ao longo da história da escrita foram resultantes da comunicação oral e posteriormente transliterados para outros materiais.

A prática de se apresentar fatos, contos e histórias não é algo específico de séculos passados e nem somente dos judeus, por exemplo, se analisar os textos de tradição oral se definem como histórias contadas em voz alta por um narrador a um grupo de ouvintes, e as obras literárias mais famosas do mundo antigo passaram por tal método. Nesse caso a literatura sagrada não foge a essa regra, o processo de recebimento do conteúdo e a transliteração para o papel mostra a normalidade desse processo.

Outra consideração importante é o fato de a Bíblia ser o resultado desse processo de comunicação e transliteração dos judeus, logo a literatura sagrada é uma obra não feita com imagens, porém com escrita, não com desenhos, porém com palavras, com textos e gramática para ser lida e examinada, sobre isso é possível afirmar:

Se imagens são superiores, então, por que a Bíblia não contém nenhum desenho? Não seria a sua inclusão a melhor maneira de se assegurar

⁸ Disponível em: <https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/24201/1/Fabiola%20Weber.pdf>. Último acesso em 10/05/2022

⁹ Torá (do hebraico תּוֹרָה, significando instrução, apontamento) é o nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh. (também chamados de Hamishá Humshêi Torá, חמשה חומשי תורה - as cinco partes da Torá) e que constituem o texto central do judaísmo. Contém os relatos sobre a criação do mundo, da origem da humanidade, do pacto da Divindade com Abraão e seus filhos, e a libertação dos filhos de Israel do Egito e sua peregrinação de quarenta anos até a terra prometida. As Leis e os mandamentos e instruções do Eterno foram dadas a Moisés para que a entregasse e ensinasse ao povo de Israel.

que ninguém formasse imagens mentais errôneas, se são elas deveras um elemento essencial na comunicação teológica? Mesmo se imagens fossem importantes na comunicação teológica, o fato de que Deus escolheu usar palavras-imagens ao invés de desenhos reais, implica que as palavras são suficientes [...] (CHEUNG, 2003, p.12)

Quando se aborda a linguagem usada para a escrita da Bíblia é uma linguagem definida como *antropomorfismo* que é definido como uma linguagem divina entendida pela linguagem humana, e é por isso que o fato de que estas palavras serem ditas em linguagem humana não limita o seu caráter ou a autoridade divina de qualquer forma; pela literatura sagrada se entende o fato de que Deus nivela sua linguagem ao ser humano com o propósito de uma melhor comunicação, por isso se afirmar que:

[...] sendo espírito, Deus, na sua natureza essencial, é invisível. A Bíblia mostra que, às vezes, Deus assumiu uma forma física para se comunicar com alguém (Gn 18), mas isso não quer dizer que Deus tem um corpo. Também, quando a Bíblia fala em “mãos de Deus” (Is 45.12), não significa que Deus tem uma mão literal. A Bíblia usa expressões antropomórficas para descrever Deus de maneira pertinente (FERREIRA/MYATT, 2012, p.38).

A existência de uma linguagem técnica estabelecida da literatura sagrada por parte de Deus aponta para uma simplificação na linguagem para com o homem e tem como o propósito de uma melhor escrita por parte autores do texto sagrado, e de uma melhor compreensão por parte de quem lerá a literatura sagrada, por isso que a realidade sobre esse processo de comunicação é que:

A fim de fazer-se conhecido ao homem, Deus teve que condescender em nivelar-se ao homem, acomodar-se à limitada e finita faculdade cognitiva e psíquica humana, e falar em língua humana. Se denominar Deus como nomes antropomórficos envolve limitação de Deus, como dizem alguns, isso com maior razão e em maior grau é verdade quanto à revelação de Deus na criação. (BERKHOF, 1949, p.38).

Quando ainda se trata sobre evidências históricas e arqueológicas sobre esse processo talvez o legado mais relevante dos últimos anos foi revelado em 1947, como sendo a maior descoberta da literatura sagrada na época contemporânea que foram os manuscritos do Mar Morto, quando nas cavernas de *Qumran* em que foi achada umas cópias completas de textos de livros da bíblia sagrada, cabe

destaque se afirmar que a arqueologia contribui para a confirmação da existência desses manuscritos.

Desde a descoberta muitas obras literárias tem afirmado como foi o processo de descoberta dos manuscritos, quanto a sua importância e sobre sua descoberta se afirma: Em algum momento no início da primavera de 1947, um garoto beduíno chamado Muhammed, o Lobo, pastoreava umas cabras perto de um rochedo na margem ocidental do mar Morto. Escalando a rocha para reconduzir ao rebanho uma cabra que se afastara, o menino se deparou com uma caverna que nunca tinha visto e jogou uma pedra em seu interior. Ouviu um barulho incomum de coisas se quebrando. Assustou-se e fugiu. Mais tarde, no entanto, voltou com outro menino e juntos exploraram a caverna. Ela continha diversos jarros altos de argila, entre os cacos de outros jarros. Quando retiraram as tampas, sentiram um cheiro muito ruim que se desprendia dos objetos escuros e oblongos encontrados em todos os jarros. Levaram tais objetos para fora da caverna e então viram que estavam envoltos em faixas de linho e recobertos de uma substância preta que parecia piche ou cera. Desembrulharam-nos e descobriram longos manuscritos, o texto anotado em colunas paralelas sobre folhas finas costuradas entre si. Embora desbotados e rotos em alguns lugares, os manuscritos em geral apresentavam extraordinária nitidez. (WILSON, 2009, p.7)

Os textos foram cópias do livro de Isaías, fragmentos de Gênesis, Levítico, Deuteronômio e textos do livro de Juízes foram encontrados em um ótimo estado, o que mostra o cuidado com esses manuscritos por parte dos judeus, e essa mensagem está bem clara no estado de altíssima conservação desses documentos.

Esses manuscritos foram datados do século 1º ou 2º no máximo. O que impressiona e ao mesmo tempo é outra lição apresentada pelos judeus sobre esses achados e o seu rigoroso processo de transliteração do texto através da comunicação oral.

2. A LITERATURA SAGRADA COMO DECRETO DIVINO

Na ótica doutrinária da bíblia sagrada está nítido que os decretos de Deus são as palavras de Deus, e que tais palavras exercem consequências que chegam a impressionar tanto pela poderosa capacidade de ação, quanto aos decretos que fazem as coisas acontecerem ou fazer as coisas vir à existência.

Já no início da Bíblia esta doutrina está inserida, é o que diz a Bíblia de Jerusalém: Deus disse: “Faça-se a luz” E a luz foi feita (Gn 1:3), isso ainda aponta para uma expressão coercitiva de Deus, sobre esse texto um comentarista bíblico

afirma: “O autor apresenta a primeira palavra criativa de Deus”. Com facilidade incrível e ação deliberada, o Deus onipotente criou a luz. “Ele “enunciou a Sua palavra, e instantaneamente Sua vontade foi realizada” (MOODY, 2016, p.8)”.

A Bíblia de Jerusalém narra que enquanto a terra e o céu eram feitos por Deus mostra que o mesmo Deus que criou o mundo foi o mesmo que criou os animais e também repetindo o mesmo método que foi através de suas palavras poderosas, pois assim está escrito no primeiro livro da bíblia sagrada:

"E Deus disse: Que a terra produza seres vivos: animais, animais silvestres e répteis, segundo a sua espécie " (Gn 1:24). Assim, o salmista pode dizer: "Pela palavra do Senhor os céus foram criados, e o sopro de sua boca, as estrelas" (Sl 33:6).

O texto bíblico simplesmente apresenta a palavra de Deus como método de criação para o universo, logo assim se é apresentado o criacionismo e o salmo de 33 apresenta de uma forma muito clara essa verdade, o que aponta para a verdade do poder de um decreto divino através da sua forma de verbalizar tais decretos.

Portanto as palavras poderosas e criativas de Deus são frequentemente chamadas de decretos de Deus. Um decreto de Deus é uma palavra de Deus que faz algo acontecer, ainda sobre isso Grudem afirma sem hesitar que “estes decretos de Deus incluem não apenas os eventos da criação original, mas também a continuada existência de coisas, porque Hebreus 1:3 nos diz que Cristo é constantemente "sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa."(GRUDEM, 2009, p.60)

3. A LITERATURA SAGRADA COMO COMUNICAÇÃO PESSOAL

Constantemente na Bíblia sagrada é apresentado um método de palavra de Deus através do processo de comunicação pessoal, sendo assim o emissor da mensagem é próprio Deus e o receptor passa a ser o ser humano, e esse processo de comunicação irá permear constantemente as páginas da literatura sagrada.

A palavra de Deus enquanto comunicação pessoal porta exemplos em toda a Bíblia, o que se permite dizer que é um método de palavra de Deus constante e que muitos personagens na narrativa Bíblica receberam esse

processo divino de comunicação, o que se permite afirmar que era um método comum.

Assim diz o texto do primeiro livro da literatura sagrada quando Deus se comunica a Adão: "E ele deu esta ordem: Você pode comer todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás. O dia em que comerdes desse fruto, certamente morrerás" (Gênesis 2:16-17). O que cabe destaque aqui é que quem disse tal advertência não foram profetas, nem sacerdotes, mais sim o próprio Deus.

Logo após o pecado de Adão e Eva, Deus ainda vem e fala diretamente e pessoalmente com eles, o conteúdo é apresentado através de palavras da maldição e de sentenças pela sua transgressão a comunicação direta dessa ordem divina descrita:

E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto destes ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. (Gn 3:16-17).

Isso aponta não apenas para uma comunicação direta da parte de Deus para com esses personagens nessa narrativa, como um Deus que esteve disposto a estabelecer uma punição para esses dois personagens que ouviram as claras esse processo de comunicação pessoal realizado pelo próprio Deus.

As pesadas consequências pela invalidez dessa comunicação são sentidas na grafia do texto, assim concorda: "[...] E à mulher disse. Para a mulher, Deus predisse sujeição ao homem, e sofrimento. Gravidez e parto seriam acompanhados de dores. A palavra *'asvon* descreve dores físicas e mentais (MOODY, 2016, p.20)".

Uma série de outras consequências se revela nessa narrativa que mostra com tanta ênfase a comunicação pessoal de Deus para com os homens, ainda se diz que "E a Adão disse: Dificuldades físicas, labuta árdua, aborrecimentos frustrantes e luta violenta foi concedida por quinhão ao homem, que foi definitivamente julgado pecador culpado. (MOODY, 2016, p.20)".

O que é fato é que essa comunicação se aplica algumas sentenças pela transgressão e desobediência à comunicação divina, o que se destaca na

referência bíblica citada, por isso o conteúdo dessa comunicação enquanto palavra de Deus ao longo da literatura sagrada sempre é carregada de instruções, advertências e promessas ao povo judeu e nas páginas do Novo Testamento aos povos de outras civilizações.

Outro exemplo importante de comunicação pessoal e direta de Deus com o povo é na entrega dos Dez Mandamentos: "*Deus falou*, e deu todos estes mandamentos:" Eu sou o Senhor vosso Deus. Eu te tirei do Egito, o país da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim... "(Êxodo 20:1-3)". Sobre essa comunicação divina, e sobre isso Moody comenta sobre o texto:

O Decálogo, ou as Dez Palavras (Dt.4:13) foi diretamente transmitido a todo Israel por uma voz audível e terrível, a voz de Jeová, soando como uma trombeta sobre a multidão (Êx. 19:16; 20:18). Aterrorizados com a experiência, o povo implorou que Deus não lhe falasse mais diretamente, mas através de Moisés. (MOODY, 2016, p.46)

No Novo Testamento, o batismo de Jesus, Deus, o Pai falou com uma voz do céu, dizendo: "Este é o meu Filho amado, eu estou bem satisfeito" (Mt 3:17). Nesse texto está registrado a comunicação direta e pessoal de Deus, algo captado pelas testemunhas oculares no dia do batismo de Jesus. Assim, informou o *hagiógrafo*: "O Céu se abriu, o Espírito Santo e o Pai manifestaram Sua aprovação. O Espírito desceu em forma de pomba e pousou sobre Ele. Feliz, o Pai não Se calou. "Este é Meu Filho amado", disse, "e estou muito feliz com Ele." A voz era clara, distinta, sem confusão (VELOSO, 2011, p.57).

Em diversas outras ocasiões em que Deus falou palavras de comunicação pessoal para indivíduos foi claro para aqueles que a ouviram, logo foram verdadeiramente as palavras de Deus que estavam ouvindo e, portanto, foram ouvir as palavras que tinham autoridade divina absoluta e eram absolutamente confiáveis.

Logo isso implica em dizer que qualquer um dos judeus que ousassem desobedecer a qualquer uma dessas palavras teria o mesmo peso de desobedecer a Deus e, portanto, seria classificado como uma prática do pecado o que não era nada nobre no meio dos hebreus.

Isso é apresentado de uma forma mais clara ao longo da literatura sagrada principalmente pela figura de um representante divino para os judeus que era o

profeta, passa a ser relevante destacar que tal ofício era de uma responsabilidade em altíssimo nível para os judeus.

A imagem do profeta se diferenciava da figura do sacerdote, pois enquanto o sacerdote oferecia sacrifícios dos judeus através de animais para Deus, ou seja, o sacerdote levava a mensagem do povo para Deus, já a figura do profeta era quem levava a mensagem de Deus ao povo e assim sendo era o principal mensageiro.

O profeta descortinava a revelação divina aos judeus e a literatura sagrada dá muita ênfase a esse personagem, sobre sua relevância para os judeus Junior chega a afirmar que:

As mensagens dos profetas não eram predições heterogêneas anunciadas a esmo, quase como ladainhas enfadonhas de castigos. Nem sequer era a predição o aspecto principal da profecia. Pelo contrário os profetas eram proclamadores da retidão pregando tanto a lei quanto a promessa, a graça e o juízo para motivar o povo ao arrependimento e a uma vida de obediência dentro da vontade e do plano de Deus. (WALTER JUNIOR, 2009, p.161).

Portanto a figura do profeta para os judeus era a representatividade do próprio Deus através do processo de comunicação, tanto na tarefa de consolação, edificação e exortação, o que vale destacar é a relevante contribuição dos profetas para a formação da bíblia enquanto literatura sagrada o que contribui mais ainda para a relevância desse personagem pois sem eles tal processo seria comprometido.

4. OS SUPORTES DA LITERATURA SAGRADA

Para que a Bíblia Sagrada chegasse até nos dias de hoje nos formatos impressos e digitais, houve um processo longo dentre o seu surgimento, foi um processo de composição até a sua finalização um período que durou por volta de quase dezesseis séculos, considerando a finalização do Antigo e do Novo testamento.

No entanto alguns materiais foram utilizados ao longo desse percurso, para receberem o texto bíblico, dentre os que mais se destacam são o papiro, pergaminho, pedras, entre outros. E esses instrumentos foram materiais bastante eficientes na escrituração da literatura sagrada.

4.1 Literatura Sagrada em forma de pedra

O primeiro material que merece destaque é a própria pedra, esse tipo de material ganhou uma grande confiança, pois a sua durabilidade é notável em contraste com os pedaços de argila, por exemplo, que eram bem mais frágeis e acabavam desgastando o texto com bem mais facilidade.

O grande exemplo de documento importante para o homem em pedras foi o código de Hamurabi que é datado por volta do ano de 1.722 a.C., esse documento escrito em acádio que contém 281 mandamentos e que foram utilizados para unificar juridicamente o reino de Hamurabi.

O texto bíblico é enfático ao afirmar que diz: Quando o Senhor terminou de falar com Moisés no monte Sinai, deu-lhe as duas tábuas da aliança, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus (Êxodo 31:18) Sobre isso afirma-se um outro detalhe sobre a composição do texto em pedra: “Da mesma forma podemos entender que Deus utilizou as tecnologias de escritas vigentes para tais registros (SEMBLAMO, 2019, p.8).

Outros textos mostram a mesma prática da escrita do texto em pedras continuaram ao longo da história do povo hebreu: Será, pois, que, no dia em que passares o Jordão à terra que te der o Senhor teu Deus, levantar-te-ás umas pedras grandes, e as cairás. E, havendo-o passado, escreverás nelas todas as palavras desta lei. [...] (Deuteronômio 27:2,3). Tempos depois na gestão de Josué, o sucessor de Moisés o texto bíblico diz assim: “Então Josué edificou um altar ao Senhor Deus de Israel, no monte Ebal” (Js 8:30), e depois afirma: “Também escreveu ali, em pedras, uma cópia da lei de Moisés, que este havia escrito diante dos filhos de Israel” (Js 8:32).

Portanto pela facilidade e pela sua enorme durabilidade e eficácia, a pedra era uma tecnologia muito relevante para a escrita do texto bíblico, os dez mandamentos que era um documento que continha o padrão ético e moral dos judeus foi escrito em pedras e tal prática se perdura por mais tempo como escrito acima. Sobre tal realidade um comentarista afirma:

Em pedras. Não as do altar, mas grandes colunas, tais como as estelas de 2,13ms de altura do famoso Código de Hamurabi, com suas 3.654 linhas de texto. De acordo com Dt. 27: 2-4,8, estas pedras deviam ser caiadas para receberem a inscrição. Os egípcios costumavam cair pedras antes de escrever ou pintar sobre elas com tinta preta (MOODY, 2016, p.28).

4.2 Literatura Sagrada em forma de madeira

Uma dificuldade lógica no texto escrito em pedra é o peso que tais documentos portavam que sem qualquer dúvida se gerava um desconforto, é nesse momento que os hebreus mudam o material em que o texto estava escrito e passando a usar a madeira.

Uma referência na literatura sagrada aponta tal verdade: Então o Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler quem passa correndo. Habacuque 2:2. A expressão “tábuas” remete a uma espécie de *outdoor* em que deveria ser visível para o povo. Sobre isso é possível dizer ainda:

Diferentes tipos de materiais eram usados para fazer registros, uma vez que os judeus tiveram contato com todas as civilizações do Oriente Próximo. (Isaias e Jeremias usaram códices, embora Isaias também tenha usado tabuinhas (Is. 30:8)). Pode-se supor racionalmente que Habacuque registrou a sua visão em uma tabuinha de barro, a qual ele apresentou a muitas pessoas. (MOODY, 2016, p.12).

Outra referência bíblica está assim mostra a prática de escrita em madeiras portando conteúdo de passagens bíblicas e nesse já se encontra já nas páginas do Novo Testamento:

E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino, e lhe chamavam Zacarias, o nome de seu pai. E, respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João. E disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome. E perguntaram por acenos ao pai como queria que lhe chamassem. E, pedindo ele uma tabuinha de escrever, escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam. (Lc 1:59-63).

Comenta-se o texto acima “Em resposta à sua pergunta, Zacarias pediu uma tabuinha. *Pinakidion* (tablet), usado somente aqui no Novo Testamento, refere-se a uma pequena, de madeira, cobertas de cera” (MACARTHUR, 2019, p. 2105). Está expresso que o material utilizado para escrever a narrativa bíblica foi uma tábua, pois aponta para a realidade de ser mais comum de se achar de todos os materiais que receberam o conteúdo bíblico.

4.3 Literatura sagrada em forma de papiros

Outro material de extrema relevância foi o papiro, a literatura sagrada foi escrita com esse tipo de material durante um tempo expressivo, os papiros mostram a sua contribuição para a formação do texto, os papiros eram uma espécie de papel grosseiro feitos com as fibras de junco do Egito a folha do papiro era feita com a medula do caule cortada em tiras estreitas e postas em duas camadas transversais sobre uma superfície plana.

Depois eram batidas com um objeto de madeira, e se colavam por causa da substância liberada da medula. Em seguida era seca ao sol e alisada, e estava pronta para a escrita o tamanho médio de uma folha era de 18 x 25cm, que podia variar de acordo com a finalidade (GOMES, s/d).

A margem do começo do rolo era ainda maior. Nos rolos utilizados com maior frequência, usa-se um bastão roliço, cujas pontas sobressaíam acima e abaixo. E sobre a importância do papiro como matéria prima para a literatura sagrada e os achados arqueológicos de textos em papiros se diz que:

O impacto da papirologia sobre os textos bíblicos foi fenomenal. Muitos desses papiros datam do primeiro século da era cristã. [...] além disso os papiros gregos não bíblicos ajudaram a esclarecer o significado das palavras bíblicas cuja compreensão ainda era duvidosa, e lançaram luz sobre outras que já eram estendidas. (SOBREIRA, 2009. p.19).

4.4 Literatura sagrada em forma de pergaminhos

Um material de extrema relevância e que por muito tempo serviu como matéria prima na composição da literatura sagrada, porém existem outros materiais em que foram escritos os textos da literatura sagrada e cabe um relevante destaque o pergaminho que foi o material que mais vezes foi utilizado para a escrita da literatura sagrada.

O pergaminho, que era mais durável que o papiro. O seu material era feito em peles de carneiro ou ovelha submetido a um banho de cal e em seguida raspada e polida com pedra-pomes. Depois eram lavadas, novamente raspadas e colocadas para secar em molduras de madeira a fim de evitar pregas ou rugas.

A etimologia vem da cidade de Pérgamo, onde processo foi desenvolvido por volta do século II a.C. Sobre isso afirma-se sobre a cidade de Pérgamo como importante centro cultural:

Como centro cultural sobrepujava Éfeso e Esmirna. Era famosa por sua biblioteca que continha 200.000 pergaminhos. Era a segunda maior biblioteca do mundo, só superada pela de Alexandria. Pergaminho deriva-se de Pérgamo. O papiro do Egito era o material usado para escrever. No século III a. C. EUMENES, rei de Pérgamo resolveu transformar a biblioteca de Pérgamo na maior do mundo. Convenceu a Aristófanos de Bizâncio, bibliotecário de Alexandria a vir para Pérgamo. Ptolomeu, rei do Egito, revoltado, embargou o envio de papiro para Pérgamo. Então, inventaram o pergaminho, de couro alisado, que veio superar o papiro. Pérgamo gloriava-se de seus conhecimentos e cultura. (LOPES, 2005.p.90).

Nota-se que o pergaminho uso já era conhecido desde o século XVIII a.C., só que bem menos utilizado do que o papiro. O pergaminho só conseguiu superar o papiro somente no século IV d.C., por causa do seu custo elevado, até o final da Idade Média, quando foi substituído pelo papel, que foi inventado na China começo do século I, e no século XII, foi introduzido na Europa por comerciantes árabes.

Os materiais que esses pergaminhos eram escritos com penas de bronze ou cobre e a tinta era feita a partir de substâncias vegetais ou minerais. A cor mais comum era preta ou a vermelha, todavia eram produzidas tintas douradas e prateadas. As linhas eram marcadas por um estilete, podendo ser horizontais ou verticais.

É perfeitamente possível mostrar a relevância e os benefícios desse material que foi utilizado na confecção da literatura sagrada dentro das páginas da própria literatura sagrada, o apóstolo Paulo está na sua segunda prisão, dentro de uma masmorra romana e escreve ao jovem Timóteo, o rapaz que por ele foi mentoreado as seguintes palavras conforme registra a bíblia Nova Versão Internacional: “Quando você vier, traga a capa que deixei na casa de Carpo, em Trôade, e os meus livros, especialmente os pergaminhos” (2Tm 4:13).

Está nítido que o pergaminho foi utilizado para a transliteração do texto bíblico, todavia o apóstolo Paulo mesmo preso pede para ter contato com esse material e sobre isso Carson diz: “Há também um interesse particular em rolos e pergaminhos. É impossível determinar o que era naqueles rolos e pergaminhos. Eles podem ter sido os textos da AT, ou talvez papéis pessoais de Paulo ou ambos (CARSON, 2009, p.1592).”.

Os pergaminhos cravaram sua importância na transliteração do texto bíblico e por isso merece destaque, outra referência bíblica que aponta sua

relevância, está escrito em Lucas “E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito (Lucas 4:17)” sobre esse texto se destaca o livro aqui escrito se refere a um pergaminho contendo o conteúdo do profeta Isaías.

Esses materiais descritos apontam para a matéria prima dentre qual a literatura sagrada foi escrita, cabe destaque o fato de não ter sido abordados todos os materiais, como por exemplo, pedaços de cerâmica, e outros, logo ainda acredita-se que alguns desses outros materiais foram as pedras preciosas devido ao texto bíblico que diz: “Também prepararam as pedras de ônix, engastadas em ouro, lavradas com gravuras de um selo, com os nomes dos filhos de Israel (Êxodo 39:6).”

Outro material apontado pelo texto bíblico como matéria prima para a transliteração do texto bíblico foi o metal, sobre tal prática afirma: “Apesar das inscrições em metal terem sido utilizadas muitos anos antes do papiro foram com o surgimento das moedas metálicas em substituição /às barras de metal (SEMBLANO, 2009, p.9)”.

Há uma referência bíblica que mostra tal realidade, pois assim está escrito: Também farás uma lâmina de ouro puro, e nela gravarás como as gravuras de selos: SANTIDADE AO SENHOR. Êxodo 28:36, o que é digno de admiração sobre essa prática dos hebreus em escrever trechos de metal é que se comenta sobre um achado de um manuscrito: “O manuscrito encontrado com um texto mais antigo da bíblia é uma gravura em prata, que contém a oração de Números 6:24-26 ¹⁰datada do século IV a. C., e descoberto apenas em 1979” (SEMBLANO, 2009, p.17).

4.5 Textos e crítica textual da literatura sagrada

Os antigos manuscritos da literatura sagrada são um material básico para examinar o texto bíblico com uma visão mais ampliada e ao mesmo tempo mais profunda, esse processo recebe o nome de crítica textual e por vezes chamado de alta crítica que tem como objetivo o estímulo da pesquisa mais aprofundada da literatura sagrada.

¹⁰ O Senhor te abençoe e te guarde; O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz ([Números 6:24-26](#))

Esses textos precisam ser analisados através de tal recurso e com a ajuda da crítica textual de uma forma consistente e eficaz o objetivo será sempre alcançado, embora aceita por muitos como uma obra literária divina, deve ser examinada com profundidade para que entenda a proposta e a mensagem desses escritores da bíblia, essa atividade se encaixa na crítica textual, sobre isso afirma:

Na crítica textual, examinamos o texto da passagem para decidir o que ele diz, antes de podermos determinar o que ele significa. Não faz sentido, na hora da exegese, o estudioso debater-se sobre uma palavra ou expressão difícil, caso essa palavra ou expressão seja uma corruptela. Em contrapartida, se um trecho difícil é original, nosso compromisso é entender o possível significado daquilo que o autor bíblico disse. (BROTZMAN/TULLY, 2021, p.12)

Cabe destaque abordar que a literatura sagrada está dividida em duas partes que são o antigo e o novo testamento, e quando trata sobre os textos e sobre a crítica textual, vale destacar sobre o trabalho árduo de um desses copistas e a sua imensa responsabilidade em ser fiel em sua transliteração.

Um grupo importante para a contribuição da crítica textual no período medieval foram os massoretas que produziram alguns desses manuscritos que eram cópias do antigo testamento e que prosperaram muito em seus escritos em épocas medievais, sobre seu legado na transliteração do texto massorético diz:

A história do texto massorético é um relato por si mesmo significativo. Esse texto da Bíblia hebraica é o mais completo que existe. Forma a base para nossas modernas Bíblias hebraicas e é o protótipo pelo qual todas as comparações são feitas no estudo textual do Antigo Testamento (BRUCE/ HENY/PACKER/HARRISON, 1992, p.211).

Os massoretas de Tiberíades (cujo local ficava perto do mar da Galiléia) contribuíram de uma forma impressionante, destaca-se o trabalho duro desses copistas no texto e os métodos de facilitarem o entendimento do texto e afirma-se “para os textos do antigo testamento pois padronizaram o texto consonantal, adicionaram pontos vocálicos e notas marginais pois o antigo alfabeto hebraico em sua gramática arcaica não tinha vogais” (BRUC; HENRY; PACKER; HANRRISON, p.212). Tanto esforço de pesquisas para o texto da literatura sagrada geraram muitos códices ¹¹ o mais antigo é o Códice Caireense (895 d.C)

¹¹ Pergaminho manuscrito, antigo, que contém obra de algum autor clássico: os códices do Vaticano.

atribuído a Moisés Ben Aser, o que ratifica mais uma cópia como contribuição, outro importante códice e o de Alepo. Sobre tal códice destaca-se que:

Esse manuscrito continha todo o Antigo Testamento e data da primeira metade do século X d.C. De acordo com notícias divulgadas, foi destruído em um tumulto antijudaico em 1947, porém mais tarde tal informe comprovou-se ser apenas parcialmente verdadeiro. Uma grande parte do manuscrito subsistiu e será usada como base para uma nova edição crítica da Bíblia hebraica a ser publicada pela Universidade Hebraica de Jerusalém (BRUCE; HENY/PACKER; HARRISON, 1992, p.211).

E por isso a crítica textual sendo executado em alto nível o resultado sempre será benéfica, mesmo o processo de transliteração sendo extremamente difícil, pois o depoimento das testemunhas, as variantes textuais e a degeneração natural da matéria prima foram alguns desses desafios. Portanto quando os textos da literatura sagrada são analisados, estudados e pesquisados mesmo com tantos desafios, os resultados vão sempre serem maiores do que as adversidades e os massoretas são um perfeito exemplo de tais transliterações da literatura sagrada vão contribuir para a colaboração desses textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interrogação inicialmente posta, ou seja, o problema que dirigiu a pesquisa, foi: como a comunicação da palavra de Deus, seja por meio da encarnação de Cristo, seja através dos escritos sagrados sob diferentes suportes de escrita impactou a preservação e a compreensão da literatura sagrada ao longo do tempo contribuindo para a formação da identidade espiritual e cultural dos povos? A hipótese provisoriamente sustentada foi: a literatura sagrada além de corresponder a revelação divina, também desempenhou um papel fundamental na edificação e formação da fé das comunidades ao longo do tempo. Além disso, a escolha dos materiais utilizados na escrita da Bíblia refletiu não apenas aspectos práticos, mas também significados teológicos e culturais que moldaram a experiência religiosa dos povos.

Ao longo deste estudo, foi possível observar a sustentação da tese uma vez que Palavra de Deus, em suas diversas formas de manifestação, não se limitou a ser um mero registro histórico, mas se configura como um veículo vital

de comunicação entre Deus e a humanidade. A encarnação da palavra de Deus na Pessoa de Jesus Cristo e a materialização dessa palavra através da escrita revelam uma relação intrínseca entre a divindade e a humanidade, que se expressa em uma multiplicidade de contextos e épocas.

A análise dos textos bíblicos e a investigação dos materiais utilizados na composição da Bíblia demonstram um compromisso dos autores sagrados em transmitir a mensagem divina com rigor e fidelidade. A pesquisa ressaltou a importância dos profetas, que atuaram como mediadores entre Deus e o povo, trazendo instruções e advertências que moldaram a espiritualidade da nação de Israel e, posteriormente, das comunidades cristãs. Em suma, a literatura sagrada, como um testemunho da palavra de Deus, não apenas influencia a prática religiosa, mas também contribui para a construção de identidades culturais e espirituais, perpetuando sua relevância na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCLAY. William. **Comentário de Apocalipse**. Barcelona: Editorial, CLIE, 2012.

BERKHOF. LOUIS. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Editora cultura cristã, 2019.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. Bíblia versão: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida Nova, 2011.

BORTOLINI, José. **Conheça o apóstolo Paulo**. Goiânia: Editora Paulus, 2008.

BROTZAMAN/TULLY. **Crítica Textual do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

BRUCE/HENRY/PACKER/HARRISON. **A Origem da Bíblia**. Rio de Janeiro: Editora CPAD 1998.

CARSON. Donald. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CHEUNG. Vicent. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Arte Editorial, 2003.

EDMUND. Wilson. **Os Manuscritos do Mar Morto**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2009.

FERREIRA/MYATT. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

GOMES, Nataniel dos Santos. **A História Manuscrita do Novo Testamento.** Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ3_05.htm. Acesso em 10/12/2024.

LOPES. Hernandes. **Comentário de Apocalipse.** São Paulo: Editora Hagnos .2005.

LOPES. Hernandes. **Paulo, o maior líder do cristianismo.** São Paulo: Editora Hagnos, 2009.

MOODY, Comentário Bíblico: **Gênesis a Deuteronômio.** São Paulo: Ed Batista Regular, 2016.

SEMBLANO. Martinho. **Materiais utilizados no processo da Bíblia.** São Paulo: Editora Scrpitura, 2019.

SOBREIRA, Antonio Gonçalves. **Arqueologia Bíblica.** São Paulo: Editora SOBREIRA, 2009.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições:** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VELOSO, Mario. **Comentário Bíblico Homilético.** São Paulo: Casa publicadora brasileira, 2011.

WILSON JUNIOR. Walter. **O Plano da promessa de Deus.** São Paulo: Editora vida Nova, 2009.